

## Anexos

### I. LXI - Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa Interactiva

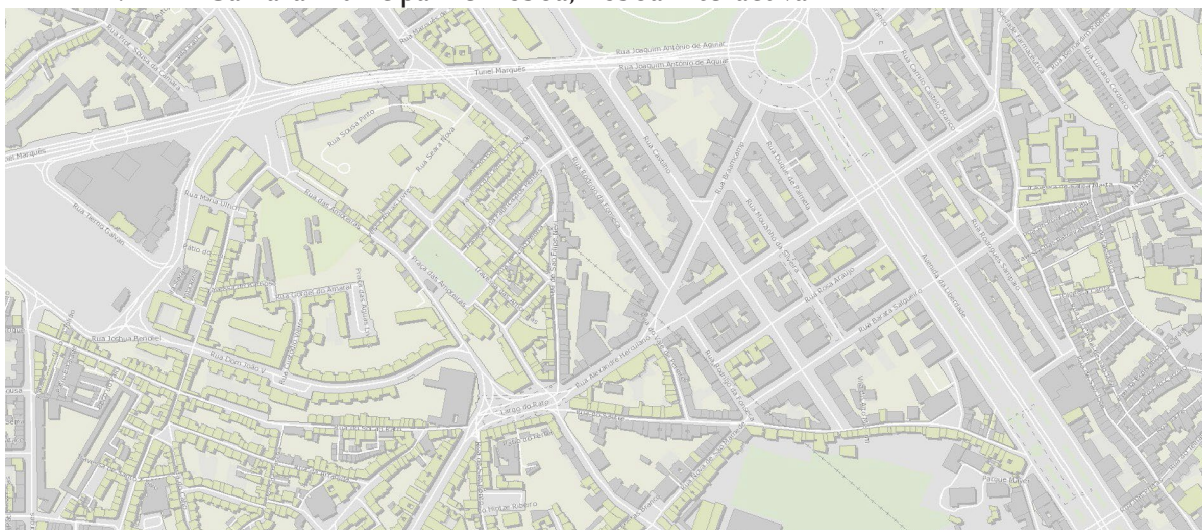


Fig.1 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Clássico - Moradia



Fig.2 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Industrial



Fig.3 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Militar



Fig.4 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Religioso



Fig.5 Edificado - Classificação Tipológica - Palácio - Palacete



Fig.6 Edificado - Classificação Tipológica - Pátio - Vila



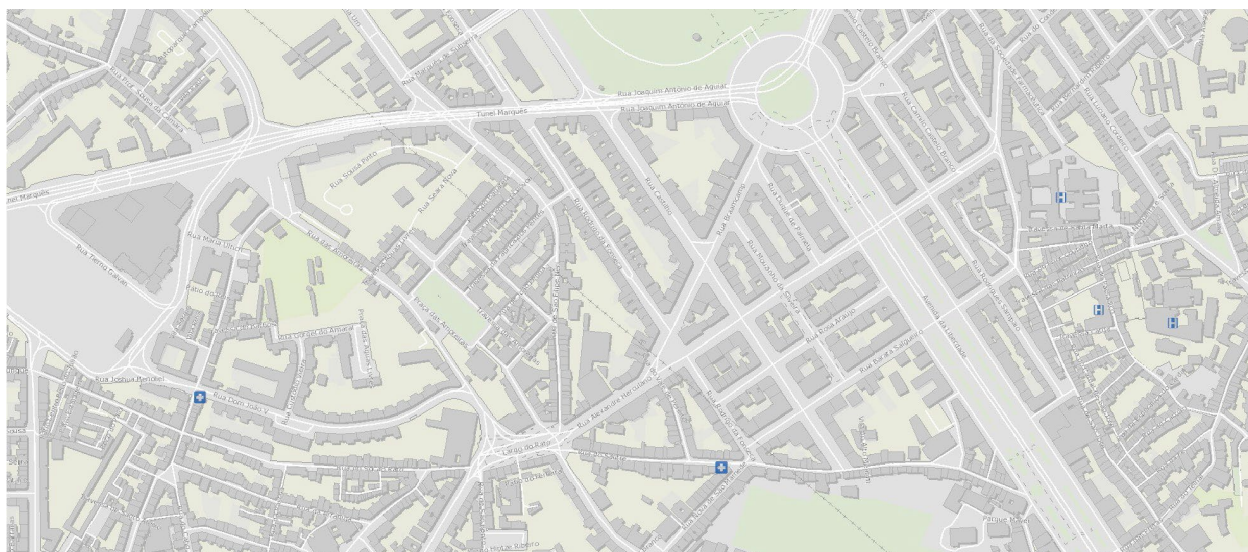
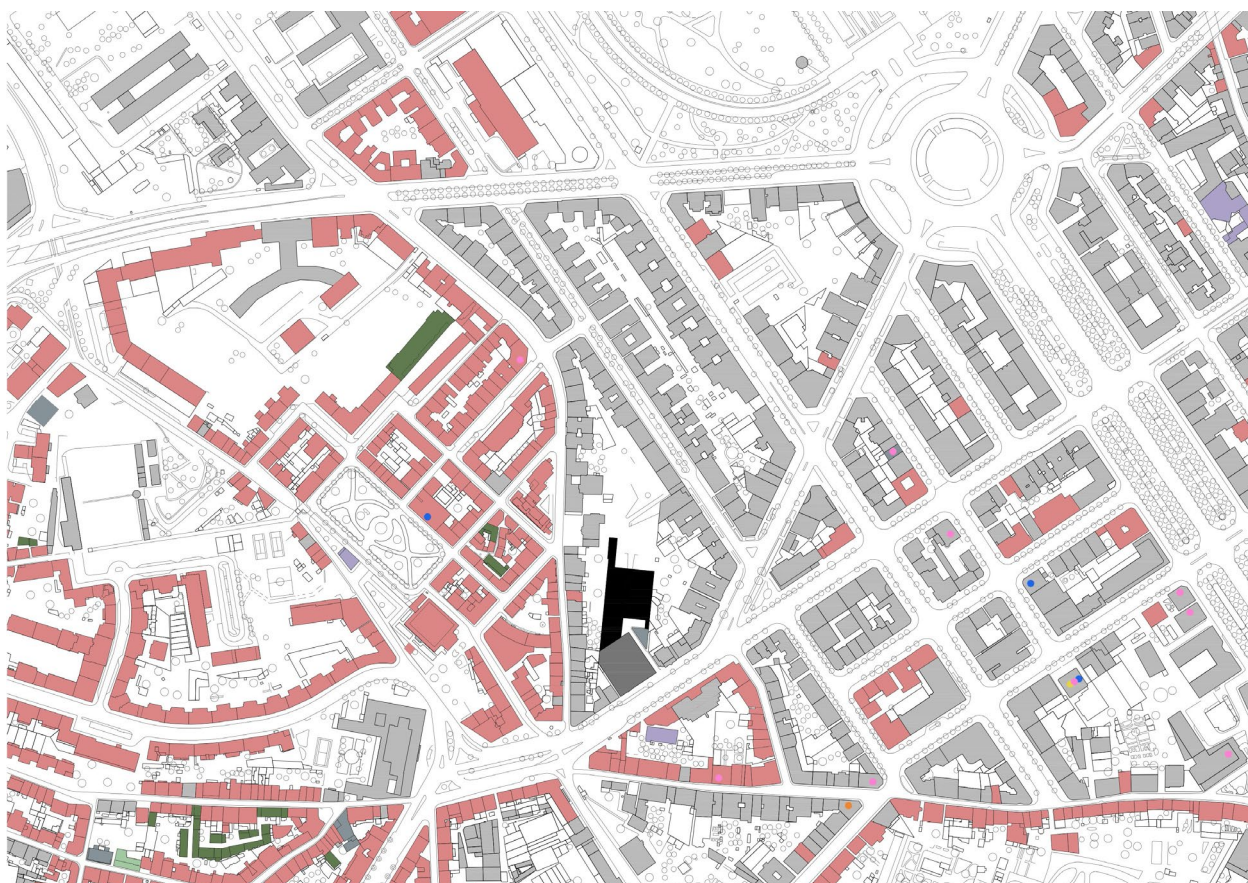


Fig.10 Equipamentos - Saúde



**Classificação Tipológica**

- Edifício clássico moradia
- Edifício industrial
- Edifício religioso
- Palácio - Palacete
- Pátio - Vila

**Cultura/Lazer**

- Biblioteca
- Museu
- Cinema
- Saúde

Fig.11 Classificação - elaborado pelo autor com base nas diversas plantas do LXI



Fig.12 Património - Classificado - Admin. Central - Património Classificado



Fig.13 Património - Classificado - Admin. Central - Em vias de Classificação



Fig.14 Património - Classificado - Municipal - Imóveis de Interesse Municipal



Fig.15 Património - Classificado - Municipal - Imóveis em vias de Classificação



Fig.16 Património - PDM - Carta de Património - Conjunto Arquitectónico



Fig.17 Património - PDM - Carta de Património - Imóveis

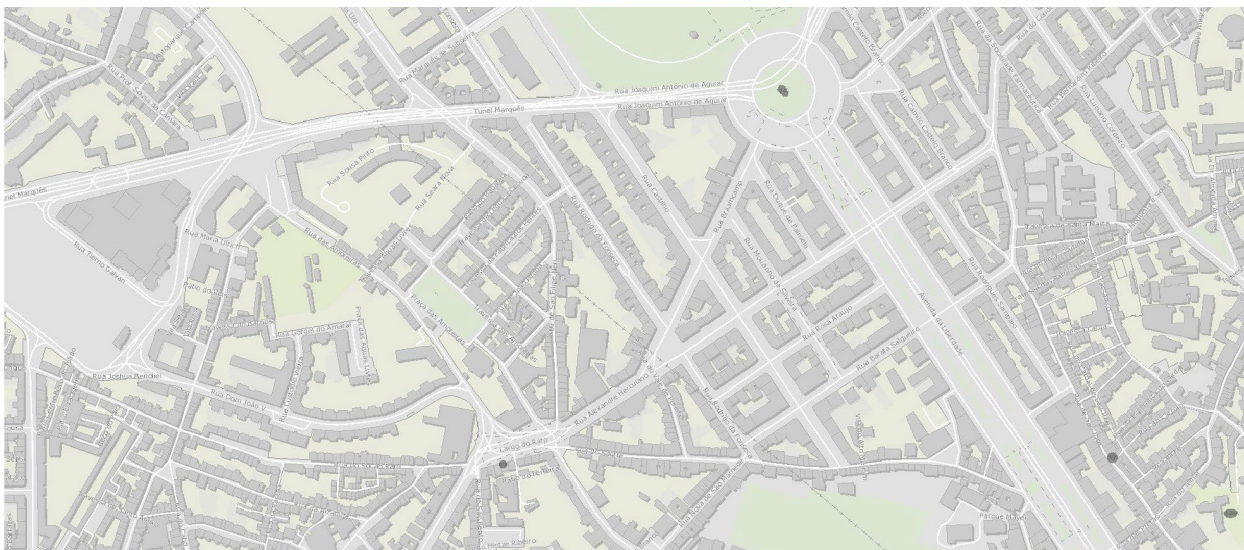


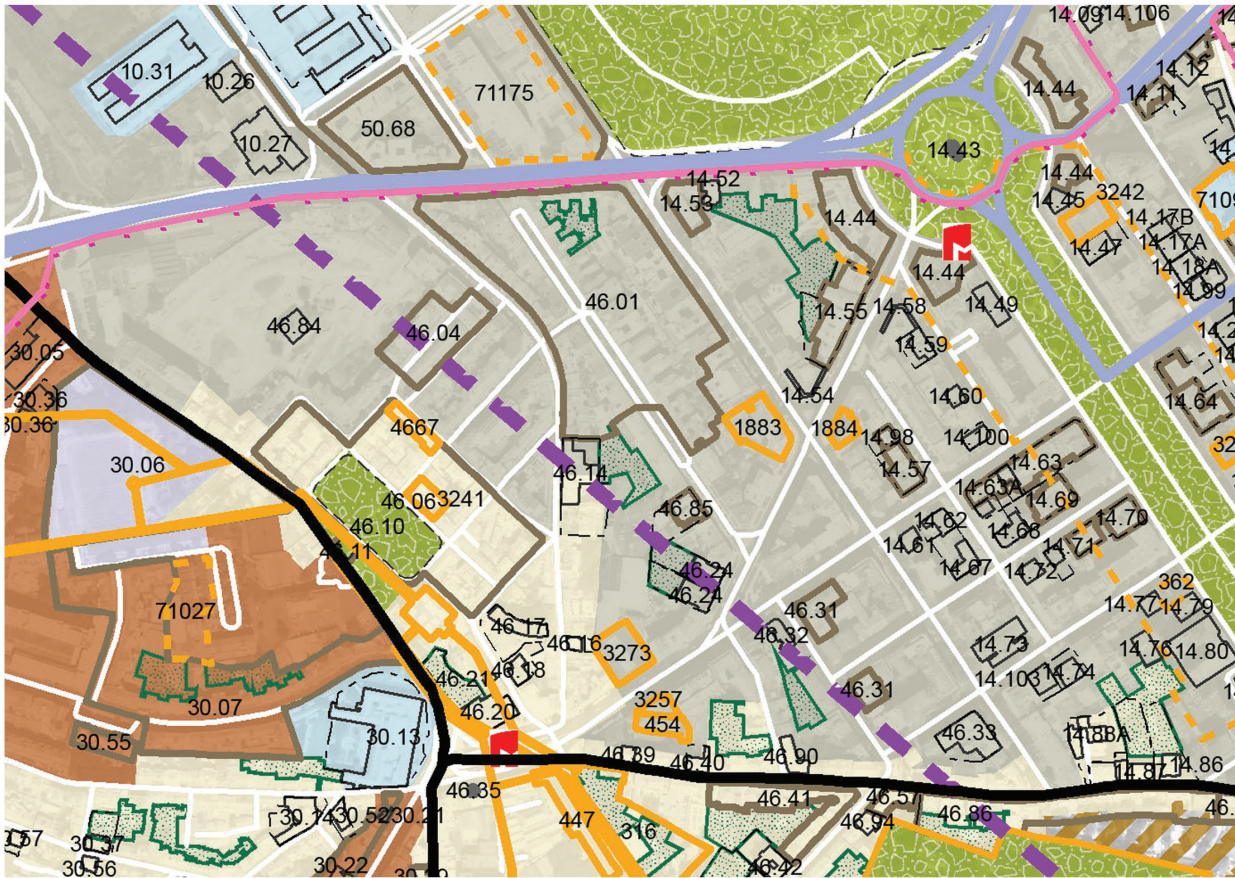
Fig.18 Património - PDM - Carta de Património - Objectos Singulares



Fig.19 Património - Arquitectura Premiada - Prémio Valmor

Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, *LXI Lisboa Interactiva*, <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi> (acedido em 16.09.16)

## 2. PDM, Plano Director Municipal de Lisboa



### USO DO SOLO

#### ESPAÇOS CONSOLIDADOS

- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano A
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano B
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano C
- Espaços Centrais e Residenciais - Traçado Urbano D
- Logradouros Verdes Permeáveis a Preservar
- Espaços Verdes de Recreio e Produção
- Espaços Verdes de Proteção e Conservação
- Espaços Verdes de Enquadramento a Infraestruturas
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos com Área Verde Associada
- Espaços de Uso Especial de Infraestruturas
- Espaços de Uso Especial Ribeirinho

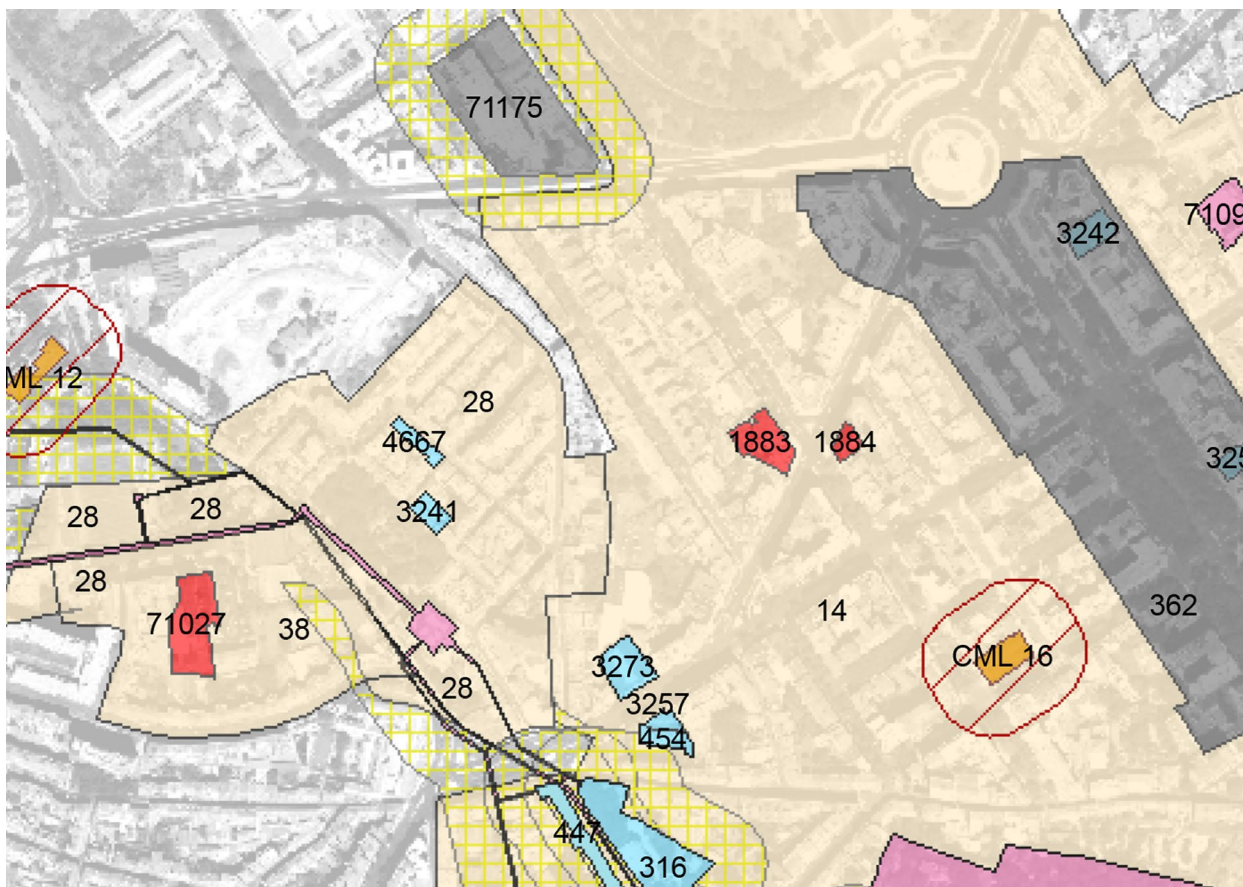
### PATRIMÓNIO EDIFICADO E PAISAGÍSTICO

- Imóveis Classificados
- Imóveis em Vias de Classificação
- Objetos Singulares e Lojas de Referência Histórica e/ou Artística
- Imóveis
- Conjuntos Arquitetónicos
- Logradouros
- Património Paisagístico

### REDE VIÁRIA

- | existente   | prevista   |                                       |
|---|--|---------------------------------------|
| <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px solid red; margin-right: 5px;"></span>    | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px dashed red; margin-right: 5px;"></span>    | 1.º Nível - Rede Rodoviária Nacional  |
| <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px solid red; margin-right: 5px;"></span>    | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px dashed red; margin-right: 5px;"></span>    | 1.º Nível - Rede Rodoviária Municipal |
| <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px solid blue; margin-right: 5px;"></span>   | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px dashed blue; margin-right: 5px;"></span>   | 2.º Nível - Rede Rodoviária Nacional  |
| <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px solid blue; margin-right: 5px;"></span>   | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px dashed blue; margin-right: 5px;"></span>   | 2.º Nível - Rede Rodoviária Municipal |
| <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px solid purple; margin-right: 5px;"></span> | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; border-bottom: 2px dotted purple; margin-right: 5px;"></span> | Túneis/Viadutos Ferroviários          |
- 
- Paragens de Comboio existentes
  - Estações de Metro existentes
  - Estações de Metro em construção
  - Estações de Metro previstas

Fig.20 Qualificação do Espaço Urbano



-  Património Mundial
-  Monumento Nacional
-  Conjunto de Interesse Público
-  Monumento de Interesse Público
-  Imóveis de Interesse Público
-  Imóveis em Vias de Classificação
-  Zona de Proteção dos Imóveis
-  Zona Especial de Proteção
-  Zona Non Aedificandi
-  Imóveis de Interesse Municipal
-  Imóveis em Vias para Interesse Municipal
-  Zona de Proteção de Imóveis em Vias de Classificação Municipal
-  Limite do Município

Fig.21 Servidões Administrativas e Restrições de Utilidade Pública II  
 Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, PDM, Plano Director Municipal de Lisboa, <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal> (acedido em 10.08.16)

### 3. PUALZE



Fig.22 Área de Intervenção do PUALZE

### 3.1. Folha Síntese PUALZE

- Estratégia Nacional para o Desenvolvimento Sustentável (ENDS) - Objectivos: sociedade do conhecimento; valorização do Património; mais equidade, igualdade de oportunidade e coesão social
- PROTAML - dinamismo a centro tradicional. Implantação de actividades inovadoras e de qualidade. Revitalização do centro - inversão da degradação física e funcional do parque edificado e espaço público. Estabilização de tecido consolidado.
- Aspectos socioeconómicos (Censos 2001): População residente - estrutura demográfica duplamente envelhecida, proporção de idosos de 30.5% face a jovens (0-14) de 9.2% (na cidade: idosos 23.6%, jovens 11.6%), agregado familiar (2.06), relação de emprego e residentes é de 4 (1hab. para 4 empregos)
- História e Memória, associados ao Plano. Fios condutores da exploração de percurso temático e unidades de intervenção, particularmente no espaço público. Espaço Público (entre os quais, Mercado do Rato) - projectos de reabilitação que os valorizam e os interligam em termos funcionais, físicos e estéticos. Rotura actual - tráfego de atravessamento, fragmentação do espaço público, inadequado mobiliário urbano, ausência de potenciação dos espaços de estadia existentes
- PUALZE - Espaços Públicos - criação de percursos e aberturas de novos espaços à cidade; melhores condições à população residente; fixação de nova população; comércio de qualidade; atrair visitantes, revitalizar; zonas de estadia e convívio; locais cuidados, aprazíveis; identidade dos sítios e coesão social. Criação de novos espaços públicos e melhorar a sua segurança e conforto para peão. Entidade própria, objecto de desenho específico. Forte tradição de vivência colectiva - espaço público possui potencial de renovação; pensar numa lógica sistémica e integrada, não como somatório de espaços, autónomos. Intervenção arquitectónica - criativa, pragmática, salvaguardar o património, valorização da imagem urbana da cidade. Novos programas, novos espaços e centros de interesse - vivência urbana contemporânea, adequação à época presente.
- Mercado do Rato (SUOPG 2) - malha de transição, fronteira, intervenção de grande importância urbanística. Grande dimensão, propriedade camarária, estreitas ligações à Rua Alexandre Herculano e à Rua Rodrigues da Fonseca. Objectivo - revitalizar interior de quarteirão, integração na malha urbana, reformular mercado associando-lhe habitação, comércio compatível com mercado, equipamentos de apoio local a definir, serviços, 650 lugares de estacionamento - necessário adquirir um lote com frente mínima de 6m para a Rua S. Filipe Neri, para garantir boa acessibilidade ao parque. Prevê a eventualidade de uma futura ligação à Garagem Auto-Palace - estrutura e fachadas deverão ser mantidas. 650 lugares estacionamento. Equipamento a definir; serviços.

Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, PUALZE, Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade e Zona Envolvente, <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-da-avenida-da-liberdade-e-zona-envolvente> (acedido em 23.08.16)

#### 4. Levantamento dos Mercados de Lisboa



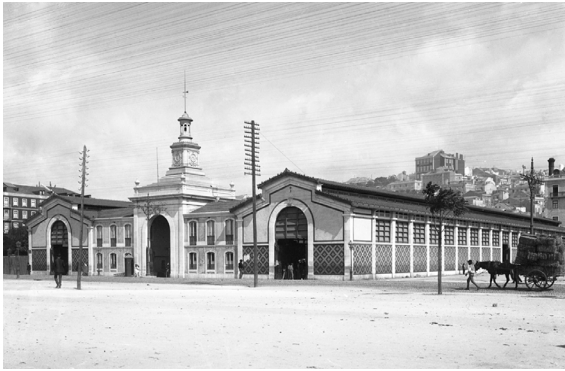
Fig 23 <https://www.google.pt/maps/@38.7419377,-9.1851505,12483m/data=!3m1!1e3>

**1. 1877**  
 Mercado Oriental  
 (Mercado de St. Clara)  
 Fig.24,25 <http://lis-boahojeeontem.blogspot.pt/2013/04/mercado-de-santa-clara.html>



**2. 1881**  
 Mercado Ocidental  
 (Mercado de S. Bento)  
 demolido 1938  
 Fig.25,26 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/12/mercado-de-s-bento.html>

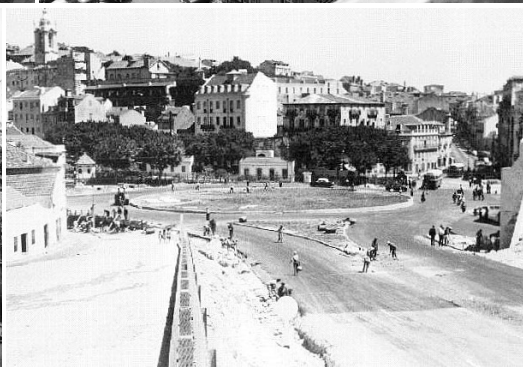




**3. 1882**  
 Mercado da Ribeira  
 Fig. 27,28 <http://lisboahojeentem.blogspot.pt/2012/11/mercado-da-ribeira-avenida-24-de-julho.html>



**4. 1885**  
 Mercado Pr. Figueira demolido 1949  
 Fig.29,30 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/07/mercado-da-praca-da-figueira.html>



**5. 1905**  
 Mercado de Alcântara demolido 195-  
 Fig.31,32 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/11/mercado-de-alcantara.html>



**6. 1924**  
 Mercado 31 de Janeiro renovado 1989  
 Fig.33 <http://observador.pt/especiais/saldanha-picoas-historia-visual>. Fig.34 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-31-de-janeiro>



**7. 1927**  
 Mercado do Rato  
 Mercado 1º Dezembro  
 Fig.35 Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AML-SB/VGF/S00684  
 Fig.36 Fotografia do autor

### 8.1927

Mercado Poço dos Mouros



### 9.1934

Mercado Campo de Ourique renovado 2013

Fig.37,38 <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/mercado-de-campo-de-ourique.html>



### 10.1942

Mercado de Arroios

Fig.39,40 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/05/mercado-de-arroios.html>



### 11.1949

Mercado Alvalade Sul

Fig.41,42 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-alvalade-sul>



### 12.1951

Mercado Chão do Loureiro Estacionamento 2011

Fig.43,44 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/01/mercado-do-chao-do-loureiro.html>



### 13.1956

Mercado Forno do Tijolo

Fig.45,46 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/02/mercado-do-forno-do-tijolo.html>





**14.1960**  
Mercado Br. Padre Cruz  
Fig.47 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-padre-cruz>



**15.1964**  
Mercado Alvalade Norte  
Fig.48 <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/mercado-alvalade-norte>



**16.1971**  
Mercado de Benfica  
Fig.49 <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/mercado-de-benfica>



**17.1972**  
Mercado da Picheleira  
Fig.50 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-picheleira>



**18.1987**  
Mercado Rosa Agulha  
Fig.51 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-alcantara-rosa-agulhas>



**19.1992**  
Mercado de Sapadores  
Fig.52 <http://www.souzaoliveira.pt/mercado-de-sapadores>



**20.2006**  
Mercado da Ajuda  
Fig.53 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-ajuda>



**21.s.d.**  
Mercado Arco do Cego  
Fig.54 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-arco-do-cego>



**22.s.d.**  
Mercado Br. de Santos  
Fig.55 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-de-santos>



**23.s.d.**  
Mercado Br. de São João  
Fig.56 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-sao-joao>



**24.s.d.**  
Mercado Colégio Militar  
Fig.57 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-do-colegio-militar>



**25.s.d.**  
Mercado Encarnação Sul  
Fig.58 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-encarnacao-sul>

**26.s.d.**  
Mercado Encarnação Norte  
Fig.59 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-encarnacao-norte>



**27.s.d.**  
Mercado do Lumiar  
Fig. 50 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-do-lumiar>



**28.s.d.**  
Mercado Olivais Sul (c. B)  
Fig.51 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-olivais-sul-celula-b>



**29.s.d.**  
Mercado Olivais Sul (c. E)  
Fig.52 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-olivais-sul-celula-e>



**30.s.d.**  
Mercado Praça de Espanha  
demolido 2016  
Fig.53 [http://www.ualmedia.pt/resources/images\\_2013/new4media/atualidade\\_2014/mercado-da-pra%C3%A7a-de-espanha\\_20150930.jpg](http://www.ualmedia.pt/resources/images_2013/new4media/atualidade_2014/mercado-da-pra%C3%A7a-de-espanha_20150930.jpg)



**31.s.d.**  
Mercado de São Bento  
Fig.54 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-sao-bento>



**32.s.d.**  
Mercado de S. Domingos de Benfica  
Fig.55 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-sao-domingos-de-benfica>



**33.s.d.**  
Mercado da Zona J de Chelas  
Fig.56 <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-zona-j-de-chelas>



## 4.1 Lisboa e Mercados

Um dos primeiros marcos comerciais na cidade de Lisboa foi a Rua Nova dos Mercadores, referenciada desde o século XIII, como a mais ampla artéria da cidade, localizada desde o actual cruzamento da Rua do Ouro com a Rua de S. Julião até ao cruzamento da Rua do Comércio com a Rua dos Franqueiros. Assim, vai-se formado na freguesia da Madalena. São Julião e São Nicolau a principal zona de mercadores.<sup>1</sup>

A cidade evolui até se alcançar a Revolução Industrial, onde o edifício do mercado encontra a sua expressão. Materializa-se o primeiro grupo de Mercados, alguns destes emblemáticos da construção em ferro em Portugal. O primeiro a surgir é o Mercado de Santa Clara, ou Mercado Oriental, de 1877, actualmente animado na cidade pela presença da Feira da Ladra. Em resposta à outra vertente da cidade surge o Mercado Ocidental, ou Mercado de S. Bento, de 1881 mas demolido em 1938 para dar lugar à Assembleia. No ano seguinte, 1882, surge o Mercado da Ribeira,<sup>2</sup> reabilitado em 2014 pelos arquitectos Aires Mateus para espaço cultural e gastronómico. Em 1885, surge o Mercado da Praça da Figueira, demolido em 1949 pelo congestionamento que causava e entrave no crescimento urbano.

Da lista de 33 mercados - existentes e demolidos - da cidade, são de realçar alguns. O Mercado de Alcântara, de 1905, enquanto grande construção de ferro e tijolo que caracterizava o bairro, demolido por volta de 1950 e substituído pelo Mercado Rosa Agulha de 1987. Nas construções de betão, destaca-se o Mercado de Campo de Ourique, de 1934, enquanto mercado-quarteirão, sendo o primeiro, em 2013, a ser reabilitado para misto de espaços gastronómicos, mercado e cultural; o Mercado de Arroios de 1942, enquanto tipologia circular, característico que define um quarteirão e praça, que veio substituir o ancestral Mercado Poço dos Mouros, de 1927, actualmente também em processo de revitalização; o Mercado Chão do Loureiro, de 1951, reabilitado para parque de estacionamento, supermercado e miradouro; e o Mercado Forno do Tijolo de 1956, parcialmente inserido no interior de quarteirão e actualmente também com funções de supermercado e a FabLab, um laboratório de fabricação digital. No crescimento da cidade e dos seus novos bairros, destaca-se o Mercado de Alvalade Norte, de 1964, inserido em frente de rua e compondo o quarteirão e o Mercado de Benfica de 1971 enquanto tipologia que define uma praça. Já nas novas construções urbanas, numa procura de mercados modernos, surge o Mercado 31 de Janeiro, após 1989, em substituição à estrutura

<sup>1</sup> Magda Pinheiro, *Biografia de Lisboa*, 2ª edição, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2012, p.86

<sup>2</sup> A data apresentada (1882) refere-se à primeira edificação do Mercado da Ribeira Nova, da autoria de Ressano Garcia. Esta acaba por ser parcialmente destruída por um incêndio passado 11 anos. O edifício que actualmente vemos surge só em 1902, obra que se prolongou até 1930. Apesar da data, desde 1771 já funcionava um mercado na zona, configurado em telheiros e bancas ao ar livre. A história deste Mercado vai ainda mais atrás no tempo, ao Mercado da Ribeira Velha, localizado no Campo das Cebolas, em que o testemunho mais antigo data do século XVII.

anterior de 1924, o Mercado de Sapadores de 1991 e o Mercado da Ajuda de 2006. Assim, o mercado em Lisboa diferencia-se em diferentes opções tipológicas - frente de rua, quarteirão, praça e interior de quarteirão - e construtivas - madeira, ferro, tijolo e betão, essencialmente. Os seus interiores apresentam diversas organizações espaciais, sendo a principal em corredores de bancas e praça central. Os acabamentos são cada vez mais semelhantes, por preocupações sanitárias e de higiene, com materiais resistentes e fácil limpeza.

Com a multiplicidade de mercados espalhados pela cidade, compreende-se que os inseridos em bairros são que melhor funcionam, maioritariamente frequentados por uma população idosa, como o da Ajuda ou de Benfica. Os localizados no centro da cidade, apesar do fácil acesso de transportes, acabaram por decair e assumir programas mais culturais ou gastronómicos, numa resposta ao desenvolvimento turístico. Na cidade contemporânea podemos ainda reparar num novo tipo de mercado temporário que surge, em resposta aos novos hábitos anteriormente falados. Surgem em zonas de maior movimento e aglomeração, com venda de produtos únicos, de produtor ou peças de artesanato. Apontamos as feiras temporárias no Príncipe Real, o Mercado Rural no Lx Factory ou o Mercado Biológico na Praça do Campo Pequeno.

No caso do Mercado do Rato, por se encontrar no interior de quarteirão, perdeu dinamismo pela menor visualidade que possui. Mas isso não o torna menos significativo, apenas o sinaliza como resultado de uma má gestão e empreendedorismo. Apesar do estado em que se encontra, deve ser entendido como exemplar único na cidade, de peculiar construção em madeira, inserido num tecido histórico complexo e consolidado.



Fig.57 Rua Nova dos Mercadores  
Fonte: <https://www.publico.pt/2015/12/10/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946>

## 5. Lisboa e Mundo - Revolução Industrial

As raízes industriais de Lisboa começam a detectar-se no século XVIII, com as actividades manufactureiras, oficinas e lojas, presentes no centro da cidade, como o caso da Real Fábrica das Sedas e do Bairro das Águas Livres.<sup>3</sup>

Já no século XIX, com novas regulamentações e a mecanização da indústria, relacionada com a instalação de máquinas e caldeiras a vapor, a indústria estabelece-se na periferia da cidade, iniciando-se na zona ribeirinha, pelo melhor acesso de transportes. As suas áreas envolventes começam a caracterizar-se por pátios e vilas operárias, numa escala cada vez maior dada a dimensão da maquinaria industrial e o número de operários. Assim, as principais zonas desenvolvidas foram, na parte Ocidental, de Âlcantara a Belém e na parte Oriental de Xabregas a Chelas. As construções industriais deste século, ao assumirem-se como novas, deixam de seguir a arquitectura civil típica em Portugal, caso recorrente no século XVIII pelo inspiração e aproveitamento dos palácios e conventos, e surgem numa nova tipologia de construção, em ferro, com soluções construtivas inspiradas nos países mais industrializados e propostas por novos engenheiros.<sup>4</sup> Podemos apontar a Regeneração de 1851 e o fim dos 30 anos de Guerra Civil o período de maiores desenvolvimentos da cidade, onde o capital industrial e a população crescem consideravelmente,<sup>5</sup> onde anteriormente, os sinais de desenvolvimento prendiam-se mais na construção de estradas, caminhos de ferro e pontes na procura de um mercado nacional.

Conforme a indústria cresce na periferia da cidade, a manufactureira no centro decai, pela dificuldade em se adaptar às novas máquinas e aos perigos de segurança pública que estas geravam.<sup>6</sup> Como resposta ao crescendo da população e para uma re-organização urbana, surgem novos planos de urbanização, para uma cidade funcional e moderna, onde a higiene e salubridade serão preocupações constantes.

O processo de Revolução Industrial foi mais tardio e menor em Portugal, comparando a outras capitais europeias como Londres, Bruxelas, Ber-

3 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonta, 1994, p.454

4 Mário S. Ming Kong, *Central Tejo - Uma Abordagem da Arquitectura Industrial*, Lisboa, Insidecity Lda., 2013, p.36

5 *Idem*, p.25

6 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonta, 1994, pp.445-446



Fig.58 Real Fábrica das Sedas, 1968



Fig.59 Avenida 24 de Julho, post1900



Fig.60 Xabregas, 1859



Fig. 61 Inglaterra Industrial

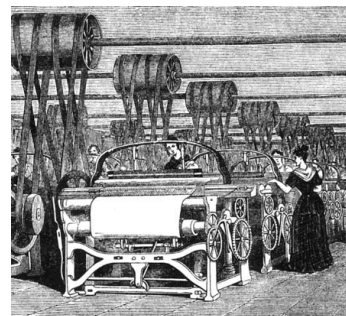


Fig.62 Energia a vapor na indústria



Fig.63 Bairro em Londres, 1872

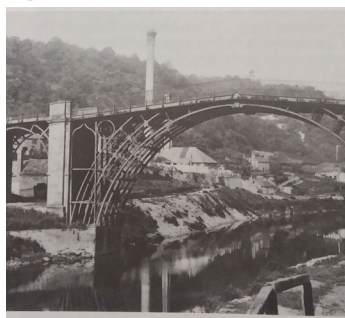


Fig.64 The Severn Bridge

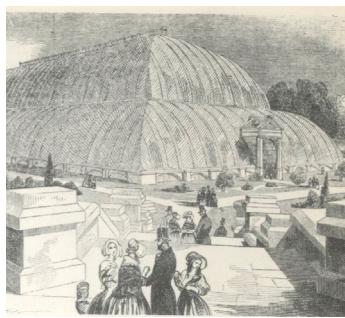


Fig.65 Chatsworth Conservatory

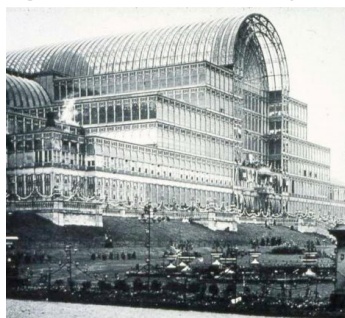


Fig.66 Palácio de Cristal



Fig.67 Palácio de Cristal, interior

lim ou Paris. No estrangeiro, o século XVIII era já um período de grandes descobertas científicas, novas técnicas construtivas e maquinaria, resultado da energia a vapor. O país pioneiro da Revolução Industrial foi a Inglaterra, com um rápido crescimento industrial. É entre 1760 e 1790 que se dá o aumento ilimitado da produção industrial, pelo aparecimento da máquina a vapor. Com esta, desenvolve-se a indústria, concentrando operários em compactos bairros próximos às oficinas. Surgem novas cidades e as antigas crescem desmedidamente. Pela excessiva produção, a rede de transportes de mercadorias desenvolve-se, renovando a rede de comunicação, com a invenção da locomotiva. A expansão foi tanta que a utilização do solo e a paisagem se alterou profundamente, num sem precedente de novas multidões, casas, zonas industriais e comerciais, vias e veículos, numa velocidade incontrolável.<sup>7</sup> O antigo equilíbrio entre cidade e campo é perdido. A imagem da cidade imutável perde-se e o tempo construtivo de definição de uma identidade deixa de existir, dado o nascer de cidades numa só geração. Da velocidade surge a crise, o perigo, a insegurança e as questões higienistas que, de mãos dadas com as condições deixadas depois pela guerra, serão as bases metodológicas para o novo urbanismo que irá surgir no tempo moderno.

Na Arquitectura, começam a ser palavras de ordem o pragmatismo, a eficiência funcional, a racionalidade e a modulação. Procura-se a disponibilidade de espaço, resistente e amplo, duradouro e económico.<sup>8</sup> Durante o século XIX, o período exponencial da Revolução Industrial, não era a Arquitectura que regia as novas criações e invenções. Estas surgiam em estruturas menores, criadas por engenheiros. Surgem construções num novo material, o ferro. Inicialmente, o ferro foi usado para maquinarias industriais, sendo em 1767 que aparece o primeiro caminho de ferro e em 1779 a primeira ponte, The Severn Bridge.<sup>9</sup> Em edifícios, os primeiros usos de ferro foram utilizados em coberturas, de teatros e armazéns, em substituição dos de madeira, mais voláteis a incêndios.<sup>10</sup> Assinala-se também a Fábrica de Algodão de Philip and Lee, Manchester, de 1801, constituída por um esqueleto interno em ferro, rodeada por paredes exteriores de alvenaria, enquanto protótipo repetido

7 Leonardo Benevolo, *As Origens da Urbanística Moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p.17-20

8 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use*, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.19, p.39

9 Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, pp.169-170

10 *Idem*, p.175

durante o século, para fábricas e armazéns e adoptado para alguns edifícios públicos.<sup>11</sup>

O ferro, em conjunto com o vidro, criou novas tipologias, sendo explorado ao longo do século XIX. A sua utilização iniciou-se nas Estufas, apondo-se a Chatsworth Conservatory, de 1837-40, de Joseph Paxton (1803-1865),<sup>12</sup> mas é o Palácio de Cristal, obra do mesmo autor, que vem colocar este sistema construtivo em grande destaque. O Palácio foi terminado em 1851 para a Grande Exposição Internacional ficando conhecido especialmente pelo seu detalhe, onde foi criado um método de pré-fabricação, podendo ser construído rapidamente. O Palácio de Cristal e a Galeria das Máquinas de 1889 foram dois marcos essenciais das grandes exposições, perdidos, sobrando apenas a Torre Eiffel, obra de Gustave Eiffel de 1889, como recordação destas. Esta é uma Arquitectua que se estende para Estações de caminhos de ferro, Fábricas, Pavilhões, Mercados, Edifícios Expositivos e outras estruturas polivalentes.



Fig.68 Galeria das Máquinas



Fig.69 Torre Eiffel

11 Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1970, pp.191-193

12 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.240

Fonte Imagens:

Fig. 58 Real Fábrica das Sedas, 1968, <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2015/12/rua-da-escola-politecnica-xxii.html>

Fig. 59 Avenida 24 de Julho, post1900, <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2010/07/avenida-24-de-julho-iv.html>

Fig. 60 Xabregas, 1859, <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2010/02/rua-de-xabregas-ii.html>

Fig. 61 Inglaterra Industrial, <http://www.slideshare.net/loaceituno/industrial-revolution-9957184>

Fig. 62 Energia a vapor na indústria, <https://www.britannica.com/event/Industrial-Revolution>

Fig. 63 Bairro em Londres, 1872, <http://raffaelbarbosa.blogspot.pt/2011/04/comentarios-sobre-revolucao-industrial.html>

Fig. 64 The Severn Bridge, Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, p.170

Fig. 65 Chatsworth Conservatory, Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.241

Fig. 66 Palácio de Cristal, Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas*, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, secção ilustrada III, ilustração 38

Fig. 67 Palácio de Cristal, interior, Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, p.256

Fig. 68 Galeria das Máquinas, Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.249

Fig. 69 Torre Eiffel, <https://www.nga.gov/resources/dpa/1889/06eiffel.htm>

## 6. Contexto Histórico

### 6.1 Largo do Rato

Entre os principais edifícios no Largo do Rato, podemos destacar:

O Convento das Religiosas da Ordem da Santíssima Trindade. A obra iniciou-se em 1633, mas só se concluiu em 1721. Com a extinção da Ordem em 1834, este só volta a funcionar em 1885 como Asilo para raparigas abandonadas. Em 1937-38 são feitas transformações, entre elas retirar o adro que ocupava parte do Largo. Actualmente, o edifício pertence à Assistência Pública e parte é Esquadra de Polícia.

Das unidades industriais destaca-se a Real Fábrica das Sedas e a Real Fábrica das Louças. A primeira foi criada em 1738, chamando população ao Rato. O terramoto trouxe-lhe estragos, acabando o Marquês de Pombal por intervir, criando o Real Colégio das Manufacturas do Rato. Construtivamente é um edifício modulado, com profundidade pouco comum para a época, que procura garantir ventilação, insolação uniforme e distribuição repetitiva fácil para produção em série. Um projecto sóbrio e funcional. O edifício deve ser entendido como um palácio urbano para a indústria, pela adaptação ao uso sem se abandonar o estilo usado em arquitectura civil.<sup>13</sup> Da fábrica, surgem dois bairros fabris nas proximidades. O primeiro, situado na actual Rua Pedro de Freitas Branco, era composto por uma frente de dez habitações, de módulo igual, de onde só se mantém actualmente um exemplar, datado de 1759. O segundo é o Bairro das Águas Livres, que iremos falar mais à frente. Acredita-se que o Rato sempre foi escolha de localização para a fábrica, pela passagem do aqueduto nas imediações.<sup>14</sup> A Fábrica viveu um grande período próspero, acabando por decair em 1855. Já a Real Fábrica da Louça, surge em 1768, relacionada com a anterior, mas com autonomia de exploração, fechando em 1835.

O Palácio dos Marqueses da Praia, ou Palácio do Rato, situa-se no topo Norte do Largo. Construído em 1784, ficou conhecido pelas famosas festas dos Marqueses. Com a completa extinção da Fábrica das Louças, foi



Fig.70 Convento das Trinas



Fig.71 Real Fábrica das Sedas



Fig.72 Palácio do Rato



Fig.73 Capela Ns. Sr. da Bonança

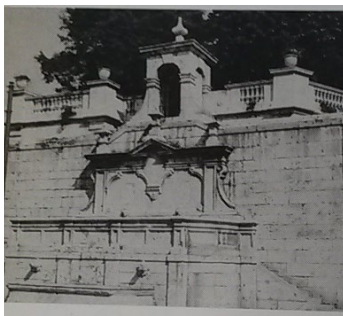


Fig.74 Chafariz do Rato

<sup>13</sup> Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.110-111

<sup>14</sup> *Idem*, p.112

alargado e construiu-se uma capela em 1839, ainda existente.<sup>15</sup> O Palácio é de estilo neoclássico e, actualmente Sede do Partido Socialista.

O Chafariz do Rato, de Carlos Mardel, surge em 1794, com localização chave. Quem vinha da Rua das Amoreiras, antes do desaparecimento do adro do Convento, desembocava alinhado com o chafariz; havia um domínio sobre o espaço, na sua posição de recuo. Também da entrada a Norte, pela Rua de Entremuros, oferecia-se a mesma relação; o chafariz é onde convergem as três estruturas urbanas, sendo ponto de paragem na entrada da cidade. Era aqui que se decidia qual o acesso ao centro.<sup>16</sup> Este segue um estilo de barroco português.

## 6.2 Rua da Escola Politécnica

Nos Finais do século XVI esta foi zona de instalação do Noviciado Jesuíta. A Cotovia definia-se como um sítio suburbano com apenas algumas casas. Actualmente, esta rua é definida por edificações de diversos géneros e estilos, de palacetes alternados com casas de classe média. As principais edificações na zona foram:

O Antigo Colégio dos Nobres surge em 1761, na casa do Noviciado da Companhia de Jesus de 1616 e extinta em 1759.<sup>17</sup> Acaba por ser extinto também em 1837, passando a albergar a Escola Politécnica. O novo edifício possui na fachada colunas monolíticas que pertenciam ao Convento de S. Francisco da Cidade, destruído pelo terramoto. As obras foram concluídas em 1878, sendo o edifício que ainda vemos hoje. Em 1911, com a criação da Universidade em Lisboa, surge a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Com a mudança da Faculdade para a Cidade Universitária, o edifício passa a ser o Museu Nacional de História Natural e Ciência, organismo da Universidade de Lisboa. Nas traseiras existe o Observatório Meteorológico de 1863 e o Observatório D. Luís. O jardim Botânico, dentro deste lote, iniciou a sua plantação em 1873, ocupando a encosta até ao Parque Mayer.

O Palácio Soares, Solar dos Noronhas data do século XVI, sendo nessa

15 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.14-15

16 Walter Rossa, *Além da Baixa, Índícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.83-84

17 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.27-28



Fig.75 Vista aérea R. Esc. Politécnica



Fig.76 Colégio Nobres, pombalino



Fig.77 Colégio dos Nobres actual



Fig.78 Palácio Soares, actual



Fig.79 Palácio Palmela



Fig.80 Praça do Príncipe Real



Fig.81 Igreja de S. Mamede



Fig.82 Palácio do Conde de Seia



Fig.83 Palácio Morgados de Alagoa



Fig.84 Passeio Público

época a fachada principal voltada para a Rua da Imprensa Nacional. Com a criação da Imprensa Régia, uma Oficina Tipográfica, em 1768, a casa nobre é deformada para adaptação. Em 1904 ergue-se o edifício de 3 pisos, hoje existente. Ocupa uma maior área a Sul que o solar antigo, sendo apenas salva a Fachada da Rua da Escola Politécnica.<sup>18</sup> Actualmente é a Imprensa Nacional.

O Palácio Palmela, na área pertencente ao Noviciado, era um modesto edifício, ampliado pelo Conde da Póvoa para residência palaciana. No século XIX são os duques de Palmela que fazem as novas alterações. Em 1902 surge a sua imagem actual, com piso extra, revestimentos a mármore, um jardim muralhado e o pórtico principal de figuras escultóricas.<sup>19</sup>

A Praça do Príncipe Real, desenhada em 1853 e plantada em 1869, foi conhecida como Alto da Cotovia, Sítio das Casas do Conde de Tarouca, Patriarcal Queimada e Praça do Rio de Janeiro. Tal pois, este foi local onde o Conde de Tarouca tentou instalar o seu Palácio, depois instalar-se a Nova Patriarcal que foi inaugurada em 1756 mas ardeu em 1769, de onde fica a praça em ruínas até 1856.<sup>20</sup> O actual jardim romântico melhorou o ambiente da zona.

A Igreja de S. Mamede, inicia construção em 1783, ficando em ruína em 1840. Em 1861 inaugura-se uma outra que logo ameaça ruína. Em 1921 acaba esta por arder, sendo reconstruída para a existente, inaugurada em 1924.<sup>21</sup> A sua fachada é trivial, sem grande valor.

Outros palácios de interesse na zona são o Palácio do Conde de Penalva de 1738, o mais antigo de todos; o Palácio do Conde de Seia ou Rebelo de Andrade-Seia de 1760, hoje sede da Universidade Aberta; o Palácio dos Morgados de Alagoa, construído de 1757 a 1762; o Palacete Fontalva de 1863 e o Palácio Castilho.

<sup>18</sup> Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.25-26

<sup>19</sup> *Idem*, pp.20-21

<sup>20</sup> Walter Rossa, *Além da Baixa, Índícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.50-51

<sup>21</sup> Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.23-24

### 6.3 Avenida da Liberdade

Vale definido pela colina de Sant'Ana de um lado e S. Roque e Cotovia do outro onde primitivamente existiam algumas casas solares embora as suas definições só apareçam com o plano do Passeio Público. Da autoria de Reinaldo Manuel, de 1764, este desenvolve-se até à Rua das Pretas - Alegria. A Norte ficava o fim da cidade, delimitado por casas, um chafariz e uma escadaria. Espaço murado, ambientado por lagos, cascatas e uma alameda, desaparecendo em 1879 aquando a abertura da Avenida da Liberdade.

A Avenida da Liberdade surge como plano de extensão da cidade, com o desejo de ligar o centro a Campo Grande e Benfica. É uma extensa artéria que termina na Rotunda de Marquês de Pombal, finalizada em 1910 mas de data formal de edificação de 1899-1909.<sup>22</sup> Após diversos planos, no seu fim foi projectado o Parque Eduardo VII, antigo Parque da Liberdade, datado de 1885 e arborizado em 1929.<sup>23</sup> A Avenida é um marco na definição da imagem de capital moderna, com faixas centrais arborizadas que preservam a memória do Passeio Público. É espaço de lazer diário da população urbana, composta por edificado imponente de diferentes épocas e estilos, dado o seu longo tempo de construção.

Dos principais elementos urbanos destacam-se a Praça da Alegria, a Rua do Salitre e o Parque Mayer. A primeira, data os seus prédios mais antigos de 1840-50 e o jardim de 1881. Foi local de Mercado da Feira da Ladra, até 1809, estendendo-se até aos Restauradores.<sup>24</sup> A segunda, a Rua do Salitre, é zona de ligação entre vale e cumeeira, de génese medieval e funcionando como um dos acessos à cidade. Esta marca a fronteira entre a malha orgânica medieval e o Plano de Ressano Garcia.<sup>25</sup> O seu limite direito era o Noviciado da Companhia de Jesus. Nesta rua existiu também um Hospício que durou até 1834, o palácio dos Condes de Alto Meirim, o Teatro do Salitre, a Praça de Touros e o Circo Price, estes três desaparecidos em 1880.<sup>26</sup> Já o terceiro, o Parque

22 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XIV, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, p.44

23 *Idem*, pp.47-48

24 *Idem*, pp.28-30

25 Câmara Municipal de Lisboa, *PUALZE Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade e Zona Envolvente*, <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-da-avenida-da-liberdade-e-zona-envolvente>

26 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XIV, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.32-34



Fig.85 Passeio Público



Fig.86 Avenida da Liberdade



Fig.87 Praça da Alegria



Fig.88 Avenida da Liberdade



Fig.89 Circo Price



Fig.90 Parque Mayer

Mayer, surge nos jardins do Palácio Mayer em limite com o Noviciado, agora Jardim Botânico. O palácio, actualmente o Consulado de Espanha, foi construído em 1901 e é prémio Valmor. No Parque existe o Teatro Maria Vitória, de 1922, o primeiro a surgir, o Teatro das Variedades, de 1926. Em 1930 foi construída a actual entrada com duas colunas decorativas e em 1931 surge o Capitólio. No início o Parque Mayer não era o que reconhecemos hoje, mas antes um lugar de Feira, em substituição da Feira de Agosto que acontecia na Rotunda do Marquês de Pombal. Ainda na vertente cultural e de lazer, existe na Avenida da Liberdade o Teatro Tivoli, inaugurado em 1924 e o Cinema São Jorge de 1950.

Fonte Imagens:

Fig. 70 Convento das Trinas, <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/convento-das-trinas-largo-do-rato.html>

Fig. 71 Real Fábrica das Sedas, Walter Rossa, *Além da Baixa, Índicios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.109

Fig. 72 Palácio do Rato, <http://geneall.net/pt/titulo/1029/marqueses-da-praia-e-de-monforte/>

Fig. 73 Capela Ns. Sr. da Bonança, <http://isabelmouzinho.blogspot.pt/2013/05/capela-do-rato.html>

Fig. 74 Chafariz do Rato, Walter Rossa, *Além da Baixa, Índicios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.86

Fig. 75 Vista aérea R. Esc. Politécnica, Walter Rossa, *Além da Baixa, Índicios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.XIV

Fig. 76 Colégio Nobres, pombalino, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.377

Fig. 77 Colégio dos Nobres actual, <http://www.vamosaqui.pt/2016/06/10/museu-nacional-de-historia-natural-e-da-ciencia-de-santo-antonio-em-lisboa/>

Fig. 78 Palácio Soares, actual, <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/edificio-da-imprensa-nacional-casa-da-moeda/palacio-de-d-fernando-soares-de-noronha>

Fig. 79 Palácio Palmela, <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/palacio-palmela-procuradoria-geral-da-republica>

Fig. 80 Praça do Príncipe Real, <http://obaudahistoria.blogspot.pt/2011/03/jardim-do-principe-real.html>

Fig. 81 Igreja de S. Mamede, <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-igreja-paroquial-de-sao-mamede-281588>

Fig. 82 Palácio do Conde de Seia, [http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2015\\_11\\_01\\_archive.html](http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2015_11_01_archive.html)

Fig. 83 Palácio Morgados de Alagoa, <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2015/11/rua-da-escola-politecnica-xiii.html>

Fig. 84 Passeio Público, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.426

Fig. 85 Passeio Público, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.

Fig. 86 Avenida da Liberdade, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.427

Fig. 87 Praça da Alegria, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.381

Fig. 884 Avenida da Liberdade, <http://pt.fashionnetwork.com/news/Comerciantes-dizem-que-ruas-ao-pe-da-Avenida-da-Liberdade-em-Lisboa-parecem-favela-676582.html#.WGGmcVOLSp>

Fig. 89 Circo Price, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.384

Fig. 90 Parque Mayer, <http://lisboalisboa.blogspot.pt/2014/01/parque-mayer-e-feira-popular.html>

## 7. Auto-Palace, Sociedade Portuguesa de Automóveis, Lda



Fig.91 Publicidade 1908

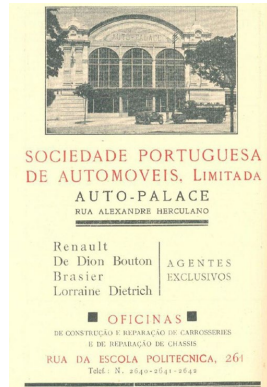


Fig.92 Publicidade 1922

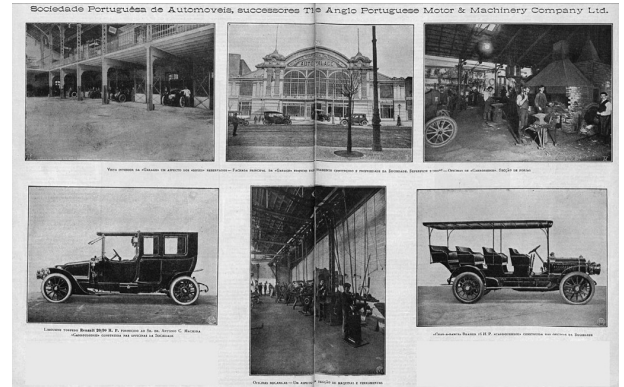


Fig.93 Publicidade 1914



Fig.94 Interior



Fig.95 Interior



Fig.96 Alçado



Fig.97 Alçado



Fig.98 Exterior

Fonte Imagens:

Fig. 91 Publicidade 1908, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

Fig. 92 Publicidade 1922, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

Fig. 93 Publicidade 1914 <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

Fig. 9 Interior, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

Fig. 95 Interior, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

Fig.96 Alçado, [http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas\\_20.html](http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas_20.html)

Fig. 97 Alçado, [http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas\\_20.html](http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas_20.html)

Fig. 98 Exterior, <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html>

## 8. Entrevistas - Conversas

Perguntas base foram desenvolvidas para as entrevistas. As entrevistas acabaram por assumir um traço mais casual e aberto, tornando-se uma conversa, deambulante dentro dos temas que cada entrevistado melhor entendia ou poderia responder. Assim, as perguntas foram tomadas como matrizes ou impulsionadoras de tópicos, mas os diálogos tornaram-se mais fluídos, naturais e humanos.

### 8.1 Perguntas base para os trabalhadores do Mercado

- Há quanto tempo trabalha no Mercado?
- Fale-me um pouco do mercado, o que sabe da sua história/desenvolvimento?
- Como era o Mercado no passado?
- Quais foram as maiores mudanças que sentiu desde que aqui começou a trabalhar?
- A cerca do movimento do mercado. Como é um dia normal?
- O que pensa do edifício e espaço oferecido actualmente?
- Como gostava de ver este espaço futuramente?
- Pensa que ser só mercado basta? O que acha que falta para o mercado funcionar?
- Que outras opções sugere para o melhorar, para um rejuvenescimento?
- O que acha da criação de um programa multi-usos. Um espaço para criação de novos projectos e ideias. Exposições, actividades culturais e workshops, de entretenimento e lazer para a toda a população (jovem a sénior). Áreas de estudo e trabalho, cafés e restaurantes.
- Qual a sua opinião da área envolvente? Do Rato, Praça das Amoreiras, proximidade ao Príncipe Real e Avenida da Liberdade.
- Sente que esta área mudou nos últimos tempos?
- O que sente que mudou e porquê?

### 8.2 Outras perguntas base para os trabalhadores de projectos mais recentes do Mercado

- Porquê a decisão de criarem o vosso espaço no Mercado do Rato?

- Pensa que a vossa actividade será benéfica para o Mercado. E que o local é o mais indicado?

### 8.3 Perguntas base para a Junta de Freguesia

- Antes de ser Mercado, este era o local da Carpintaria Mecânica Portuguesa. Sabem alguma informação sobre esta?

- Qual é a história do Mercado do Rato e como foi o seu processo de degradação?

- Quais são as actuais propostas da Câmara para este espaço?

- Pensa que a Loja D. Ajuda e o Projecto da Fruta Feia terão um impacto positivo no mercado?

- Pensa que a função de Mercado ainda consegue funcionar neste local?

- Que outro tipo de programas acham que poderiam ser mais necessários e que poderiam rejuvenescer o lugar?

- Sobre a Freguesia, que tipo de funções e espaços acha que fazem falta?

- O que acha da criação de um programa variado aqui? Co-working, startups e incubadoras criativas. Associado a actividades culturais, para tempos livres e lazer, para toda a população (jovem e sénior), mantendo também parte de mercado activa.

### 8.4 Perguntas base para a Associação de Solidariedade “Boa Vizinhança”

- Fale-me um pouco da Associação “Boa Vizinhança” e dos seus projectos para o Mercado do Rato

- Porquê a escolha de utilizar o Mercado do Rato como “casa” para estes projectos, por exemplo a D. Ajuda? Pensa que terão um impacto positivo no local?

- Sabe alguma informação histórica sobre o Mercado do Rato e o seu processo de degradação ao longo do tempo?

- O que acha das actuais propostas para o espaço? Por exemplo a criação do estacionamento

- Pensa que a opção de mercado ainda pode funcionar neste espaço?

- Que outro tipo de programas acharia necessários e que poderiam rejuvenescer o lugar?

- O que acha da criação de um programa variado aqui? Co-working, startups e incubadoras

criativas. Associado a actividades culturais, para tempos livres e lazer, para toda a população (jovem e sénior), mantendo também parte de mercado activa.

## 8.5 Entrevistas

### 8.5.1 Senhor da banca de bacalhau

**Há quanto tempo trabalha no mercado?**

- Trabalho no mercado à 31 anos.

**Notou alguma diferença desde que aqui começou a trabalhar? Sobre o movimento, as pessoas...**

- Sempre a baixar.

**Mas, no início, tinha muito movimento?**

- Sim.

**E quanto ao edifício?**

- Precisava de ser melhorado também.

**Mas o que vemos existe desde que cá está, ou foi alterado?**

- Quando eu vim para cá não havia estas lojinhas, depois é que fizeram.

**Os lixos colocados na nave de trás também são uma coisa recente?**

- Sim. Tem dez anos, qualquer coisa assim.

**E notou diferença?**

- Pois... Porque ali era a peixaria. E pronto, isso foi reduzindo. Os comerciantes começaram a debandar, a largar isto. E ficámos aqui olhe... agora somos 3 ou 4 e agora... é para terminar.

**Mas repara que ultimamente têm tentado fazer mais iniciativas. O restaurante foi melhorado, a loja D. Ajuda abriu...**

- Sim, mas não acho... tinha que ser mais. Tinha que ser um mercado moderno.

**Quanto a propostas que o senhor achasse que pudesse funcionar aqui. Achava que de-**

**molir tudo e fazer um novo seria a melhor opção?**

- Para mim seria. Mas se calhar manter esta... fisionomia, não é? Tem muitos anos.

**Por exemplo, manter a casca do edifício e melhorar o interior?**

- Pois... porque aqui mesmo o telhado é muito quente. É muito calor no verão. Aqui é um forno. Não tem tecto, devia ser forrado, digo eu.

**Mas acha que só um mercado novamente iria funcionar?**

- Tinha que ser muito moderno. Tinha que ser 100% moderno.

**Por exemplo como o que se tem feito agora aos novos mercados? Com restaurantes e atracções mais turísticas?**

- Isso talvez, isso talvez. Mas acho que o comércio tradicional, este comércio tradicional, não tem via por ir por aí além. Não porque os supermercados...

**Acabam ser por oferecer melhor.**

- Pois! Isso não há hipótese. A restauração, talvez. Também tem um espaço muito grande. Isto bem aproveitado era capaz... isto tem muitos metros quadrados, não é?

**E lá para trás tem ainda mais espaço.**

- Claro, tem tudo!

**Mas acha que seria mais interessante essa vertente dos novos mercados ou seria mais interessante algo a comunidade e residentes?**

- Oiça, quer dizer... Eu quando vim para aqui à 31 anos vinham as senhoras com os empregados, está a ver? Era a senhora e era as empregadas e era o chauffeur. E nessa altura, sim. Nessa altura havia movimento porque isto depois também acabou o peixe e a carne... nós tínhamos aqui 14 talhos. Havia 14 talhos aqui a funcionar. Veja lá o que era esta casa. E o peixe eram talvez 30. E era sem condições, quase nenhuma... mas era! Mas vendia-se. Agora não. Isto está aqui, vem aqui alguém? Que horas são agora? Quem é que vem aqui comprar? Em princípio isto é mesmo para... vamos embora até ao fim do ano. Em princípio.

**É a EMEL que quer explorar isto e fazer um parque de estacionamento, certo?**

- É o que dizem. Os vereadores é que sabem o que querem fazer, mas em princípio...

Penso eu, a informação que eu tenho, será para um parque.

**Mas sendo eu estudante, posso propor algo diferente, que ache melhor.**

- Eu acho que o estacionamento, rentável é de certeza. Agora, o outro comércio é mais arriscado. Restauração, era capaz. Mas isto é muito grande, não é...

**Apesar de estarmos numa zona bastante central, também poucos reparam neste espaço.**

- Pois, está escondido! Está escondido!

**E actividades para idosos aqui da zona ou para jovens?**

- Tinha que ser muito bem publicitado!

**Ou por exemplo, eventos culturais.**

- Tinha que ser uma coisa totalmente moderna, diferente. Porque isto hoje tem que ser para os jovens. Os jovens é que fazem boa vida.

**Claro, é que dinamizam.**

- Porque as pessoas de idade não podem andar sequer. Eu tinha clientes que vinham aqui. Agora já nem vêm. “Epá, já não posso lá ir! Porque tenho que subir aqui a rampa e não sei quê.” E depois é completamente longe... agora não há parques para clientes, só este bocadinho aqui é que é para clientes, está a ver? Aquilo ali em cima é pago, é mensal com cartão. Quer dizer, eu perdi clientes porque muitas vezes vinham com o carrinho, chegavam lá a cima e não podiam entrar e pronto, iam embora. Mas quer dizer, não sei em que altura foi que aquilo começou a ser pago. Antes não era pago. Eles tinham lá um funcionário a controlar lá os carros e as pessoas podiam estar ali 1h ou 2h. E podiam estar o tempo que quisesse. Chegavam aqui, compravam. Mas isto estava tudo cheio! Ali em cima, era as hortaliças, estavam mais de 30 pessoas a vender. Tudo muda. E isto em 30 anos nasce e morre muita gente. E as pessoas que normalmente vinham já cá não estão.

**Mas actualmente existe um retorno ao mercado pela população mais jovem.**

- Pronto, mas isso tem que ser muito publicitado e haver boas condições para as pessoas se sentirem bem. As pessoas chegam aqui... têm que comprar aqui uma coisa, outra ali. Têm que andar sempre a puxar pelo dinheiro para pagar o bacalhau, para comprar as frutas, comprar os nabos. Tem que estar sempre a puxar pelo dinheiro, está a ver? Agora, compra tudo, toma lá o cartão e paga tudo. É difícil... Os modernos já nem vão aos supermercados. É

online ou o que é aquilo. O meu filho nem sequer vai aos supermercados, faz lá aquilo na Internet. Depois levam lá aquilo à casa, entregam, fazem tudo. Eu também entrego, mas não tem nada a ver.

**Mas se se apostasse numa mistura com outras actividades, chamaria mais pessoas.**

- O comerciante depois tem que pagar rendas, tem que ver se isso é rentável. Porque isto também já não é barato. Quem faz o contrato com a Câmara. Tenho uma renda acessível e tal, isto não é muito barato... mas agora novas são mais caras, não é? Tem que se ganhar para existir. Hoje uma empresa tem o guarda-livros, tem o fisco. Tem isto, tem aquilo, tem muita coisa, muita despesa. Depois se não houver rentabilidade como é que faz? A menina por exemplo ia aí abrir uma loja, tem que fazer as contas. Quanto pago de renda, quanto pago de electricidade? Quanto paga o guarda livros? Qual é o movimento que vou fazer para cobrir isto tudo? Acha que vale a pena?

**Mas se fosse uma coisa mais dinâmica e houvesse pessoas, tornava-se mais rentável.**

- Todo o comércio, tudo o que negocia... não é preciso ganhar muito, é preciso é vender muito. E hoje muito não é fácil. Eu já estou no comércio à muitos anos. Antes de vir para aqui tinha lojas noutros lados. Já fiz outras coisas também. Mas acho que isto está um bocado difícil. Acho que para mim se a restauração pegasse... era dentro desse género. Agora, noutro ramo, não sei... Aqueles pronto-a-vestir, aquelas coisas.

**Mas e fora do ramo comercial?**

- O bairro tem muito pouca gente a viver, tem que ir buscar pessoas de outros sítios para aqui.

**Mas há muita gente a passar. Se é uma zona com tanto emprego, se calhar procurar explorar aqui outras zonas de trabalho.**

- Aqui é a restauração. Trabalham aqui milhares de pessoas. Tem que ser uma coisa para o dia da pessoa. Não é agora, a pessoa vai daqui ao fim do dia com um bacalhau para Que-luz?! Não vai, pois não? Mas antigamente ia! Quando eu vim para aqui há 31 anos, as pessoas chegavam aqui e levavam o bacalhau para Sesimbra, para Almada, para não sei onde. Vinham pessoas de muito longe aqui comprar bacalhau. Eu tinha bacalhau bom. Mas isto, tudo acaba! Uns morrem, outros embarcam, outros não sei quê. Tudo tem o seu tempo, não é? Tem que ser dinamizado. Eu achava que a restauração era... Agora, o parque... é muito rentável, vai estar sempre cheio. Digo eu. A EMEL... Tem sempre muita gente, está sempre cheio. Até aqui em

Campolide. Aqui há muita gente a trabalhar. E eles fazem por fases, de dia paga um preço, de noite paga outro. E enchem isto tudo de carros. O projecto dizia que isto era para levar 310 carros. Mas pronto, isto está difícil... eu digo no meu ramo! A menina está aqui, quantos já passaram? Isto morreu. Isto também já se fez publicidade que ia fechar ou que já tinha fechado. As pessoas leem os jornais. Já nem sabem... "Oh zé e tal, ainda está aí?" E é assim. E olhe, agora estou a fazer o meu tempo, para levar a minha indemnização. A gente quer receber e parte para outra. Parar é morrer.

**Mas acho que seria possível continuar a funcionar, associado com outras actividades.**

- Tem que ser muita coisa! Se houvesse muita variedade, com certeza não estava assim. A verdade é que aqui há muito pouca população. Tem que ser chamada, tem que ser uma coisa com nome! Que mostre interesse às pessoas.

**Também o próprio espaço está degradado. Se fosse arranjado, a pessoa passava e parava por aqui.**

- Tinha que ter condições! Uma pessoa passar aqui, ter aquilo que quer! Uma senhora quer comprar aqui um bocadinho de queijo não tem, um bocadinho de... não tem. Uma charcutaria boa. Essas coisas. Um bocadinho de tudo, ter oferta. Mas nós também temos aqui o Pingo Doce ao lado já. Ele não estava... onde eles caem é... a menina sabe que isto é uma razia. O Pingo Doce é uma razia! Eles podem até vender coisas que não são boas, mas não interessa, aquilo vai tudo! E se a menina lá for agora, tem lá os clientes que vinham aqui todos! E pronto, conheço pessoas que ainda vêm aqui buscar um bocadinho de pão... olhe, o pão também vai sair! Isto é muita despesa.

## 8.5.2 Senhora da banca da padaria

**Há quanto tempo está aqui no mercado?**

- Eu não estou aqui á muito tempo. Um ano, mais ou menos.

**O que acha do edifício?**

- Acho que tem muito poucas condições, acho que podia ter muito mais. Já teve, não é? Agora também como é para fechar.

**É mesmo para fechar?**

- Vai haver uma reunião hoje, para decidir... Pronto, que é para fechar, é. Agora quando, não sabemos. Não sei se é no final do ano, se é para o mês que vem... mas vai acontecer.

**É algo que se fala à bastante tempo. Igualmente, de se fazer um parque de estacionamento.**

- Já se ouviu tantas coisas que já nem sei o que vai ser feito aqui. Já ouvi dizer que iam fazer lojas, novas lojas. Mas como vamos também todos embora, não sei. Só os restaurantes é que ficam.

**Desde que aqui está, notou diferença ou o mercado já tinha perdido todo o movimento?**

- Não. Quando eu vim isto já estava assim para fechar. Já tinha muito pouco movimento. Não apanhei aquilo que eu oiço as pessoas falarem. Que tinha muita gente, fazia filas... Não apanhei nada disso, apanhei muito pouco movimento.

**Na sua opinião, se o espaço fosse reabilitado, o que acha que poderia funcionar aqui? Novas actividades.**

- Podiam abrir mais lojas. Ter talho, peixe, essas coisas assim.

**Mas acha que ser só mercado iria funcionar?**

- Acho que sim. Acho que as pessoas ainda gostam muito de ir aos mercados. Apesar de ter os supermercados e terem tudo, também...

**Acha que seria interessante misturar com outras actividades? Tirar partido da quantidade de pessoas que aqui trabalha em redor. Por exemplo actividades culturais que chamariam as pessoas também a conhecer o mercado.**

- Sim, talvez se existisse outras coisas, mas não sei...

**Por exemplo um auditório para espectáculos, conferências, exposições?**

- Talvez chamasse mais gente aqui ao mercado sem dúvida.

**Algum espaço para novos projectos, uma procura de dinamizar o espaço.**

- Exactamente! Acho que sim acho que sim. E espaço para isso até tem. É uma pena isto estar assim e ir fechar. Tem aqui tanto espaço, podia fazer tanta coisa.

**Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?**

- Pois, mas não sei. De mercados também não sei muito. Nunca tinha trabalhado em nenhum. Não sei o que poderiam pôr, com o que já existe. Mas acho que poderia resultar aqui.

**Acha que programas para idosos seriam mais indicados, por serem uma camada mais ligada aos mercados?**

- Mas os jovens também vêm muito! Isto não tem é nada. As pessoas passam e acabam por não voltar, porque não tem nada. Se tivesse coisas que chamassem mais...

**Mas acha que a população passa por aqui? Já que isto está tão escondido.**

- Passa. Eles vêm a procura de flores. Turistas e tudo passam por aqui! Olham para isto, coitados, desiludidos. Se tivesse aqui alguma coisa que chamasse a atenção eles iam voltar, agora assim não.

**Então acha que até há bastantes pessoas que passam...**

- Passar, passam. Entram, olham... Alguns até tiram fotografias, não sei para quê mas tiram. Se isto ainda tivesse aquilo algo. Mas realmente não tem nada que chame aqui a atenção a ninguém. Coitados.

**Se o espaço fosse renovado, a senhora gostaria de cá continuar a trabalhar?**

- Acho que sim. Isto não é meu. Estou a trabalhar para outra pessoa. Mas se continuasse acho que também queria continuar. Ele já tem uma certa idade, mas como continua com as outras coisas. Ele também tem um posto de venda em S. Bento, no mercado, e vai continuar. Também faz vendas para o Mini-Preço. E vai continuar a trabalhar, isto aqui é que vai fechar porque vai fechar o mercado.

### 8.5.3 Voluntária da Loja D.Ajuda

**Esta loja abriu recentemente no mercado.**

- Já cá estamos quase à um ano. Foi em Abril.

**Porque foi opção o mercado, já que é um espaço com tão pouco movimento?**

- Porque as pessoas que colaboram neste projecto moram aqui. Isto é um projecto em colaboração com a Junta de Freguesia. Não só na venda destes produtos mas as pessoas que criaram estes projectos colaboram com os lares, dão apoio aos idosos. Têm inúmeras coisas que não aparecem visíveis e... porque pensaram num espaço. Já tinham um espaço ali perto, na Rua Filipe Neri, mas já estava a ficar pequeno para a quantidade de pessoas que doava coisas e então estabeleceu-se um protocolo, tentou falar-se com a Câmara e eles... neste espaço que estava inutilizado, ninguém fazia nada, e que consideraram ser um bom espaço para o projecto

que tinham em mente. A camara cedeu umas lojas e pronto, iniciou-se assim.

**Mas, supostamente, o mercado não irá fechar?**

- Supostamente sim, mas é tudo um “se”. E enquanto fecha e não fecha, aproveitamos a oportunidade. Já há tanto tempo que se fala, mas é um espaço tão bonito. Um mercado tem tanta, tanta possibilidade para tanta, tanta coisa e nunca mais resolvem nada. Acho que foi uma ótima ideia a D. Ajuda ter pedido a cedência deste espaço. Pelo tempo que for, é sempre bom.

**Sobre como era o mercado, sabe-me contar coisa?**

- Era um mercado tradicional de Lisboa. Bastante movimentado.

**Apesar de estar aqui escondido...**

- Não está escondido. Os mercados funcionavam assim. Se for a outros mercados de Lisboa também estão assim. Aliás, ele tem um portão lindíssimo lá em baixo que era impossível não conhecer. Portanto, era o mercado da zona do Rato, da zona aqui da Rodrigo da Fonseca, toda a gente conhecia. Na altura, e na época que existia mercados a sério, era um mercado que abastecia aqui a zona e funcionava a 100%. Infelizmente os supermercados vieram acabar com os mercados todos. É uma pena....

**Pois, acabam por mantêm sempre a tradição.**

- É. Infelizmente está-se a perder e as pessoas já não têm vida para vir ao mercado também. É tudo um conjunto de circunstâncias. E todos os que estão a ser reabilitados... este é uma pena ainda não ter conseguido ser.

**Pois. Existem variadas ideias para o que fazer.**

- Provavelmente, mas isto está tudo... é da Câmara.

**Mas a EMEL quer explorar e fazer um parque de estacionamento.**

- Não faço a mínima ideia, não sei. Isto há imensos projectos para aqui. Ouvi falar já à muito tempo mas nunca mais avançaram. Isto implica muita coisa, muitos interesses, muita política. Eu não sei. Transcende-me e a mim não me interessa. O que interessa é conseguir usufruir deste espaço, que tem sido muito bom.

**Acaba sempre por animar um bocadinho mais o espaço.**

- Sim, agora as pessoas já conhecem. Já vêm muito, vendemos imenso, ajudamos muito as pessoas aqui da zona. Isso é o fundamental! Isto era um espaço morto, desabitado, como está a maior parte do espaço.

**O projecto da Fruta Feia também começou a funcionar aqui.**

- Sim, começou ontem a funcionar com um sucesso enorme. Eu não estive cá mas pelo que soube, teve... foi ótimo, veio imensa gente! Sobrou este cabaz que está aqui. Mas teve uma adesão fantástica.

**Será uma coisa que irá funcionar todas as semanas?**

- Terças feiras. Mas é sujeito a inscrição. Uma inscrição prévia, não sei se sabe como funciona.

**Sim, são cabazes por inscrição que depois vem levantar.**

- Exactamente.

**Agora, na sua opinião, o que acha que poderia ser feito ao mercado para o revitalizar? Novos espaços, programas.**

- Aproveitar! Aproveitar ao máximo o espaço lindíssimo que é, na zona central de Lisboa. Co-workings, qualquer coisa.

**Acha que ser só mercado não basta?**

- Mercado já não dá. A realidade é que não dá. Todos os mercados, infelizmente, eu acho que não são rentáveis. Eu acho é que se pode aproveitar o espaço para rentabilizar. Start-up's... qualquer coisa.

**Sim, efectivamente seria essa a ideia... Start-up's e manter parte de mercado.**

- Aqui que eu saiba há uma ou duas pessoas a trabalhar com mercado. Há a peixaria e a fruta, penso eu. Mais nada. Duvido que dê, continuar como mercado. Mas nestes moldes, não estragar o bonito que é o mercado. Não estragar.

**Manter a memória.**

- Sim, manter a tradição, estragar não. Manter o conceito, manter os espaços. Tirar partido destas estruturas que são giras. Mas aproveitar o espaço que é um espaço perdido nos anúncios de Lisboa. E não transformar em parque de estacionamento. Acho um crime. Acho

que não, acho que quem tenha boas ideias consegue fazer daqui coisas muito giras.

**Mas acha que funcionaria melhor um programa mais para idosos, para jovens, para residentes? Apesar de na área já não existirem muitos.**

- Existem muitos residentes. Claro que aqui, pelo menos, havia muitos residentes já mais velhos. Agora a tendência é começar a camada mais jovem. Eu sinceramente não sei, o mercado está mais virado para o comer. Comer, as pessoas têm que comer, gastar dinheiro noutras coisas, depende. Não sou a melhor pessoa para indicar, mas eu acho que qualquer negocio que seja rentável hoje, seria bom por aqui. Porque isto é um espaço muito central. Escritórios para jovens, não sei. Acho que vale a pena qualquer coisa bem pensada, fazer um estudo de mercado. Acho que vale a pena. É bem... tem metro, tem autocarros, tudo à porta. Portanto é muito acessível para tudo.

**Claro, com a publicidade e o programa certo.**

- Com o programa certo, é isso. O programa certo, tem que ser pensado. Até porque nós queremos continuar aqui, portanto não nos expulsem daqui!

**É interessante saber. Se calhar quem trabalha no mercado preferia ir embora.**

- Claro, se for ver as pessoas que estão ali, coitadas. Também já não têm idade para trabalhar muito mais anos. Portanto mais dia, menos dia, acabam por sair. O que era bom, era giro, era manter a característica do mercado, isso é que era de aproveitar. E há tantas coisas que se consegue fazer. Veja o caso do Mercado de Campo de Ourique. Esses conceitos giros. Eu punha sinceramente workshops, espaços pra jovens. Sei lá. Há tanto jovem criativo com falta de oportunidade para mostrar. Criar assim uns espaços, acho que há muita potencialidade de coisas para fazer e os jovens podem fazer muita coisa. Às vezes faltam espaços. Um espaço aberto onde pode vir aqui, alugar ao dia, à semana. Pode fazer workshops de culinária para crianças. Sei lá, qualquer coisa assim gira. Acho que há muita potencialidade que parte de vocês, mais jovens.

**É uma opção sim. Seria rentável e interessante ter esses espaços temporários. Torna-se uma mais valia para quem produz mas também para quem visita e vê novas ideias.**

- Pois é isso, dar a possibilidade às pessoas de mostrar, por um curto espaço de tempo, aquilo que fazem em casa. Cada vez há mais pessoas a trabalhar em casa.

**Sim, freelancers e trabalhadores independentes.**

- Sim, olhe, não sei. Acho que dá para muita coisa.

#### 8.5.4 Senhora da banca dos vegetais e seu pai. “Tininha dos Cestos”

##### **Há quanto tempo é que trabalha aqui?**

- [“Tininha”] Eu estou aqui... eu a trabalhar, estou à 28 anos mas eu já vinha para aqui quando a minha mãe começou aqui. Tinha 8 anos quando a minha mãe veio para aqui.

-[Pai] Nós viemos para aqui em 1974. Já os saloios vendiam lá em cima. O mercado era só dali do portão para cima. Tinha assim umas bancas do género de escadinha e havia ali os saloios. Eles é que traziam as coisas e vendiam eles próprios ali, lá. Depois é que fizeram o barracão.

-T. Era tudo isto. Era daquele lado de lá... Só peixeiras eram 200, à volta disso. Ainda matavam aqui a criação. As galinhas era aqui deste lado.

-P. O matadouro era ali, do bacalhau para baixo.

-T. Vinham as camionetes com as galinhas.

##### **Antes de ser mercado, era aqui a carpintaria mecânica portuguesa, sabem algo desse tempo?**

-T. Não sei, nunca ouvi. Se calhar pessoas mais antigas saibam. Nem nunca tinha ouvido falar nisso.

-P. Também não. O que a gente sabe, o que as gentes falam, é que isto foi uma... pessoas antigas que deram isto à Câmara... eles vieram cá e depois construíram o mercado. Isso é o que se falava, agora se é verdade ou mentira, não sei.

##### **Segundo fotografias história, esta fachada em tijolo e o edifício em frente existiam na época, associado à carpintaria.**

-P. Exactamente... Por isso é que houve aquela coisa... habitava ali uma senhora naquele prédio. Eles queriam-na tirar de lá mas ela não... estava lá escrito na Câmara que aquilo era... não sei se eram herdeiros. Mas já de outra geração e nunca os tiraram dali.

##### **Actualmente alguém ainda lá mora?**

-P. Agora não porque elas exigiram um apartamento.

-T. A Câmara queria que elas se fossem embora mas elas não. Queriam ficar aqui, ficar aqui perto. Enquanto a Câmara não arranhou uma casa por perto. Porque acho que a casa era de familiares antigos.

-P. E isso já ficou escrito, pelo menos era o que se falava. Não sei se é verdade mas deve ser porque eles nunca conseguiram tirá-los até arranjam casa para eles.

### **O edifício agora está completamente abandonado.**

-T. Sim, só o restaurante por baixo. Está desabitado. O restaurante está incluído naquilo, está na parte de baixo do prédio, não sei como é que depois é.

### **Sobre o mercado, consegue contar-me como foi as mudanças, como antes era e como funcionava?**

-T. Era, era... trabalhava antes, porque não havia supermercados. Depois automaticamente começaram a aparecer os supermercados e começou a fechar..

-P. Quando foi o 25 de Abril, isto trabalhava sábados domingos e tudo. Depois houve aí reuniões, já não foi no nosso tempo, mas era assim. Quando nós viemos para cá, acabámos por não trabalhar ao domingo, porque isto estava aberto ao domingo. E eles então, as pessoas que estavam aí, reivindicaram para fechar ao domingo e depois fechou ao domingo, como está agora.

- T. Mas trabalhava-se pronto.

- P. Trabalhava-se bem. Isso era para aí bichas enormes.

- T. Não havia supermercados, eles construíram as Amoreiras...

- P. O lugar da minha mulher era aquele coisinho pequenino.

-T. Assim de lado, virado para a frente, para a rampa. Era só assim um quadradinho... 3 metros! E trabalhava-se bem. A pessoa não tinha água como agora aqui se tem ao pé. Só havia uma torneira que era a das flores, lá ao cantinho e a gente ia lá buscar um balde de água e tinha que pedir licença às pessoas para passar, já não chegava com o balde cheio. Veja a diferença. Depois os supermercados. A pessoa vinha pouco ao mercado, o mercado é frio, apanha chuva. É aberto, sempre que vem o vento, a chuva entra. Nos supermercados não apanha.

-P. Desde que abriu ali as amoreiras sentiu-se logo.

- T. Logo! Isso foi.

-P. E pronto, a partir daí...

-T. Aqui havia tudo. Tudo o que há ali nos supermercados havia tudo. Roupas e tudo.

-P. Depois veio a MAKRO.

-T. Veio a MAKRO que era só para os vendedores. só para quem tivesse comércio.

-P. Os fornecedores... Depois mudou lá para o MARL.

-T. Depois tudo o resto. Sim, depois também acabou o mercado abastecedor aqui em Lisboa. Nós íamos fazer as compras de manhã, era de madrugada e acabou também. Agora vamos ao Mercado Abastecedor que fica lá para Bucelas, do outro lado. E é diferente, não tem nada a ver. É longe, é portagens, é viagem que é enorme. e pronto, tudo isso não ajuda para quem tem um negócio pequeno. É bom para os grandes. E é mais ou menos assim. Pronto, se calhar uma pessoa antiga que estivesse aqui há mais anos... O meu pai já é mais antigo e já conhecia o mercado, mas mais antigos do que ele já tudo morreu. Os velhotes vão morrendo depois a malta nova não quer vir trabalhar para o mercado. Isto dá muito trabalho, dá muito prejuízo, pouco lucro.

-P. Pois. Depois, não havia um frigorífico para pôr as coisas.

-T. Pois, no Verão é muito calor.

-P. Começámos para aí a batalhar. “Ah a gente põe a gente põe”, os anos foram passando e nunca fizeram nada.

-T. Nunca fizeram. A própria Câmara deixou um pouco abandalhar isto. Eles foram-se indo embora e eles não se importam.

### **Como não está a ser fonte de lucro, claro.**

-T. Não interessa, pois. Agora vão fazer um parque. Já esta aprovado o projecto. Vai ser um parque para a EMEL. Eu não acredito que seja só o parque mas eles não dizem.

### **Já agora, os Lixos foram também aqui colocados.**

-T. Sim, pertencem à Junta.

### **Mas notou que isso foi prejudicial?**

- T. Tudo piora, mas o espaço já estava...

-P. O espaço já era dos cantoneiros da Câmara. Em principio foram eles que vieram para ali.

- T. Sim mas depois fecharam isto e puseram ali... e pronto. Depois as pessoas vêm e veem lixo aqui junto do mercado. Tudo isso ajuda.

-P. Tudo isso espanta as pessoas.

**A cerca do que gostava que aqui acontecesse. Se o espaço fosse melhorado, gostaria de se manter aqui e de ver um mercado a acontecer?**

- T. Claro que sim! Tinham era que dar aqui uma grande volta. Tinha que fechar e fazer aqui umas grandes obras. Eles fizeram umas obras à uns anos, para aí à 15, 16 anos, em 2000. Mas não foi nada assim de especial. Foi só para lavar a cara ao mercado.

**Não acha necessário demolir?**

- T. Demolir não era preciso. Porque é uma coisa antiga, não é? Vem muitos estrangeiros tirar aqui fotografias e tudo. E que gostam.

-P. Pois mantinham isto como era.

-T. Mas pronto, se fosse bem limpo. Estas pedras tudo bem arranjadinho ficava uma coisa engraçada.

-P. Agora com as condições modernas.

- T. Mas a Câmara não quer... Se eles agora já arranjaram o projecto da EMEL para isto ser estacionamento, portanto se fizerem alguma coisa será em ponto pequeno, não é? Para manter alguma coisa, algum comércio. Mas não... um mercado a sério como era antigamente duvido que voltem a fazer, mas gostava que fizessem! Se fizessem eu ficava na mesma. Porque eu tenho clientes aqui por perto. Os clientes que eu tenho, a gente vai adquirindo os clientes. Portanto se formos para longe já não é a mesma coisa, temos que nos deslocar levar as coisas. Já fica mais longe.

**Mas um pouco a parte do que a Câmara quer, o que acham que seria interessante aqui?**

-T. Na mesma mercado, mas com outras coisas. Com parques para crianças para as pessoas trazerem crianças para aqui. Tipo um Centro Comercial, uma coisa pequena mas com

aspecto de mercado. Que tivesse e fosse acolhedor, que as pessoas se sentissem bem para não fugirem para outros lados. Porque as pessoas já começam a ficar fartas dos supermercados e dos centros comerciais.

**É sempre tudo muito artificial.**

- T. Exactamente. E depois não há comunicação. As pessoas começam já algumas a ver que é diferente. Tanto os artigos como a maneira de atender. Então a gente vai ao supermercado, as pessoas nem falam. Metem as coisas para o lado, a gente tem que arrumar tudo à pressa porque já está outro senhor logo ao lado.

**Pois falta muito aquela parte humana no espaço.**

- P. Exactamente, exactamente!

-T. Tem que... ter uns mínimos princípios não é? Se estamos a atender um cliente, ao publico, temos que ter o mínimo conversa, de simpatia. Não é só uma troca. E isso deixa de existir nos supermercados.

**Em termos de uma proposta para o espaço, a ideia seria espaços de trabalho temporário, mais jovens. Novos projectos divulgados que trariam novas pessoas. E o mercado seria associado a esta vertente, rejuvenescendo-o. Também existiriam actividades e workshops para a população idosa e jovem. Acha que seria algo que funcionaria?**

-T. Sim. Porque ainda mora muita gente em Lisboa.

**Mas aqui em volta do mercado, tem cada vez menos, certo?**

- T. Agora começa a haver mais, porque as casas estão a ser reabilitadas. Antes havia aqui casas antigas, aqui na Rodrigo da Fonseca, as pessoas foram embora, morreram. Agora estão a vir novas pessoas. E às vezes vêm aqui e dizem “ah o mercado é só isto? Nós viemos agora morar para aqui.” Portanto, interessa a muito jovem. “E disseram que aqui havia um mercado mas só tem isto.”

**Mas a maior fatia aqui acaba por ser os empresários?**

- T. Há muitos escritórios aqui, muitas empresas. As pessoas trabalham aqui de manhã até à tarde. Depois vão para casa.

**Sobre a zona envolvente, acha que a zona mudou muito?**

- T. Era uma zona mais de habitação. Lá para baixo, para a Avenida não, mas esta zona aqui... Campo de Ourique, era uma zona onde morava muita gente. E agora é só escritórios, à uns anos para cá.

**E acha que piorou?**

- T. Piorou pois, as pessoas foram-se embora. Eu ainda sou do tempo de ver as criadas que vinham com aqueles fatinhos, aventais e botas. E portanto, tudo desapareceu. Depois começaram a vir as empresas. Só escritórios. Por isso é que lhe digo que agora estão a começar a estruturar as casas. Se calhar alguém trabalha aqui e quer morar também perto do trabalho. Pessoas novas. Por isso é que se ouve alguns a dizer que agora estão a vir para aqui.

**Não sente que é uma zona muito turística?**

-T. Não é tão turística como os bairros, os bairros é mais. Mas também é. Depois há aqui hotéis. Aqui à volta. E isso... sempre vêm visitar. Porque é tudo muito junto.

**Em termos de mais valias para a área, pensa que o melhor seria reabilitar e manter mercado?**

- T. É reestruturar tudo. Isto já está muito velho. Modificar tudo, porque as pessoas quando é uma novidade vão. Não é? Se já sabem que é um mercado, que é velhote, “ah já não há ninguém.” Agora, se houver alguma coisa, de uma revolução grande, “ah o mercado vai ser reestruturado vai haver isto vai haver aquilo.” As pessoas têm aquela tendência. Então nas redes sociais... As pessoas têm sempre aquela curiosidade, “deixa ver como é que aquilo está, já não vou lá à tantos anos.” Pessoas que moraram por aqui, já velhotes mas têm filhos e têm netos que se lembram de vir com a avó ao mercado. Se calhar lembram-se, “há tanto tempo que não oiço falar do mercado do Rato, deixa cá ir ver.” Penso que se fizessem qualquer coisa... pelo menos quando é novo as pessoas vão sempre ver. E depois é o dia-a-dia e ver o que é que dava mais, o que é que não dava. Novas ideias!

**Sobre a sua banca, associou-a agora um concurso de vitrinismo...**

-T. Sim, tentar fazer um bocadinho mais de publicidade.

**É uma coisa muito recente.**

-T. Sim, sim. Não tem sequer um mês. Ainda nem mudei nada, porque elas é que têm as passwords e tudo, portanto ainda não alterei nada.

**Mas acha que poderá fazer diferença?**

-T. É capaz de fazer. As pessoas que me conhecem, que sabem que estou aqui, porque vão divulgando... mas como também tenho clientes que a publicidade é o “passa-palavra” e uns vão dizendo, portanto... Mas tudo ajuda.

#### **E sobre a Fruta Feia...**

- T. Nessa altura aqui já está fechado e aquilo é um projecto à parte, da D. Ajuda.

#### **Sim, mas se calhar sempre chama a atenção.**

-T. Sim, que há um mercado. As pessoas não conhecem, depois têm tendência a ir descobrir e saber o que passa lá mais.

#### **Porque o mercado do Rato acaba por ser um bocadinho despercebido.**

-T. Mas sempre foi. As pessoas não sabiam. Havia às vezes pessoas que moravam aqui e não sabiam que isto era um mercado.

#### **Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?**

-T. A minha mãe e o meu pai estão aqui à 41 anos.

-T. [a cerca do projecto do parque de estacionamento] Eles dizem que não querem que as pessoas tragam carros para a cidade, mas depois fazem parques. Não bate certo. Por exemplo, há um mercado em Campo de Ourique que não tem estacionamento como nos temos aqui. Foram estruturar aquele mercado e este não, porquê? Tem um espaço aqui tão grande. Fizeram na Ribeira que era grande e não fazem aqui também que é grande. Mas eu não acredito que seja só para o estacionamento. Pessoalmente não acredito, acho que vão fazer mais alguma coisa. Mas não dizem, querem que a gente se vá embora.... porque quanto menos são, menos força têm.

### **8.5.5 Senhor do Restaurante “Mercado da Sardinha”**

#### **Há quanto tempo trabalha aqui?**

- Desde 1999, portanto à 17 anos.

#### **Então assistiu às últimas obras do mercado, de 2000?**

- Sim... não. Isto levou antes em 1996, 1997 estas obras que ficou assim como está. E eu vim a seguir a isso. Estas foram as últimas. Desde que cá estou não voltou a acontecer obras nenhuma.

**E desde que cá está o mercado sempre esteve assim ou ainda havia movimento?**

- Não, não! Isto tinha muito movimento. Isto tinha peixaria, tinha talhos.

**Ainda estava tudo a funcionar.**

- Sim, nessa altura ainda estava tudo a funcionar normalmente. Tinha aquela zona ali daquele lado que era tudo peixaria. Tinha os talhos também, aqui era tudo hortaliças. Aqui também, esta loja aqui também era hortaliças e batatas e legumes. Pronto, aqui também era um talho, esta loja que está aqui, agora tapada. Pronto isto estava tudo a funcionar. Foi caindo a pouco e pouco por várias razões.

**Em que ano é que ficou no estado em que está agora?**

- Foi para aí à 2 anos. Assim com estas poucas pessoas tem por volta de 2 anos. 2, 3 anos no máximo. As pessoas foram-se embora, as peixeiras acabaram por se ir embora, portanto também deixou de haver gelo. Depois elas não conseguiam pôr o peixe nas bancas e pronto as coisas começaram a se deteriorar também e as pessoas acabaram por se ir embora.

**Em termos de restauração, acha que continua a funcionar aqui bem?**

- Bem... funciona.

**Como fez agora esta renovação...**

- Sim, remodelei agora isto tudo. Mudei o nome. Foi várias razões. primeiro porque este chão e estas frentes de loja estavam-se a degradar. Estavam os azulejos a cair, o chão como pode ver aqui assim estava todo partido, pronto e foi uma maneira de... E outra maneira foi também de dar mais algum conforto aos clientes porque como isto é madeira, por aquecer, e no Inverno fica um bocadinho melhor.

**Acha que é frio?**

- Sim muito.

**E depois no Verão é quente**

- Também é muito quente no verão, exactamente.

**Actualmente, o mercado não tem qualquer tipo de movimento.**

- Não, e deve estar mesmo para acabar em pouco tempo.

**A restauração funciona ainda mais ou menos?**

- Isso vai mantendo. A restauração acho que somos os únicos que vamos ficar.

**Também soube que há muita pessoas que atravessam o espaço mas acabam por não ficar. As pessoas até reconhecem e sabem da existência do mercado.**

- Exacto. Sim, sim, algumas pessoas sabem.

**Normalmente são pessoas que se deslocam para o trabalho?**

- Sim, como isto liga o Largo do Rato à Rodrigo da Fonseca, acaba por ser um atalho mais rápido das pessoas passarem, exactamente.

**Sobre os lixos, estes também se estabeleceram aqui. Nota que pioraram a situação?**

- Sim, pertence à junta. Não, eu penso que não. Pronto, houve se calhar ao princípio alguma relutância das pessoas em vir porque está aqui. Mas pronto, isto que está aqui é só a Central. Acabamos por não ter aqui nada de lixo. Porque eles vazam lá em cima, ou às vezes lá em baixo quando é aqueles dias de calor, de Verão. Isto tudo é retirado lá para baixo para a entrada do parque para os cheiros não estarem aqui. Portanto não estou a ver... isto decaiu porque as pessoas daqui deixaram de... como hei-de explicar... antigamente haviam pessoas que moravam aqui o ano inteiro. Nesta altura, as pessoas que aqui moram são pessoas muito... já com uma idade bastante avançada. Os filhos saíram daqui, e outros, a maior parte, é tudo escritórios de empresas, portanto acaba por termos aqui “n” serviços, tanto que isto ao fim de semana está praticamente deserto. Porquê? Porque os serviços não funcionam. Eu só funciono de segunda a sexta feira, ao fim de semana não justifica.

**Se houvesse uma reabilitação, acha então que o mercado então faria sentido.**

- Não. Eu acho que se o mercado fosse reabilitado e que as coisas fossem bem implantadas, o mercado funciona. Porque repare, além de haver aqui muitos serviços e não haver muitas pessoas a morarem, as pessoas dos serviços acabam por se abastecer um bocado nos sítios onde estão. E se a senhora... repare: você sai do escritório às 6 da tarde, em vez de ir ao supermercado comprar aqueles produtos que já estão lá à não sei quanto tempo, se puder passar por aqui e levar coisas frescas ou pelo menos coisas do dia, as pessoas aproveitam. Agora não querem é que as pessoas venham aqui à hora de almoço fazer as compras para levar as coisas para o escritório, isso não justifica.

**Pois, porque o horário do mercado é só de manha.**

- Exactamente.

**Na sua opinião, acha que bastaria mercado, ou que outras ideias funcionariam aqui?**

- É assim, eu já vi, já ouvi aqui várias ideias. Já vi alguns projectos. E achei interessante um dos projectos que eu vi, que tive assim mais conhecimento. Que seria retirar esta parte toda, juntar os comerciantes todos numa zona, inclusive os dois restaurantes ficarem encostados costas com costas para não haver aquele... mistura de clientes um e outro. Ao ter as lojas assim, as pessoas acabam por se sentar... e se for costas com costas cada cliente vai para o seu lado. E aqui um aglomerado de comerciantes. Eu penso que sim, e aproveitar essa rampa e as lojas em vez de funcionarem para o lado de cá, funcionarem para o lado de fora. Eu penso que sim.

**Então este edifício acabaria por desaparecer?**

- Não, não seria desaparecer. Seria fazer um outro aproveitamento, pelo menos aqui desta parte. Porque é assim, hoje em dia os mercados, não justifica ter um mercado como à 50 anos atrás, que era um mercado onde havia não sei quantos... basta ter uma loja onde venda produtos bons de qualidade. Hortícolas, frutas e se houver mais uma variedade de produtos bons, de qualidade, isto funciona sempre.

**Acha que bastaria zona comercial?**

- Sim sim.

**Não acha por exemplo, tentar criar zonas de trabalho, co-working ou start ups...**

- É assim, eu não sei o que é que eles pensam fazer aqui.

**Mas neste caso, sendo um trabalho universitário, poderei propor o que achar melhor.**

- Exactamente. É assim, eu já ouvi e achei uma ideia muito interessante fazerem aqui um género de uma loja do cidadão. Traria muita gente aqui como deve calcular. É uma zona central, é uma zona que tem muita gente. Pronto eu penso que sim, uma coisa dessas seria benéfico. E ao mesmo tempo ter as tais lojas com produtos de qualidade e penso que sim, que seria muito benéfico para isso.

**E por exemplo, actividades e workshops para a população idosa ou para os que aqui se deslocam?**

- Aí, eu penso que há uma parte da Junta de Freguesia a fazer isso já. Eu penso que já

há essa parte.

**Mas se calhar gerar mais espaço.**

- Mas eles têm. A Junta de Freguesia ficou ali com aquela parte da D. Ajuda, não sei se já visitou aquilo. Isso é tudo da Junta, são pessoas que estão lá. Penso que eles agora vão começar a fazer alguma parte disso, de querer integrar as pessoas com mais idade a saírem de casa, a virem aqui, a ajudar, digamos. Se for isso, eu penso que sim. Mas para a restauração, não são essas pessoas que ajuda, pronto. Serviços aqui dentro e as pessoas que vêm de fora, eu penso que sim. Desde que a gente consiga dar alguma qualidade aos clientes.

**Se fossem por exemplo actividades culturais, poderia depois gerar clientes para jantares, no seu caso.**

- Sim, sim, eu penso que sim. Até algumas pessoas que moram aqui às vezes vêm me consultar para saber de jantares. Pronto, mas como eu não posso fazer... que é o horário do mercado. Portanto, a gente o dizer que vai dar é um bocado relativo. Mas penso que sim, alguns dias específicos da semana, aqueles dias assim mais... Porque sabe, isto está tudo perto de tudo. Esta é uma zona de passagem de todas as pessoas que vão para a noite. Um jantar aqui iria seguir para o Bairro Alto. Ao passarem aqui, ao terem aqueles produtos tipo Gourmet, eu penso que sim, que seria benéfico. Dai o ser. Será que é, será que não é. A gente tem que pôr sempre essa hipótese, mas eu penso que sim, que seria. Se isto ficasse com projecto agradável, penso que sim. Era benéfico para zona, para as pessoas que aqui moram e para o comércio da zona, todo ele em si.

**Sim, passaria pela qualidade do que é oferecido mas também muito pelo próprio espaço.**

- Sim, porque aqui o espaço não é nenhum. Isto é uma coisa já degradável que não tem nada. Repare, eu às vezes digo isto às pessoas que aqui trabalham. "Vocês se morassem aqui ou trabalhassem aqui, vinham ao mercado fazer alguma coisa?" Porque a senhora entra aqui para comprar o quê? Frutas e hortaliças, bacalhau. E pão. Pronto. Não tem mais nada, toma um café, come um bolo e o resto? O resto tem que ir ao supermercado. Se vai ao supermercado faz lá as compras todas de uma vez porque lá tem tudo. Enquanto que se houver aquilo que eu digo, não é preciso ter grandes quantidades. Ter variedade e qualidade. Eu falo por mim, eu sou daquelas pessoas que tem esta casa aqui há 17 anos e primo pela qualidade. e nunca quero nem penso baixar a qualidade aos meus clientes. Pelo contrário, penso sempre em melhorar a qualidade. Mas como eu já estou num patamar um bocado alto porque só trabalho com peixe fresco, só trabalho com carne fresca. Todos os dias trago legumes frescos, pronto, o meu clien-

te está habituado já a um patamar alto. Eu não posso descer esse patamar como deve calcular. Portanto tenho que o manter, e às vezes levantá-lo um bocadinho. E se aqui houvesse lojas nesse patamar de qualidade e com preços relativamente acessíveis para que as pessoas possam comprar, eu penso que isto funciona.

**Sim, porque o seu espaço apesar de estar aqui escondido, tem bastante movimento, acaba por ter clientes fixos.**

- Sim, eu tenho clientes que vêm aqui de segunda a sexta feira. Porque é o que eles dizem, “Oh Francisco, aqui à volta não tenho peixe de qualidade como você tem.” Em vez de ganhar 50, limito-me a ganhar 5, mas vendo. Mas vendo. Se ganhar 50 se calhar só vendo para 1 ou para 2. É aquilo que eu digo, é a pessoa estruturar a sua casa, o seu negócio neste caso, e direccioná-lo para o que a gente aqui tem. Que é uma zona de serviços, que sabemos, durante o dia é um bocado relativo, porque as pessoas não vêm às compras durante o dia porque estão nos escritórios. Mas se a gente apostar em qualidade e se apostar num horário um bocadinho alargado, isto funciona.

**Sobre a zona, esta questão de ser área de serviços, é algo novo. Antigamente, era zona residencial.**

- E a Câmara nunca, nem acompanhou a mudança, nem deixou as pessoas acompanhar essa mudança. Porque houve vários pedidos à Câmara para alargar o período de funcionamento, a Câmara nunca deixou. Não é uma pessoa que vai para um escritório e vem buscar pão até as 11 e meia da manhã. Leva pão quando passa daqui e vai para casa.

**Funciona ainda no horário antigo, em que a pessoa acorda de manhã...**

- E vem às compras, exactamente. Hoje não funciona. Com o correr que as pessoas hoje em dia andam, hoje em dia a única coisa que as pessoas fazem é passar ao final do dia e levar para casa qualquer coisa para comer. Para comer, não só feito, como para fazer. Ou vão ao takeaway e levam, ou levam por fazer e fazem. Mas pronto, mas passam e levam. Portanto é isso que aqui falta nesta zona, aqui dentro do mercado. O alargamento do horário para que as pessoas possam passar na saída dos escritórios e vão já abastecidas daqui para casa. Tanto em takeaway como hortaliças frescas, fruta.

**Na área envolvente existe também algum turismo. Acha possível tirar algum partido disso?**

- Sim, sim há muito turismo. É assim, eu penso que sim. Eu tenho aqui alguns clientes

turistas que são recomendados por outros que já vieram. “Olha quando fores vai a tal lado”, e quando vêm aqui dizem “olhe eu vim recomendado de um casal que esteve ca o ano passado ou à seis meses e gostei o muito, o que é que me recomenda para comer?” Pronto. Quando a pessoa, e a senhora sabe que isso acontece consigo, quando vai a um restaurante e é bem atendida, o produto é bom, sai de lá satisfeita, “olha, vamos a tal lado, lá come-se bem e não é caro.” É o que acontece um bocado aqui. Eu penso que o turista também gosta disso. Tem que se dar alguma qualidade, continuo a dizer, e um bom serviço, um bom atendimento.

**Mas acha que seria uma mais valia apostar no turismo?**

- Não, não. Eu acho que seria preferível para a comunidade, para a população, para as pessoas que aqui trabalham. Temos esse tipo de serviços e aproveitar, claro, já que vêm são bem vindos e atende-se sempre o turista.

**Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?**

- Penso que não, pronto. É um bocado dentro disso, vamos esperar o que é que eles vão fazer. Mas tudo isto que eu lhe disse é uma verdade. As pessoas que trabalham aqui, que moram aqui, e ate mesmo o turista, eu noto que eles às vezes não entram aqui porque isto já está muito mal sinalizado. Pronto, não há uma informação do que temos aqui. E a Câmara nunca se preocupou com isso. E pode ser que agora, se eles fizerem aqui alguma coisa, que façam uma coisa que realmente chame as pessoas. Tanto as pessoas que moram, como as que trabalham, como aqueles que vêm visitar Lisboa. Isso é o essencial também.

**A ideia sobre a alteração do mercado já vem à muito tempo. Actualmente, estamos nas mesmas suposições ou acha que está mais próximo de algo acontecer?**

- Eu penso que está mais próximo de acontecer, mas é como eu digo. Eu já estou naquela, que só acredito quando acontecer. Já à uns anos, e desde há 3, 4 anos que as coisas têm andado realmente mais acesas, digamos. Já tivemos varias reuniões com a Câmara, não está nada decidido. Penso que agora as coisas estão a começar a ter algum andamento. Pelo menos as garantias, entre aspas, que nos deram é que isto vai até ao final do ano haver aqui alguma coisa. Não sei se será mesmo ate ao final do ano, se a partir do ano que vem, que irão fazer alguma coisa. Vamos ter boas expectativas e que aconteça aqui qualquer coisa. Quanto maior for a concorrência, melhor para as pessoas que estão cá dentro e melhor para as pessoas que andam aqui à volta e que vivem aqui a volta, porque têm melhores serviços. Isto é a minha opinião.

**8.5.6 Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, Vas-**

co Morgado

**De uma forma geral, gostava que me falasse um bocadinho do Mercado Rato. O que souber da sua história, evolução e degradação.**

- Os mercados sempre foram geridos pela Câmara Municipal de Lisboa. Deu-se mais ou menos atenção, consoante os tempos que se viviam, e com a abertura das grandes superfícies comerciais, em como o público começou a ir ao melhor preço e não tanto à qualidade, a absorção do problema... os mercados tendencialmente perderam para a concorrência. Como as pequenas mercearias, antes dos mercados, perderam para a criação dos mercados. Depois há toda uma nova dinâmica da cidade que foi imprimida com a evolução dos tempos. O problema aqui põe-se que o poder público, seja ele autárquico ou nacional, não anda à velocidade da sociedade, não é? Dou-lhe aqui um exemplo claríssimo do que se passa: um miúdo de 9 anos tem acesso a informação num dedo, informação do mundo num dedo. E o Sistema de Ensino continua com o professor do lado esquerdo a debitar matéria. Portanto há aqui um ir atrás do prejuízo. Chegou a um ponto que deu-se com a morte dos mercados tradicionais, ao ponto de eles serem renovados agora com outras ideias, com outros targets, com outras dinâmicas de negócio. A forma conjunto como ela está a ser feita, eu penso que não seja a mais indicada, porque manter 3 bancas de fruta e uma banca de carne, só para dizer que é um mercado, não é benéfico, nem para quem lá está, nem porque eu enquanto consumidor do mercado da Time Out ou de Campo de Ourique não vou comprar fruta no mesmo sitio que vou beber gin. Não é assim. E depois estão muito virados para....

**... para um turismo?**

- Não, o turismo é outra problemática. O turismo traz um peso problemático, não vamos por aí senão não saímos daqui! E a minha posição é conhecida nisso. Vou-lhe dar aqui um exemplo: eu tenho 3 filhos, a mais nova tem 4 anos. Eu não vou com a minha filha ao mercado comer nada. Quando vou, vou sozinho. Porque eu não estou para andar com tabuleiros e uma miúda de 4 anos à procura de sitio para me sentar. Portanto, os mercados estão muito vocacionados para um target jovem.

**Uma coisa mais de passagem, mais rápida, mais simples.**

- Eu quero um mercado com qualidade para me sentar, para não sei quê, ainda não há. Ainda se está a procura aqui da forma perfeita. Está-se a ir ao imediato, ao investimento e ao ganho do investimento

**E toda a tendência que advém do estrangeiro...**

- O problema é que o estrangeiro já mudou, nós é que ainda não. Nós vamos sempre com algum atraso, é o normal não é? Já não basta o publico não acompanhar a evolução da sociedade, o poder publico não consegue. A lei é de tal forma restritiva que para mudar qualquer lei é uma enormidade de tempo. Quando nós mudamos a lei, já aquela parte para a qual a gente mudou a lei, já passou. Portanto, a liberalização total também não é benéfica, já se percebeu. Os mercados têm que ser regulados, seja os mercados tradicionais, todo e qualquer mercado, desde o mercado até ao do Rato, terá que ser sempre regulado para não se perder no seu fim. Mas a dinâmica do mercado foi a perca para as grandes superfícies, e ninguém do poder publico, que vai atrás da corrente dos votos, e isto é tão simples como isto, ninguém no poder publico fez com que se evitasse qualquer coisa.

**Mas acha que actualmente é uma opção vantajosa, melhorar ou manter ali um mercado?**

- O mercado tem que mudar. Da forma que ele está, está morto e enterrado. Não há volta a dar. A revitalização do mercado não passa por aquilo que nos é apresentado, ou que nos foi apresentado no principio do século XX, o modelo. A revitalização do mercado passará por encontrarmos uma solução com a Câmara, que a Câmara não nos passou o mercado, mista. Mista e estruturante, que dê alguma qualidade de vida ao bairro, porque Lisboa é uma cidade de bairros, e à muito tempo para cá é gerida para quem cá vem e não para quem cá mora. Os moradores de Lisboa, os lisboetas, são tidos como danos colaterais, pelo poder, completamente. Eu moro em Lisboa e eu sinto isto. Dá-se primazia ao turismo em vez da minha qualidade de vida que moro cá. Dá-se primazia a quem cá vem de carro todos os dias e se vai embora às 6 da tarde. Eu quero qualquer coisa para ir com os meus filhos, eu quero qualquer coisa para fazer com a minha família, com os meus amigos, não tenho. Tenho que sair de Lisboa para ter alguma qualidade de vida. Para ir para um parque, para não sei quê. Claro q todas as soluções neste momento serão casuísticas e serão para uma coisa imediata de 1, 2 anos. Não se pensa a cidade com uma extensão. Não se pensa a cidade... também porque não se percebe o que vai acontecer.

**Actualmente está tudo a mudar tão rápido que não se torna fácil acompanhar.**

- Mas há uma coisa que não muda, que são as pessoas. As pessoas continuam a ser pessoas e têm que ser tratados como tais. os lisboetas sentem-se aguçados, os lisboetas sentem-se postos de parte, os lisboetas sentem que se dá primazia a outros do que a eles e isto não é bom para os mercados, não é bom para nada. Se eu conseguisse fazer aqui um mercado como nós tínhamos a ideia do projecto. Que era um mercado com 2 ou 3 âncoras, marcas fortes, que as tínhamos, uma mistura de cultural com o próprio mercado normal que abastecesse as âncoras e toda a zona aqui à volta e onde eu pudesse ir ao final do dia com os meus filhos... Era um

mercado para cidade, para os lisboetas.

**Uma coisa mais para a comunidade, com ofertas culturais, tempos livres...**

- Com tudo! Não é? Mas não. Está a ideia de se fazer um parque de estacionamento. Quando se quer limitar trânsito dentro da cidade, para que é que se vai fazer um parque dentro da cidade? Não é? 7000 lugares de estacionamento quando estão a afunilar tudo para os carros não virem para cá.

**Pois, as intervenções na cidade focam-se neste momento em espaços verdes e transportes sustentáveis, os públicos e ciclovias, e depois continuam a propor-se parques de estacionamento.**

- Para? Se não posso trazer para aqui o carro... É só para os moradores? Para eu tirar o estacionamento da rua? Epá, aí assim já aprovo! Se os meus moradores puderem lá todos pôr o carro e eu proibir o estacionamento cá fora porque tenho ali lugares, é já! É que assim... já! Porque posso alargar os passeios, posso fazer uma série de coisas que agora não posso.

**Pois, mas a ideia deverá ser mais daí tirar algum lucro.**

- É trazer carros, é trazer carros! Para quem cá vem. História do mercado. Foi um mercado do principio do século. Isto era uma zona bastante rica em fábricas e fabriquetas e o mercado fazia todo o sentido aqui e fez até à sua decadência. A abertura de novas superfícies foi... e o facto de elas poderem estar abertas ao domingo não dá descanso ao comércio tradicional que tem por regra não trabalhar ao domingo.

**E o próprio horário de funcionamento do mercado mantém-se focalizado na manhã, que já não se associa ao estilo de vida da população. Ninguém vai às compras de manhã.**

- ninguém, não. Os avós já trabalham, ou ainda trabalham neste caso.

**Sobre o que a Câmara pondera fazer. Existem diversas propostas...**

- A EMEL vai começar a gerir aquilo. É a única coisa que lhe posso dizer, que sei.

**E o que é que acha que seja necessário à freguesia, ou que valeria a pena?**

- Nós precisamos de um espaço, de um auditório, que era para ser no Mercado do Rato. Nós precisamos de um espaço para fazer eventos culturais. Era para ser no mercado. Nós precisamos de um espaço para sentir qualquer coisa nossa, para o bairro, para as pessoas que moram aqui, era o mercado a nossa ideia.

### **Neste momento a população do bairro é mais envelhecida. Ou está a voltar alguma população?**

- Não está a voltar nada, está a ir-se tudo embora. Até os envelhecidos. Ninguém quer, oiça... Eu vou-lhe dar aqui um exemplo. Nós temos o cuidado imenso, em detrimento até de receber dinheiro, e toda a gente sabe que a gente precisa de dinheiro para funcionar, para fazer coisas. Eu não dou quase licenças para esplanadas sem estudar muito bem se a esplanada vai impedir que alguém se deite e durma. A esplanada é boa, eu adoro esplanadas! Mas se eu estiver numa esplanada até à 1h e meia ou 2, e se o prédio onde estiver a esplanada tiver gente a dormir, que é que fazemos? O meu editorial vai um bocadinho nesse sentido, o editorial deste nome. Porque, não há hipótese. Eu consigo ter esplanadas em alguns lados mas não consigo noutros. Eu não tiro lugares de estacionamento para dar esplanadas. Eu se a rua for mais estreita do que 7 metros entre prédios, não há esplanada. Porque o eco... Agora se me disser, "ah tem esplanadas na Avenida", tem mas não fui eu que as dei. Não fui eu que as dei.

### **Mas não concorda com as esplanadas da Avenida?**

- Concordo. Não concordo com o contrato que a Câmara fez. Que lhes dá poderes para fazerem o que quiserem. Depois eu tenho os hotéis à pega, as pessoas que moram nas ruas de trás à pega. Porque não dormem, porque há concertos. É que a cidade tem que ser gerida e pensada, não é só dizer que sim porque fica bonito. Nós vamos lá fora e dizemos "ah pá, tem uma esplanada á beira mar!" Nós temos não sei quantos quilómetros de costa, porque não se fazem mais esplanadas à beira mar e se deixa as ruas onde as pessoas moram sossegadas? Não, porque Lisboa não tem porto, Lisboa não tem água. O Porto de Lisboa é que tem a água. Não é Lisboa, não é a Câmara, é o Porto de Lisboa. A Câmara não pode lá construir nada, tem que ser o Porto de Lisboa. Isto não acontece noutros lados. Dou-lhe mais exemplos, dou-lhe milhentos exemplos que eu acho que estão mal. A circulação da Avenida tirou os carros da Avenida... mentira, não tirou nada porque eles continuam lá a passar. Empurrou outros, empurrou uma grande parte deles para as ruas em volta. Então tiramos a poluição da Avenida, onde só tem lojas e 32 moradores, e pomos a poluição e o barulho onde moram as pessoas. Como é que a gente faz? Onde moram as pessoas é que vamos pôr os carros, à 1, às 2 da manhã... agora há trânsito 24 horas por dia. E depois o que é que resolvemos fazer? Cercar a cidade com obras. O único sitio onde não há obras é na Avenida da Liberdade. A única coisa boa desta Avenida da Liberdade foi a rotunda conforme a fizeram agora. Porque acabaram com os acidentes, há menos acidentes. Não havia ali dia nenhum que não havia um gajo que viesse da esquerda e batesse num gajo... hoje em dia está melhor porque é mais estreito, o ângulo já não é tao largo. Agora de resto, devolvam lá a cidade às pessoas porque isto está para quem cá vem de carro. A

gente entra pela A5, entra pela 2ª circular, entra por Cascais, entra por não sei quê, entra pela Marginal. Entra por todo o lado, para sair também sai por todo o lado. Mas entra tudo à mesma hora e sai tudo à mesma hora. Os mercados padecem disso, ou você acha que é a reactivação do eléctrico 24, que vai dar ao Cais do Sodré, como a Câmara diz, que as pessoas vão deixar o carro aqui em Campolide e vão de eléctrico até lá abaixo por causa dos copos? Então mas depois têm que ir para casa de carro na mesma. Ninguém pensa a cidade, está tudo a fazer casuisticamente. Há um problema aqui, vamos resolver este, mas depois este cria este, este e este. Mas a gente não pensou nisso, então vamos resolver este. Então e os outros? Não, resolvemos este aqui, depois ok, este minimiza este, mas arranja-me este, este e este. E é assim que se está andar. E entretanto Lisboa está cercada por Concelhos que apostam na qualidade de vida de quem lá mora e puxam para eles. E o que faz a Câmara? Neste caso, este executivo, que se tivesse lá um da minha cor eu também dizia a mesma coisa. que é que faz a Câmara? Aumenta as taxas e os impostos aos que ainda cá estão, para tentar tapar o buraco do dinheiro que não recebe do Orçamento de Estado, que é pelo número de habitantes. Porquê? Porque eles foram morar para Oeiras, para Odivelas, para Loures, para Cascais, para Vila Franca. Para Vila Franca não muito que aquilo também é muito mau. Mas Alcochete, Almada. E quem é que recebe com isso? As Câmaras que lá estão, e quem é que perde? Lisboa.

**E daí gera-se a aposta toda no turismo que é algo imediato.**

- Depois vamos fazer como Veneza. Vamos fazer como fazem Veneza, que foi ameaçada agora que lhe vão retirar o título de Património Mundial pela Unesco se não pára. Tinham 480 mil habitantes, têm 60 mil. O Presidente da Câmara diz que vai fechar 2 meses por ano ao turismo. Não vai receber cruzeiros. Porquê? Porque é os 2 meses de obras, de revitalização do que o turismo estraga. Eu recebo por 12 mil habitantes, trabalhamos para 200 mil. Como é que é? Ou me dão dinheiro de 200 mil e eu consigo fazer ou então o que é que eu faço? Limito-me a gerir expectativas, gerir buracos.

**É um problema complicado, olhando a cidade amplamente.**

- Mas não, o turismo é óptimo! Óptimo. É um vírus, mas é óptimo. Eu sou a favor do turismo. Agora não tem que estar todo concentrado aqui. A Câmara já devia ter pensado, utilizado o PDM: meus amigos, Marques de Pombal para baixo não abre mais nada. Querem abrir, Lumiar, Picheleira... as zonas mais periféricas. Porquê? Porque em Londres, apanhamos o transporte público e demoramos 1h a chegar ao centro. Aqui apanhamos o metro de qualquer ponta da cidade e em 15 minutos está aqui. 15, 20. Qual é o problema? O problema é que não é imediato. Não é imediato e os políticos vivem de 4 em 4 anos. Depois há uns parvos que tendem às vezes a perder eleições porque dizem assim umas coisas parvas como estas e estão-se

borrifando até para as directrizes que os partidos lhes dá. É assim, eu não sou contra o turismo. Eu quero o turismo regulado, já chega! Eu tenho pessoas a serem ameaçadas para saírem de casa. Porquê? Porque pôr aqui o Airbnb, ui! Não é? Berlim já cancelou o Airbnb. Roma vai a seguir. Praga já esta. Barcelona... para não baterem nos turistas, já não os querem lá. Que é que a gente faz? Nós não, nós ainda estamos numa fase... venham, venham! É o deslumbre! Não pode ser. Então mas um hoteleiro manda mais na minha cidade do que eu que moro cá? Depois dou-lhe aqui um exemplo. Isto aqui é um 3o andar. O seu vizinho de cima tem alojamento local e o seu vizinho de baixo tem alojamento local. Você tem turistas, os turistas entram, eu também quando faço turismo entro a outras horas. Entram à hora que querem, saem à hora que querem, fazem barulho, você tem crianças pequenas, como é que é? Bem, mas o Mercado do Rato é o que lhe interessa para completar o Mestrado. Nós tínhamos a ideia de fazer um Multiusos Cultural com 3 ou 4 âncoras fortes para trazerem outras mais pequeninas, para fazer Pop-up's, mas nunca perdendo o norte ao bairro. Um parque infantil onde as pessoas pudessem deixar as crianças e ir beber um gin. Estão no bairro, estão em casa. Onde pudessem... olhe por exemplo, comer um "frango assado do bom jardim", que ele queria vir para cá. Um espaço familiar, para a família. Sempre com esse mote.

#### 8.5.7 Membro da Direcção da "Boa Vizinhança" Santo António - IPSS e Membro Executivo da Junta de Freguesia de Santo António, Ricardo Santos

**Primeiro, gostaria de saber o que é a Associação "Boa Vizinhança" e o Projecto "D. Ajuda". Depois, o porquê do Mercado do Rato como opção de local para sua implantação.**

- A "Boa Vizinhança" é uma IPSS. Começou inicialmente por um grupo de voluntariado de pessoas que pertenciam à antiga Freguesia de S. Mamede, que queriam fazer voluntariado na área da sua freguesia e que depois, mais tarde, com o aumento do número de voluntários, com o aumento das responsabilidades, optou por assumir a forma legal em Associação e depois, mais tarde, pediu o estatuto de IPSS [Instituições Particulares de Solidariedade Social] à Segurança Social. A Associação "Boa Vizinhança" conta com uma rede de voluntários que prestam voluntariado nas instituições da freguesia, conta também com uma loja social. Essa loja social já existia no Mercado do Rato mas era dinamizada por um grupo de voluntários, uma coisa bastante informal. E, ao a associação tomar forma legal, tornou-se uma valência da associação. Depois, realiza também eventos, quer seja para dinamizar o espaço publico, quer seja para... é isso, geralmente tem sempre uma causa por trás para angariação de fundos, ou para a instituição que é apadrinhada pela instituição, que é o Lar Jorbálan ou então para outras instituições da freguesia.

### **Esse lar que fala é este aqui na Rua Filipe Neri?**

- Não, não, é na Rua Maestro Pedro de Freitas Branco. É próximo da Residencial de S. Mamede; à frente da igreja, desce, é aí. É um lar para mães vítimas de violência doméstica e para as crianças, ou então de casos extremos de carência, mas para mulheres. Depois, havia de facto esta loja que já estava a funcionar à bastantes anos. O espaço tinha sido cedido pela Junta de Freguesia. Era um género de barracão no estacionamento do Mercado do Rato. E que depois foi cedido à “Boa Vizinhança”, a “Boa Vizinhança” fez alguns melhoramentos. E mais tarde, quer dizer, mais tarde isto é... desde o início que houve esta perspectiva sempre de o Mercado do Rato encontrava-se ao abandono com imensas lojas óptimas para expor os artigos, para fazer de loja e nos estávamos a funcionar num barracão do estacionamento do Mercado do Rato... quer dizer, quase não tinha visibilidade.

### **Mas estarem nesse barracão foi uma coisa bastante recente?**

- Já á 7 aos que estava nesse barracão.

### **Porque recordo-me de passar aqui antes da “D. Ajuda” aqui estar e não notava que nada acontecesse.**

- É lá em cima.

### **Naqueles barracões ao lado do lixo?**

- Sim, diz até loja.

### **Nunca tinha reparado.**

- E também tinha um horário muito diferente do que tem actualmente. Antigamente aquilo estava aberto duas vezes por semana. O conceito é bastante simples. Nós recebemos doações de roupa, electrodomésticos, pequenos móveis, artigos de casa... recebemos essas doações e vendemos a preços bastante simbólicos, seja preços bastante simpáticos. E com as verbas angariadas ajudamos as instituições da Freguesia. Ou os escuteiros, ou o Lar Jorbálan, ou o ReFood de Santo António, como contribuímos com 2 frigoríficos quando o ReFood abriu. E por outro lado temos, aceitamos os “Santo Antónios”, que é um projecto da Freguesia de Santo António. Portanto, há um mercado social da Freguesia que funciona só e apenas com uma moeda, que é o “Santo António”, e nós aqui na Loja D. Ajuda aceitamos também esses “Santo Antónios”. Além disso, quem vier referenciado pela Santa Casa ou pela Freguesia de Santo António e não esteja abrangido por esses “Santo Antónios”, ou esteja referenciado por outras instituições q não sejam da Freguesia, nós fazemos um desconto de 50% sobre o preço

mercado. Ou seja, num produto que custa, 2, 3 euros, o produto fica a 1, 1,5 euros, ou seja... é um preço bastante simbólico. E ao mesmo tempo temos esse conceito por trás que é o da reutilização das coisas, contra o desperdício. E por isso é que agora quando foi finalmente assinado o protocolo de cedência do espaço pela Câmara Municipal de Lisboa, portanto toda esta nave é responsabilidade da “Boa Vizinhança”, nós convidámos também a “Fruta Feia” a ser parceiro neste projecto, porque pronto é contra o desperdício da fruta, a fruta q não é calibrada para as grandes superfícies vem aqui parar. São cabazes, é o género de uma cooperativa de consumo, as pessoas inscrevem-se e depois pagam o cabaz.

### **Agora, sobre o Mercado do Rato, o que me sabe dizer sobre a sua história, evolução e processo de decadência?**

- Portanto o Mercado do Rato teve origem no período da Primeira República. Houve uma expropriação de terrenos que pertenciam aqui aos prédios envolventes e foi criado este mercado que as pessoas dizem, pelo menos, que era o melhor mercado de Lisboa. Tinha imensa vida. Imensas pessoas vinham aqui comprar os seus produtos. Só que entretanto, com as grandes superfícies a aparecerem um pouco por toda a parte, foi perdendo de facto protagonismo e, além disso, houve uma... pronto, este terreno encontra-se no centro da cidade, é alvo de muito interesse, e a certa altura a Câmara Municipal de Lisboa deixou de abrir os concursos publicos de cedência de bancas e lojas. Fechou, fechou isso porque o objectivo era desenvolver aqui um projecto diferente. Isto chegou a ser pensado para sede da EMEL. Portanto, iam sair daqui todos os comerciantes e a EMEL ia fazer aqui a sua sede com parque de estacionamento e sede para as suas viaturas próprias. Entretanto a EMEL também cresceu imenso e este espaço já não é suficiente para abarcar tanto a sede como o parque de viaturas da EMEL. E então foi chegado a um acordo entre a EMEL e a Câmara de cedência de parte do terreno para estacionamento, exclusivamente... mas isto é, é pago. Mas entretanto o espaço também é reduzido e a associação “Boa Vizinhança”, que é ao mesmo tempo uma associação de moradores, fez um pouco de pressão sobre a Câmara para não fazer aqui um parque de estacionamento em altura. Quer dizer, estamos a falar de um espaço privilegiado, no centro da cidade, e resumir-se este espaço todo agora a um parque de estacionamento...

### **Mas a ideia seria mesmo demolir o mercado e criar uma nova estrutura de estacionamento?**

- A ideia inicial era essa. Entretanto com a intervenção da “Boa Vizinhança, e também porque pronto, estão aqui os serviços da Freguesia de Santo António de Higiene Urbana. Aqui ao lado. Que também é essencial para a Freguesia e agora com a nova reforma administrativa isto passou a ser Freguesia de Santo António e este é o único espaço que nós temos com capa-

cidade para a Higiene Urbana. E portanto agora as competências da Higiene Urbana passaram directamente da Câmara para as Freguesias, portanto nós temos que ter o nosso espaço. Não é um espaço que podemos propriamente partilhar com outra Freguesia. E então chegou-se a este entendimento, que parte do mercado vai ser efectivamente destruído para parque de estacionamento da EMEL e esta nave ira manter-se para a “Boa Vizinhaça” e para a Freguesia de Santo António. E este edificio cor de rosa também se irá manter.

**Pois, pelo que investiguei, tanto este edificio como esta fachada são anteriores ao mercado. Penso que aqui era a Carpintaria Mecânica Portuguesa. Não sei se sabe alguma coisa sobre isso.**

- Nem tinha conhecimento. A única coisa que eu sei é que há ali dois prédios na Rua Braamcamp que são de Arte Nova, um deles teve até um incêndio à 2 anos. E grande parte do terreno do parque de estacionamento pertencia a esses prédios. Agora esta parte em si cá em baixo não sabia q já existia.

**Por algumas fotografias históricas, por exemplo na abertura do Auto-Palace, em vez de ter o letreiro a dizer “Mercado do Rato#, tem um outro que diz “Carpintaria Mecânica Portuguesa. Também existem fotografias de como era a carpintaria por dentro, encontradas num livro de Arquitectura Pré-Industrial.**

- É uma coisa super interessante. Eu estou aqui na Freguesia à imensos anos e não fazia ideia.

**Acho que é uma coisa que quase ninguém sabe, que isto foi algo antes de ser um mercado.**

- Aquilo que eu tinha conhecimento é que era um género de um terreno onde até era um pomar, mas que pertenciam a esses prédios Arte Nova da Braamcamp. É uma parte mais lá para cima, não tem a ver aqui com esta parte de baixo. E aqui [prédio cor de rosa] foi habitação social ate à bem pouco tempo. Portanto aquele regime da Câmara que as pessoas inscrevem-se para obter casa. Estiveram aqui a viver ate à bastante pouco tempo.

**Pois, não sei exactamente a história do edificio. Mas recordo-me de uma senhora que trabalha aqui no mercado ter-me contado de uma senhora que aqui habitou, que não queria sair deste lugar ate arranjar outra casa. Não sei de facto se isso se relaciona com essa habitação social ou com ela estar associada a algo anterior.**

- É um pouco estranho até porque as casas são bastante boas portanto não é pro-

priamente habitação social, mas as casas eram da Câmara. Estavam arrendadas por parte da Câmara.

**Actualmente está completamente desabitado o edifício? Só o piso de baixo é que é do restaurante, ou parte...**

- Do restaurante e outra parte é dos serviços do próprio mercado. É onde os funcionários têm o vestiário. mas está bastante degradado, tem inclusivamente um buraco. Mas tem aspectos arquitectónicos muito interessantes. Tem os tectos trabalhados em gesso, no rés-do-chão inclusivamente já caiu numa das salas. Tem o chão todo trabalhado em Marcenaria Portuguesa. E tem assim outros elementos engraçados, por acaso.

**Pois... até porque nessas tais fotografias da carpintaria, existem umas pessoas com aristocrata, que provavelmente pudessem ser os donos desta, e talvez esta pudesse ser mesmo a sua habitação.**

- A tipologia é muito boa, porque a tipologia aqui são T5. Portanto as casas são muito grandes, é um apartamento por piso. Mas também são só dois, não é? São só 2 apartamentos. E depois havia a cave. Mas a cave é mínima também. portanto é só 2 apartamentos. Não sei, se calhar o edifício foi também expropriado para a Câmara.

**Pois, na altura de expropriação de terrenos. Podem ter dado tudo à Câmara em troca de dinheiro, por talvez a carpintaria já não ser fonte de lucros. Por esta se calhar estar associada à zona pré-industrial do Bairro das Amoreiras. E pronto, com a queda das produções manufactureiras, também eles deixaram de ter tanta produção. Digo eu, em suposições.**

- Mas a zona do Jardim das Amoreiras já é até bastante anterior. É da altura da constituição das fábricas, do Marquês de Pombal.

**Pois exacto, mas de alguma forma pode se ter associado.**

- Pois não sei, não tenho conhecimento disso. As indústrias que foram criadas lá na altura foram sobretudo a dos pentes.

**As tecelagens também..**

- Tecelagens exacto. Ainda existe hoje a... onde são feitas todas as fitas de condecoração. Ainda existe lá a fábrica mas está também num processo de falência portanto, mais tarde ou mais cedo, vai fechar. Mas é a única indústria que ainda se mantém activa desde esse período.

do de Marquês de Pombal. Vai fechar agora em breve. E depois... é a do... a das tecelagens com as Amoreiras e os casulos de seda etc.. e a dos pentes, já não há registo disso.

**Agora, qual é a sua opinião a sobre a criação do parque de estacionamento. Concorda, acha o mais correcto?**

- Bem, é uma questão difícil porque, por um lado, eu acho que é uma pena este espaço ser transformado num parque de estacionamento porque pronto, eu não sou a favor propriamente do uso do carro no centro da cidade. acho que deve haver... e em Lisboa especialmente ainda não se... criaram tanto infraestruturas de transportes, etc... para as pessoas deixarem o carro em casa e virem para o trabalho, para o centro da cidade, apenas de transportes. Por outro lado, dado que isto encontra-se no início de uma zona histórica, que é o Bairro Alto, o Príncipe Real, etc., faz algum sentido ser criado aqui um parque de estacionamento para as pessoas deixarem aqui o carro e depois irem a pé ou de transportes públicos para aquela zona do centro do Príncipe Real e do Bairro Alto. Mas pronto, eu acho que desde que se mantenham estas duas valências de um espaço para a Freguesia de Santo António, um espaço para a associação “Boa Vizinhança”, para os moradores de certa forma também usufruírem deste espaço, sim o parque de estacionamento seria uma vantagem. Tenho alguma pena que a parte mais antiga não é a da “Boa Vizinhança”, portanto será a parte que será destruída. A parte da “Boa Vizinhança” acaba por ser uma coisa recente, 20 anos no máximo.

**Toda esta nave foi acrescentada á 20 anos?**

- Eu penso q sim, isto não é antigo. Portanto a parte mais antiga, que é esta aqui do lado direito, vai ser a que á partida será destruída para fazer o parque de estacionamento. Eu espero que, pelo menos, o projecto da EMEL mantenha esta fachada. Poderia manter como foi feito, por exemplo, no Arco do Cego. Manteve-se aquela fachada da Antiga Central de Camionagem. Pronto este edifício aqui [prédio cor de rosa] não será destruído mesmo. Mas haveria de facto aqui sempre o desaproveitamento de espaço.

**Agora, ignorando essa questão do projecto da EMEL. Sobre o que poderia ser feito aqui-acha que manter um mercado nesta área seria algo que ainda poderia resultar, rejuvenescido, ou acha que seria melhor outro tipo de projecto? E que outro tipo de programas acharia mais necessário à Freguesia?**

- Sinceramente eu acho que o mercado tradicional já não vale a pena manter. A maior parte das pessoas aqui faz as compras no Pingo Doce mais próximo ou num supermercado mais próximo e não me parece q se vão deslocar ao mercado só para fazer as compras dos

frescos, das carnes. Por outro lado, acho aquele modelo de requalificação dos mercados, que foi feito em Campo de Ourique, quer no Mercado da Ribeira, aqui também não faz sentido. Esse modelo já está também um pouco esgotado. Eu acho que o que fazia aqui sentido, e dado que já existe este histórico da loja “Boa Vizinhaça” estar aqui em funcionamento, era uma Incubadora para Associações. Com o aumento das rendas na cidade de Lisboa, torna-se extremamente difícil, para algumas associações que são criadas agora, encontrarem um espaço para reunirem, um espaço que funcione para a sua sede. E acho q há tantas... neste momento também há de facto aqueles espaços de Start-up’s, de incubadoras de empresas mas não há tão vocacionados para esta parte do social, de associações. E associações culturais também, isso também é importante. Acho que o associativismo não morreu, está é a tomar outras formas. E este espaço também... a Freguesia de Santo António é extremamente rica em associações culturais, em associações vocacionadas para a juventude, portanto acho que faria aqui sentido uma incubadora para associações em que cada... por exemplo, podia haver uma sala de reuniões em que as associações inscreviam-se para terem 1 hora quando precisassem de reunir, um espaço de género co-working e acho que era... isso é que seria um bom projecto para o Mercado do Rato. Uma incubadora de associações. Na altura, isto já a 5, 6 anos, sim à 6 anos, a própria associação “Boa Vizinhaça” dinamizou um projecto no âmbito do orçamento participativo q era o “Rat0” sendo que o... em vez de “T-O” era “T-zero”, portanto era “Rede de Associações T0” e o objectivo era cada loja ser transformada num associação e pronto... e depois o espaço central seria transformado numa zona de reuniões, um espaço com cadeiras tipo anfiteatro. Pronto, esse era o objectivo. Este é o projecto q eu sempre defendi para o Mercado do Rato, mas há outros. Por exemplo, este da “Fruta Feia” está a demonstrar q apesar de não ser um mercado tradicional é um mercado que trás muitas pessoas. Estamos a falar de 300 cabazes que são aqui distribuídos cada dia.

**Sim, eu acredito que apesar de o mercado tradicional se estar a perder acho que muita população nova quer retornar, porque começa a reconhecer que o mercado tem qualidade em relação às grandes superfícies. Mas claro, de uma forma mais rejuvenescida. Por exemplo nestes cabazes, em novos horários...**

- Exacto, pós-laboral. Por exemplo havia... o Presidente da Junta, o Vasco Morgado, teve também uma ideia na altura quando... isto à 3 anos... de contactar a Associação de Novos Agricultores e convidá-los a terem aqui 1 dia por semana os seus produtos e muito mais baratos do que nas superfícies ou nos supermercados. Essa também seria uma ideias

**Pois, esses projectos actualmente acredito que funcionem.**

- Pronto, não um mercado tradicional mas... esta situação da Fruta Feia que seria para

o lixo é aproveitada, ou então o contacto privilegiado com os jovens agricultores, de exporem aqui os seus produtos. Acho que para isso há de facto publico.

**Falando agora do que eu tenho em mente como proposta. Eu queria manter a vertente de mercado, não o tradicional mas tentar juntar estas ideias. Depois, criar incubadoras e start-up's, mas numa visão mais de novos artistas, freelancers, trabalhadores independentes. Mas, em termos de arquitectura, o módulo pode ser adaptável, portanto as associações também podem ser recebidas e colaborarem uns com os outros. Depois uma área expositiva de tudo o que é criado, que chama sempre pessoas ao local. Também a criação de um auditório, em que o Presidente da Junta disse q também tinha esse objectivo, mas seria um auditório adaptável, de poder ser também espaço de trabalho. E considerarei também umas salas de workshops, que podiam ser associadas à D. Ajuda e assim criarem-se mais actividades para a comunidade. Uma rede interligada.**

- Sim, seria uma boa ideia. Pronto, a “Boa Vizinhança” por exemplo também já está integrada no “Bairro das Artes”, que é uma iniciativa promovida por uma associação que é “Isto não é um Cachimbo”, que engloba todas as galerias aqui da zona da Escola Politécnica, da Rua S. Bento e do Bairro Alto também. E a “Boa Vizinhança” faz uma iniciativa que é o “Jardim das Artes”, que é o Jardim Botânico convida alguns artistas a exporem as suas obras. E é isso, portanto a “Boa Vizinhança” tem também esta vantagem que engloba vários campos, tanto o âmbito cultural como o âmbito social. O espaço eu acho que não deve ser restrito nem deve ser... deve haver uma liberdade para de acordo o que é possível ser utilizado o espaço.

**Porque actualmente acabamos sempre por não saber o que é preciso. Criar talvez uma coisa mais temporária e mais versátil, ambivalente. Acaba por responder mais aos tempos actuais.**

- Já agora, aproveito só aqui para mostrar aqui dentro. Actualmente o modelo que a “Boa Vizinhança” está a implementar aqui no mercado... Esta zona aqui das bancas para serem feitos eventos e para a Fruta Feia. Ali... esta primeira loja tem um problema, que é a recuperação do tecto, porque chove lá dentro, mas seria uma boa oficina tanto para workshops como para ateliers e depois nós fazemos muito do género... por exemplo, quem quisesse dar um workshop de um atelier gratuitamente mesmo que tivesse um pequeno valor de inscrição, se calhar fazia gratuitamente para as utentes do lar Jorbálan...tem que haver sempre uma forma de compensar a comunidade ou uma das instituições que apoiamos. Depois aqui são as nossas lojas e aqui queríamos fazer uma sala de reuniões, até já contactámos o Santander que nos vai apoiar financeiramente, para tornar isto numa sala de reuniões onde de facto as associações que nós conhecemos podem-se inscrever e consoante o que necessitarem... 2 horas naquele

dia, 3 horas naquele dia, podem reunir, podem...

**Criar uma colaboração mais fácil.**

- Sim. E a última loja ainda não temos bem fechado o conceito, mas o objectivo era ser uma coisa temporária. Por exemplo, uma associação que ficasse lá um mês e depois vinha outra associação outro mês... Pronto. Mas ainda não está bem fechado, esta última loja. Mas pronto, o primeiro passo já está dado. Já temos protocolo de cedência por parte da Câmara Municipal de Lisboa e agora é uma questão só de dinamizar e... Temos aquele grande espaço para armazém de loja.

**Penso que está a correr muito bem. Em relação aos últimos meses que visitei o espaço, não tem nada a ver.**

- Sim, não tem nada a ver. Isto estava completamente ao abandono. A loja em si já está a funcionar muito bem mesmo. A loja abriu em Abril e tem tido de facto muita procura e agora com a Fruta Feia está a chegar ainda mais pessoas. Parecendo que não, são 300 cabazes diários, agora vão ser introduzidos mais 100 cabazes... portanto são 400 cabazes. É muitas pessoas a virem cá. De facto, a Fruta Feia tem tido imenso sucesso também. As coisas têm um aspecto óptimo, não é? Não tem um aspecto nada artificial. O mercado está de facto a ganhar nova vida. Isto edifício [o prédio cor de rosa] é que de facto é muito giro, acho que seria interessante mantê-lo no projecto.

**Até a própria EMEL se calhar inclui algo mais na vertente de estacionamento. Têm uma área tão boa, acabam por juntar algo mais no projecto.**

- No seu projecto, também envolve esta parte aqui toda?

**Sim é toda a zona do mercado. Este edifício não estou a pensar desenvolver, porque iria acabar por ser muitos elementos. Mas pode ser deixada uma proposta de ideia do que poderia ser desenvolvido aqui. Por exemplo habitações temporárias de resposta às incubadoras.**

- Sim... sobretudo para recuperação. Apenas ser recuperado. Alias até vi uma ideia que era isto ser a Sede da Junta de Freguesia de Santo António, que nós actualmente estamos num piso da Alexandre Herculano, que é um edifício da Câmara. E o que é que acontece. Aquilo é um edifício da Câmara e é um 3º andar. Apesar de eles nos cederem também o rés-do-chão para nós fazermos o atendimento, o ideal era estarmos de facto separados. E aqui faria até sentido. Se o auditório é aqui.

**Mas a vossa sede é próxima do Jardim do Torel, certo?**

- Sim, a sede sim. Mas isso é de facto numa ponta da Freguesia. Não está nada acessível. Aqui até tem uma rampa. Isto podia ser a Sede da Junta, nós depois devolvíamos aquele espaço à Câmara, que faz falta à Câmara. Por exemplo, só para ter ideia, aquilo já... por exemplo, nós eramos para ter o rés-do-chão e idealmente ficaríamos com o 1º andar, só que no 1º andar estão as máquinas de regularização de trânsito da cidade, portanto não podemos ficar com o 1º... então fomos para o 3º. E mesmo assim as pessoas queixam-se no edifício que há falta de espaço porque eles tiveram que sair daquele piso para ir para outro piso. Portanto, o ideal era mesmo sairmos dali. Fazia-se aqui a Sede da Junta e o espaço era todo remodelado e transformado.

**[...] [Circulamos pela área do mercado, em conversa sobre este] Pois, porque o projecto acaba por englobar todo o lote, até à zona la de trás do estacionamento.**

- Aí vai ter um zona que obrigatoriamente seria sempre para a Higiene Urbana.

**Pois... não haveria a opção de isso ser movido para outro local na freguesia?**

- Não há. Nós temos este espaço e outro na Avenida da Liberdade, que era um espaço que estava desaproveitado, que era para ser... era um dos acessos à estação de metro dos Restauradores. Só que, por exemplo, esse espaço só tem uma saída e o nosso objectivo mesmo é fechar esse espaço. Quer dizer, há um incêndio... um espaço que é utilizado com grandes máquinas, etc... há um incêndio, há qualquer coisa, só há uma saída... portanto aquele espaço não cumpre as regras. Portanto o nosso objectivo é deixar aquele espaço e vir tudo para o Mercado do Rato.

**Pois, acaba por ser difícil conjugar um projecto com essa área da Higiene Urbana.**

- Essas condicionantes claro.

**Por exemplo, eu acho estranho vir ao mercado e ver aqui... não estão aqui os lixos, mas acaba por ser parte disso. Um pouco conflituoso, eu acho.**

- Sim. A ideia era saírem daqui e irem para o fundo. Aquilo tem outra entrada, e a ideia era, quando se passa aquele túnel, ser logo ali a direita, o espaço da Higiene Urbana. Eu acho que eles vão fazer ali uma retirada de terras e fazer ali o espaço da Higiene Urbana, separado deste espaço aqui da frente.

**Se eles forem para lá, então esta parte da nave também desaparece.**

- Esta parte também vai desaparecer. A única nave que vai ficar mesmo é esta aqui. Mas isto vai ser uma coisa faseada. Portanto, a primeira coisa q eles vão destruir é esta parte para fazerem estacionamento e depois, quando aquele lá ao fundo estiver construído, vão demolir esta parte da Higiene Urbana, e esta fica sempre.

**E isso já tem datas ou é só ainda uma ideia?**

- Isso já não faço ideia. Isso só a Câmara é que sabe. Isto é aquilo que sei. Eu sei que pelo menos os comerciantes daqui têm que sair até dia 31 de Dezembro.

[...]

- O único elemento que há de facto interessante aqui é esta fachada só, mais nada. Mas pronto eu acho q seria interessante manterem.

**Eu acho as estruturas em madeira também relevantes, pois são diferentes do regular. Acabam por não serem as típicas triangulares. E até tinha a ideia que esta nave fosse mais antiga pela estrutura em si.**

- 40 anos não tem de certeza. Eu digo isso pelo aspecto...

**Mas, possivelmente, inicialmente era tudo aberto e foi sempre sendo acrescentado e alterado.**

- Sim, possivelmente. Mas aqui dentro não vejo nenhum aspecto que possa dizer que seja mais antigo. Ali, tem por exemplo ainda as bancadas em lioz, aqui é já metal. Não há aqui uma única coisa...

**Pois, foi tudo alterado. Porque segundo umas fotografias do Arquivo Fotográfico de Lisboa, aqui do mercado, esta nave era aberta e todos os módulos eram diferentes, em metal, trabalhados. Mas não sei a data exacta. Provavelmente como se foi degradando...**

- Eu acho é q eles destruíram tudo na altura e fizeram isto de novo, não?

**Porque a estrutura é igual às fotografias. Eu acho que acabaram por reforçar a estrutura, naquela nave acabaram mesmo por acrescentar aquele pórtico em pilar e vigas de betão e aqui fecharam e criaram os módulos mais económicos.**

- Pois, também é possível. Manteram no fundo a estrutura do telhado.

**E as bancas devem ter sido alteradas para incluírem a água. A senhora que trabalha já**

**cá à muitos anos disse que, anteriormente, óo havia água lá em cima, portanto as bancas são novas.**

- Já agora, posso só ir mostrar ali a cima. Então, aqui é onde a loja funcionava inicialmente, onde diz ali "Loja". Portanto estes 2 prédios aqui, é este e aquele... é que o terreno em vez de ficar aqui ia mais... estendia-se mais. Sei que tinha aqui um pomar. Portanto eles ainda têm aqui um bom terreno, apesar de tudo. E eu acho que terá acontecido o mesmo aos outros prédios, deve ter sido cortado um pouco de terreno de todos os prédios. Estes aqui são todos do Estado e não têm logradouro atrás.

**Também são muito mais recentes. Porque de outras plantas históricas, da altura de ser mercado, penso que em volta de 1950, estes edifícios não existiam e aqui existia uma outra nave que também era do mercado.**

- E ia ate ali á Rodrigo da Fonseca?

**Não , penso que acabava onde acaba agora o lote. Porque até o desnível é bastante grande para haver o acesso a esta. E a senhora que ca trabalhou disse que a entrada sempre foi feita pela frente. Acabava por haver um vazio para a Rodrigo da Fonseca e o mercado ficava aqui num patamar mais alto, penso eu. E o edifício do lar é este?**

- Sim, o lar de S. Francisco.

**E está em funcionamento?**

- Está, está. Aquela zona, aquele edifício todo, é um Palacete enorme, pertence também à Fundação. Eles vão também agora transformar... já está em obras. Vão transformar também em lar. Aqui também é uma casa muito interessante, está abandonada à anos, tem um jardim... este jardim, que já é bastante grande, nem se vê a casa. Mas é uma casa lindíssima, vê-se do outro lado.

**Aqui, uma destas também era a casa de Almada Negreiros.**

- É. É a 3ª. É um edifício com azulejos. Viveu la Almada Negreiros e Sarah Afonso, sim.

**E está desabitado?**

- Não. Pertence ainda aos herdeiros, acho eu. Esse não está desabitado, esta é que está. Há aqui uma casa que se vê na Filipe Neri, que é muito bonita, tem uma torrezinha pequenina, essa está abandonada à muitos anos e essa é que tem aqui o jardim. Agora isto aqui é que eu sei... pelo menos foi uma das filhas... era a neta do dono deste prédio, que me disse que o

terreno deles vinha até muito cá para trás, tinha aqui pomares e etc. Depois foi expropriado na altura da Primeira República para fazerem o mercado. Ainda antes de haver aqui essa nave toda, isto era terreno dali. Não sei se por exemplo a expropriação envolveu dinheiro ou não. Porque na altura da Primeira República aconteceu muitas vezes expropriarem sem compensação financeira.

## 9. Bairro das Artes



Mapa da 7ª Edição do Bairro das Artes - A Rentrée Cultura da Sétima Colina de Lisboa; 22 de Setembro de 2016  
A vermelho assinala-se o Mercado do Rato. Dada a sua localização, poderá ser um local chave para o percurso das diversas galerias de arte - ponto de partido, no topo da colina  
Fonte: <http://bairrodasartes.pt/>

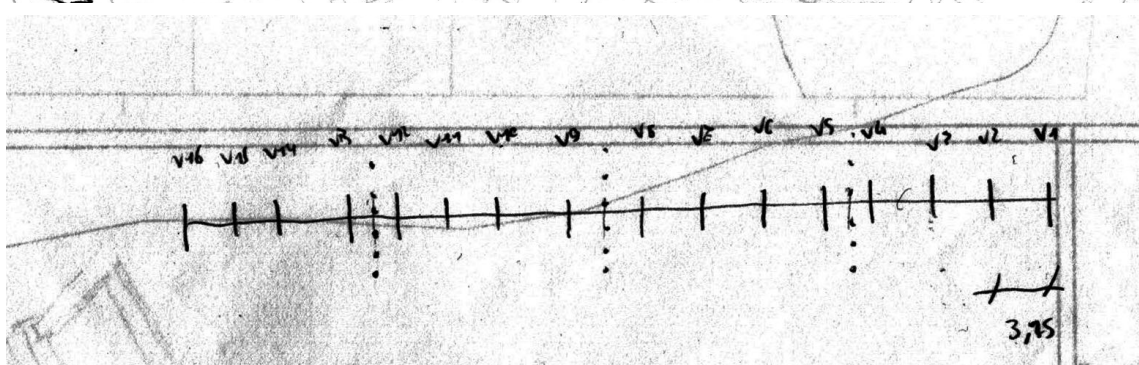
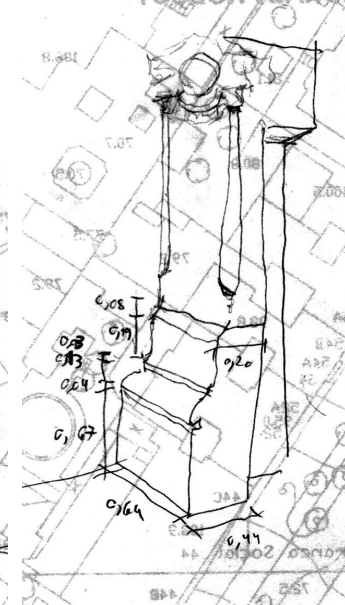
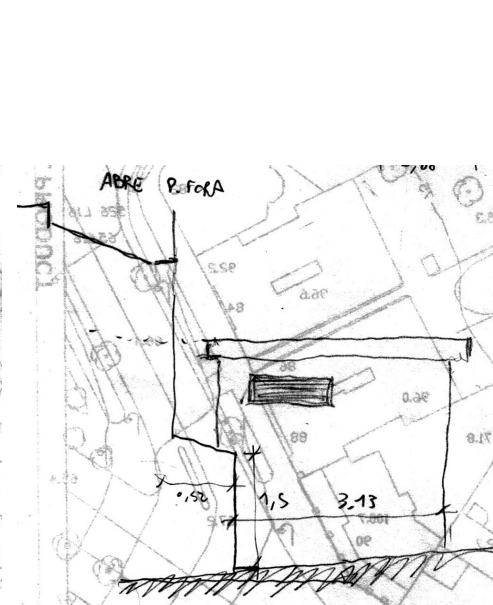
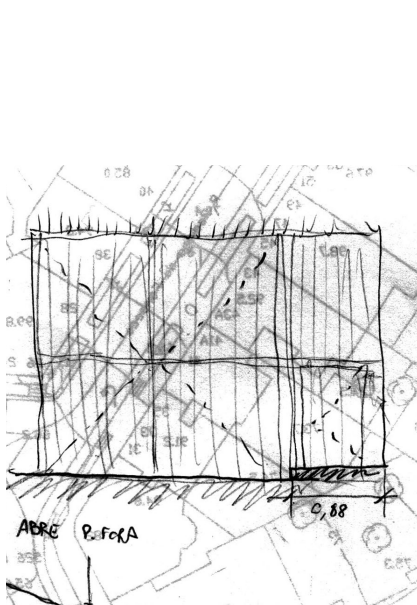
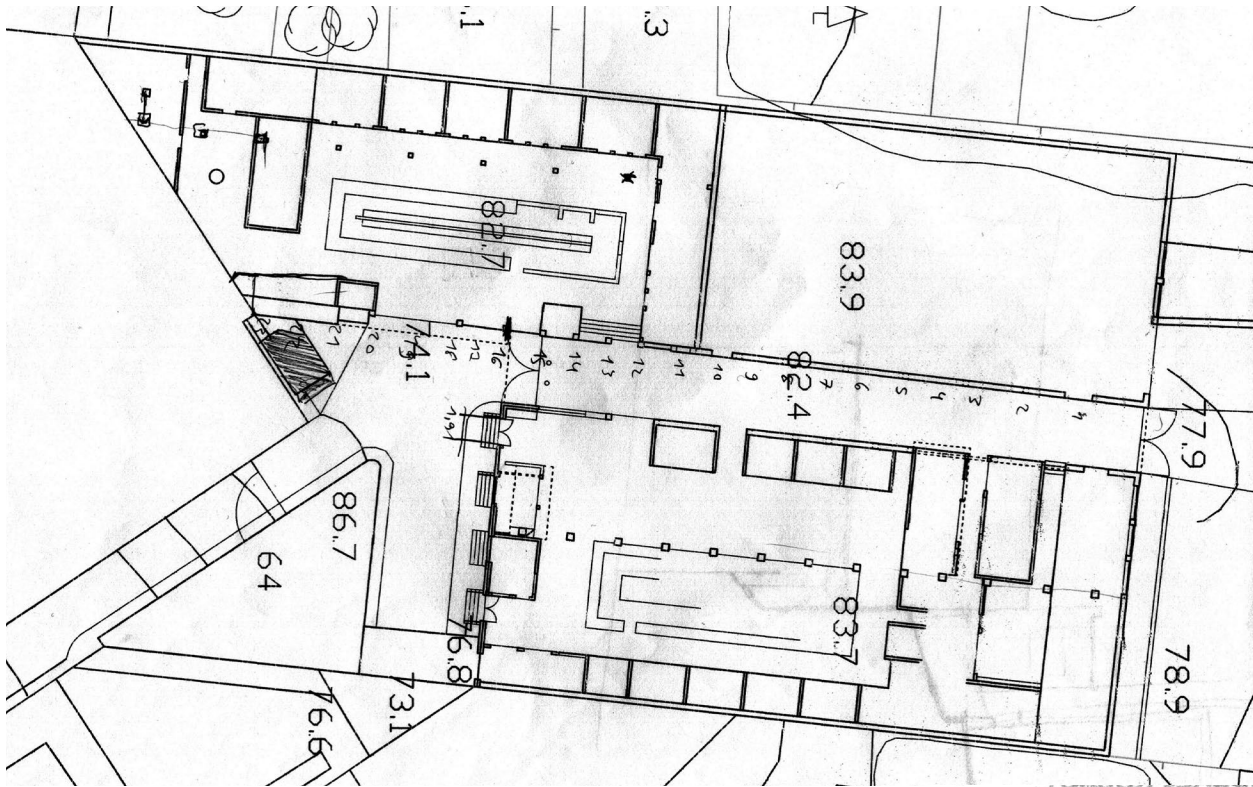
## 10. Fotos Mercado do Rato





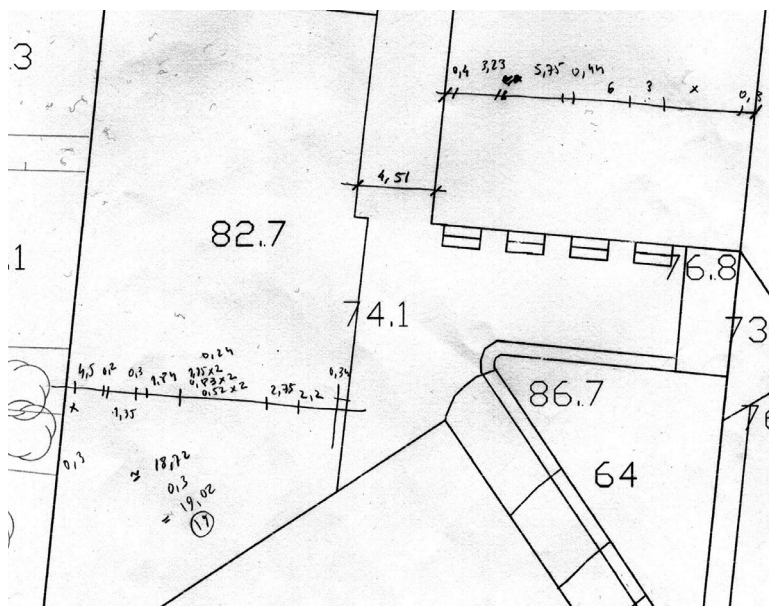
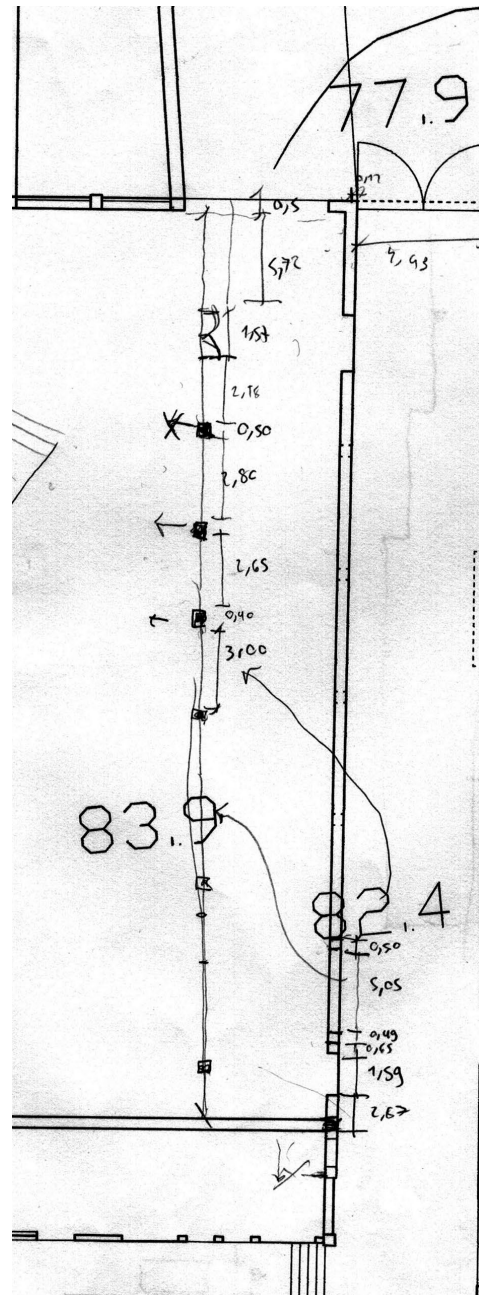
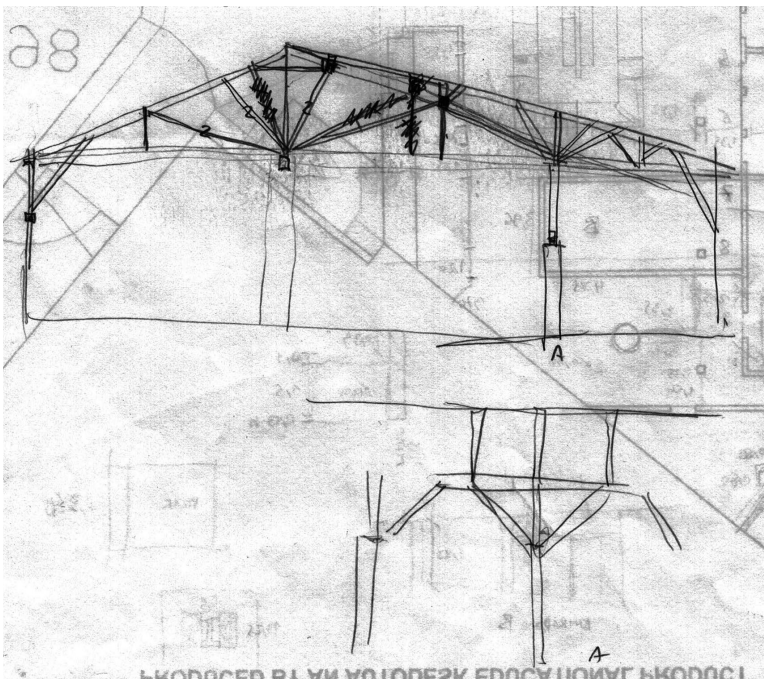
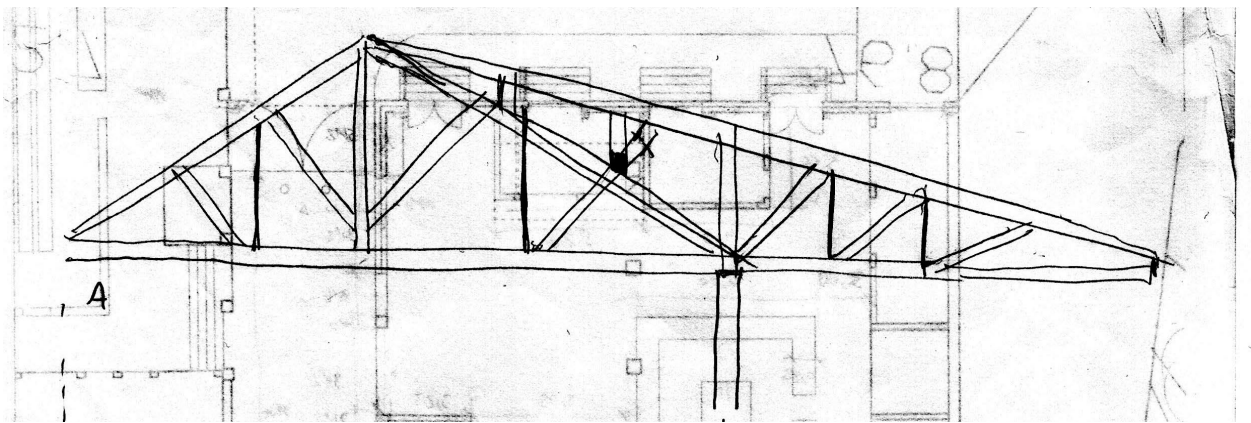
Fonte: elaborado pelo autor

## II. Esquços de Levantamento Mercado do Rato



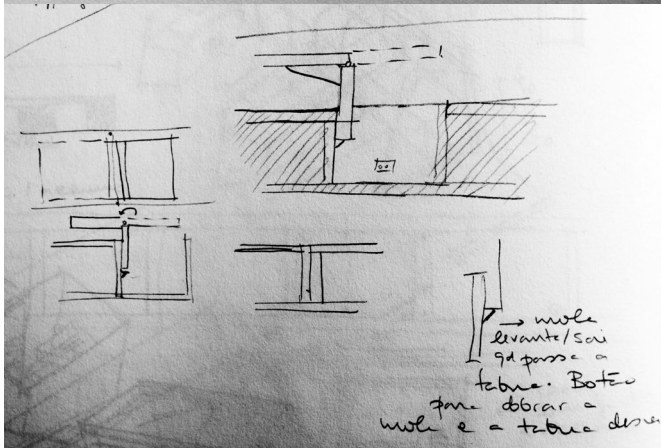
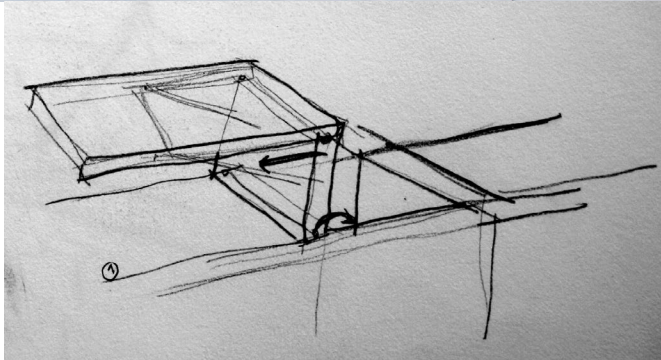
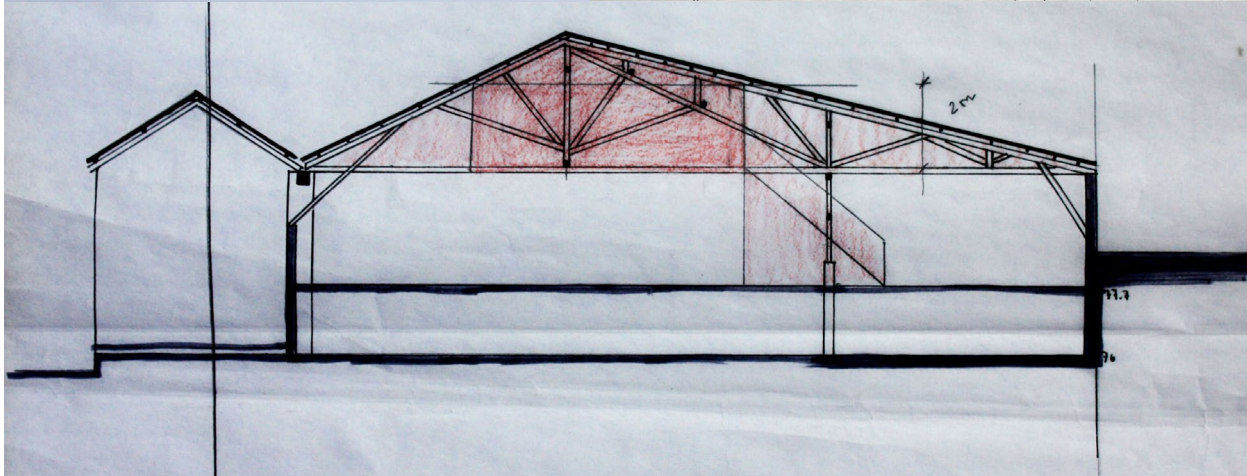
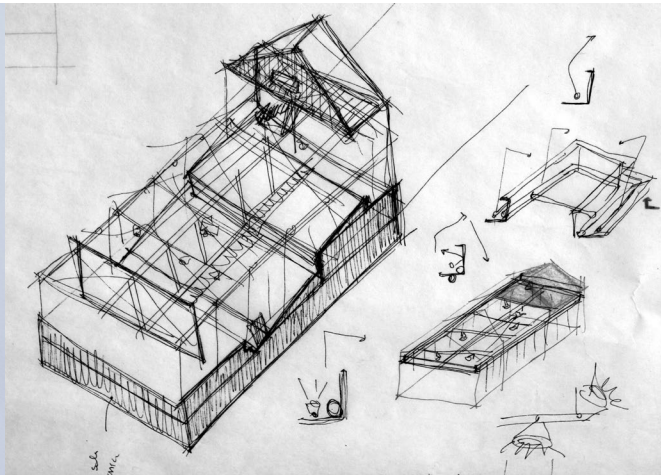
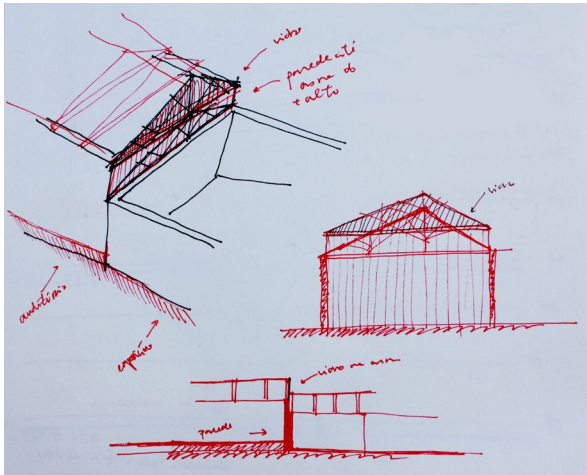




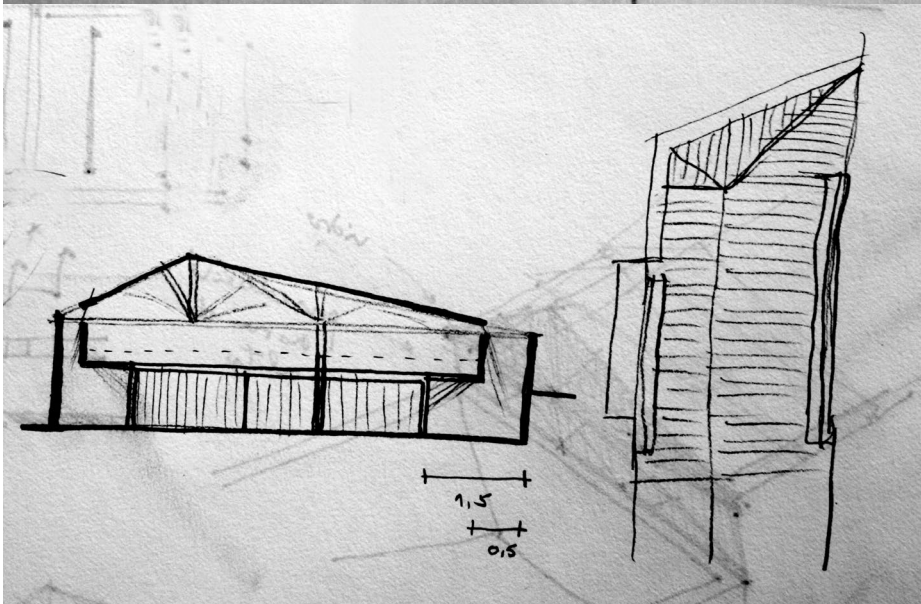
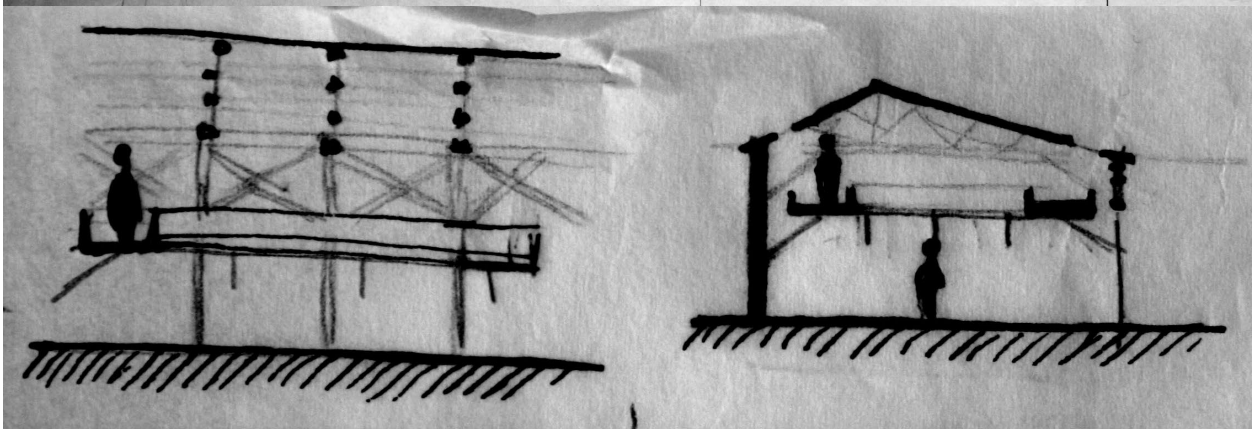
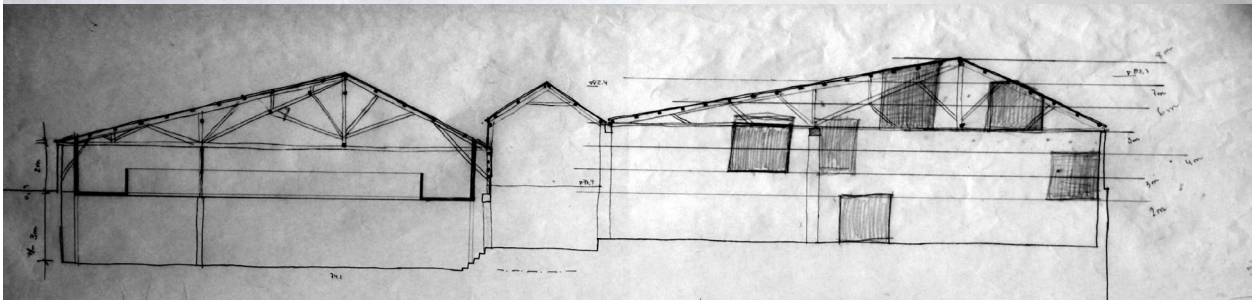
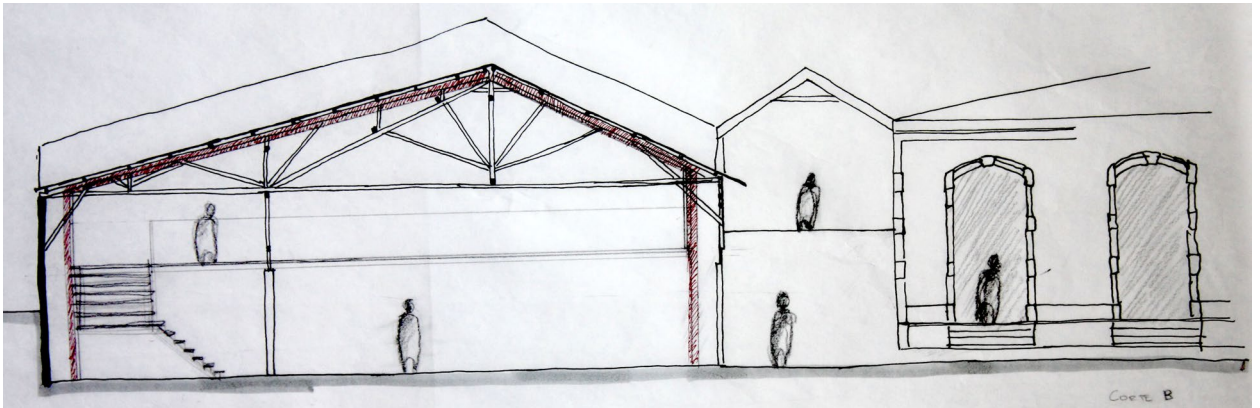


Fonte: elaborado pelo autor

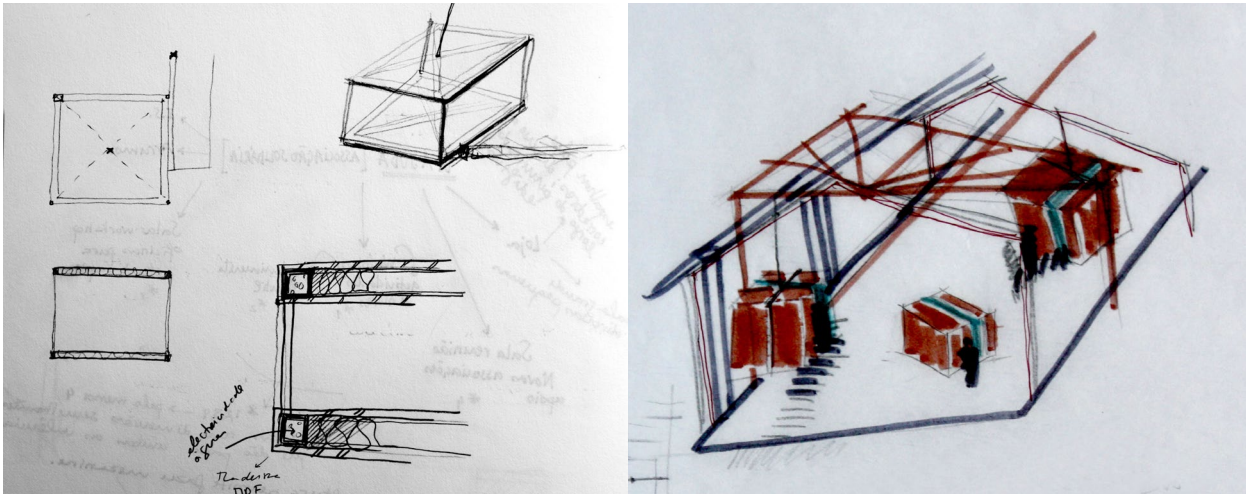
## 12. Processo Trabalho - Esquços Auditório



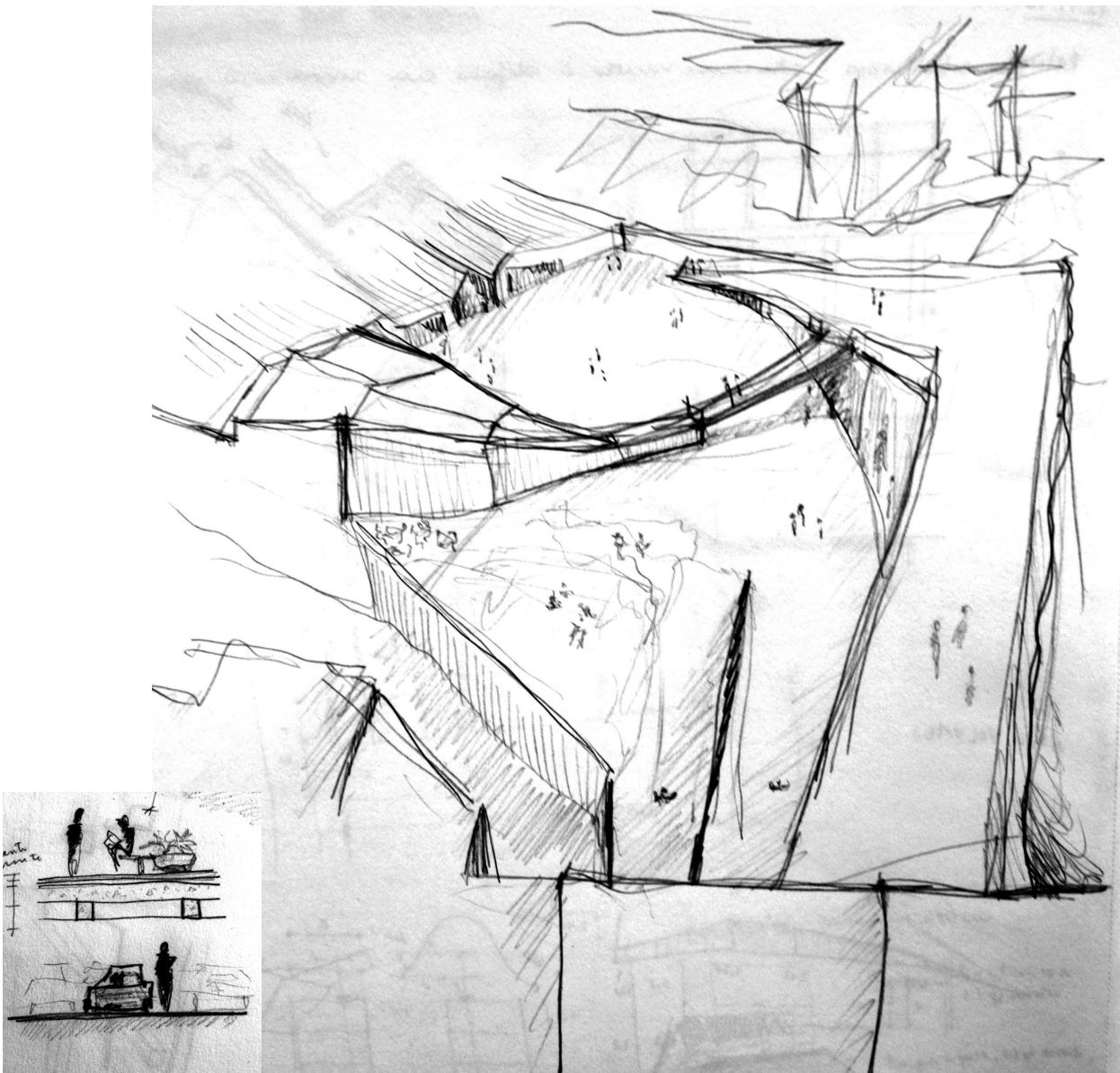
### 13. Processo Trabalho - Esquços Exposição



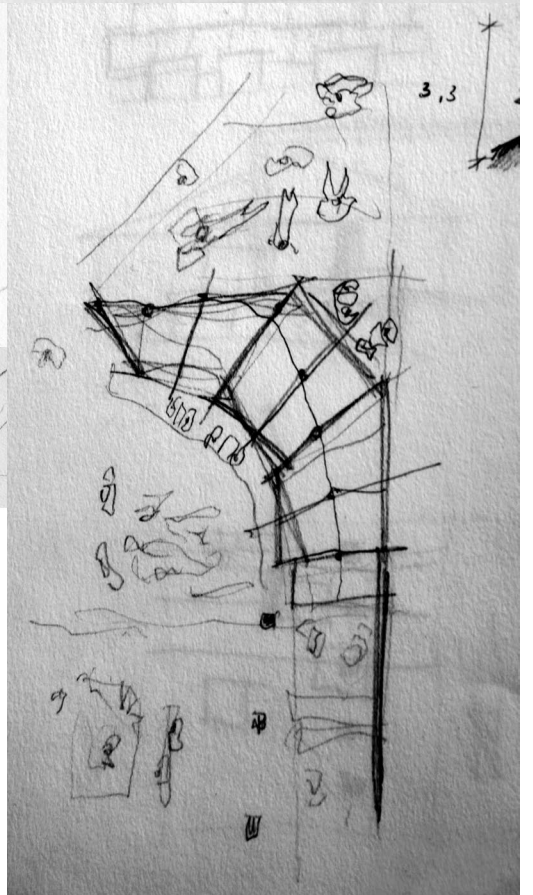
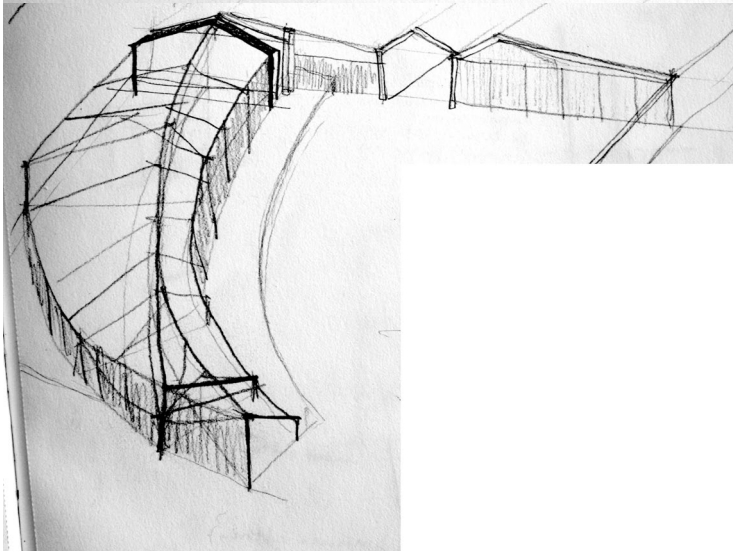
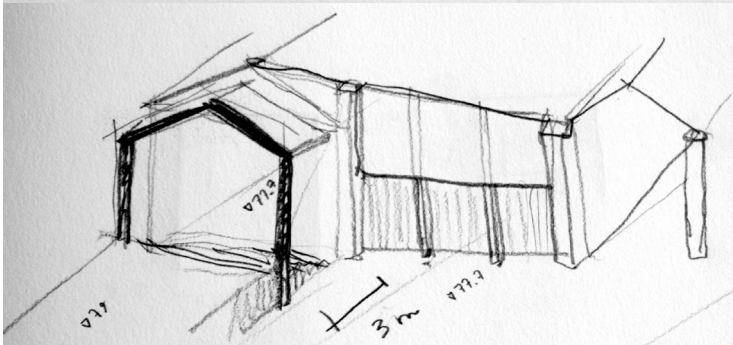
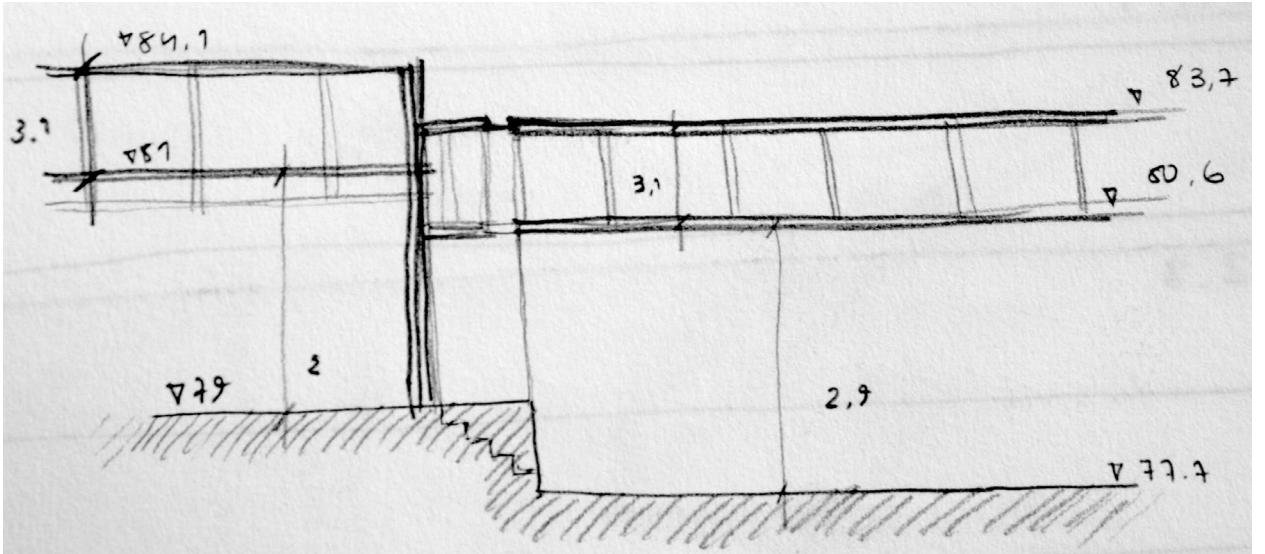
#### 14. Processo Trabalho - Esquços Módulos



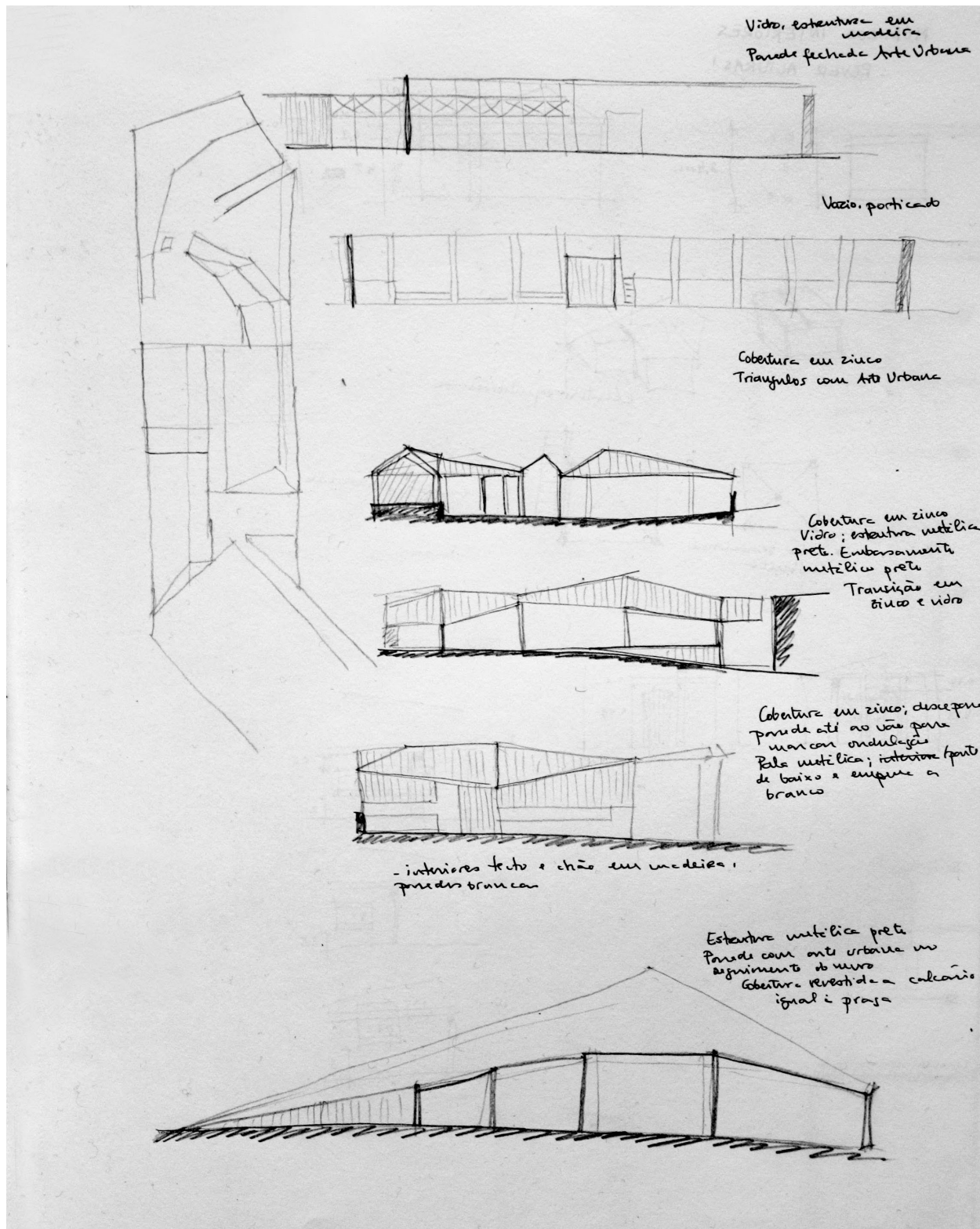
#### 15. Processo Trabalho - Praça



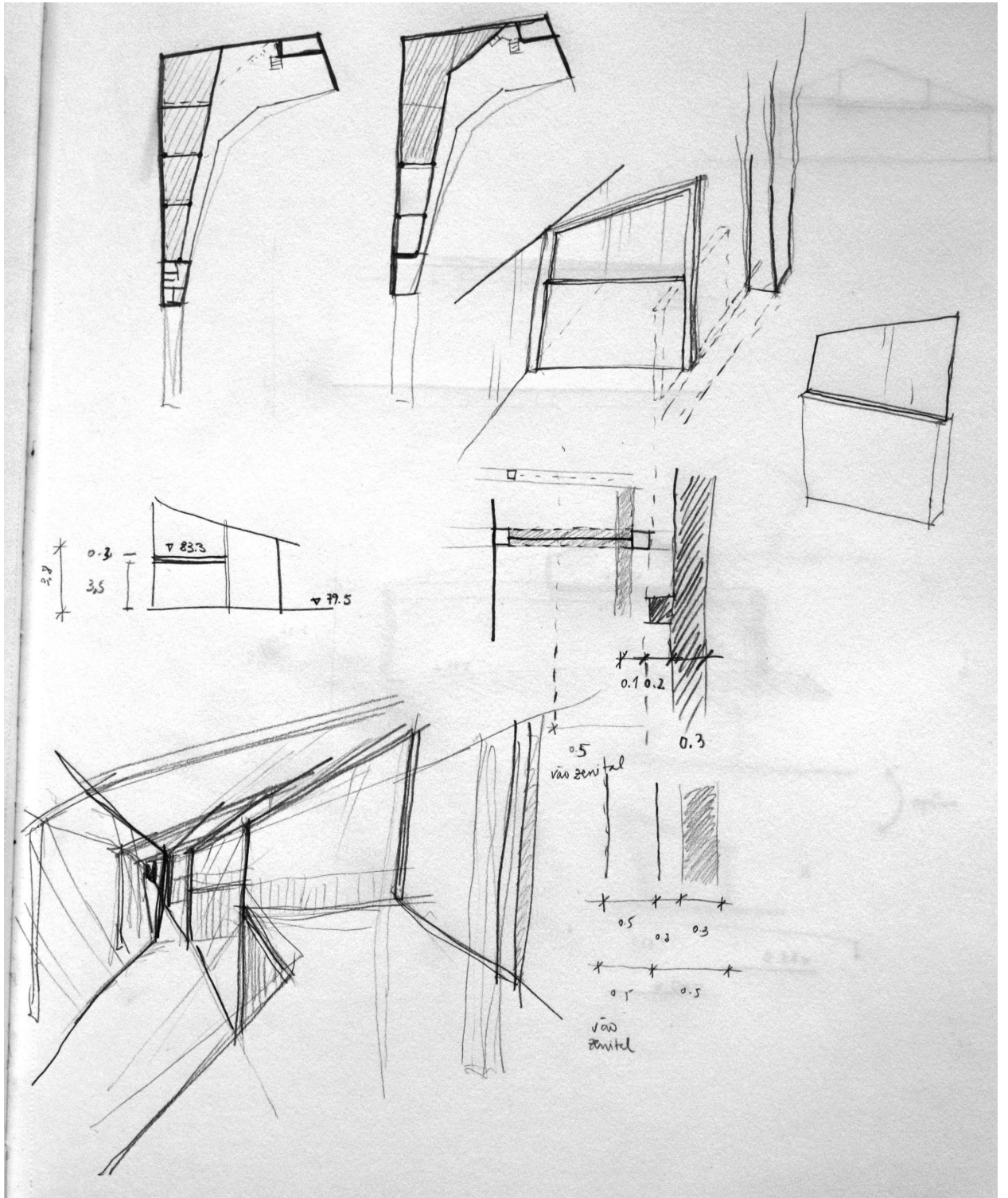
16. Processo Trabalho - Mercado



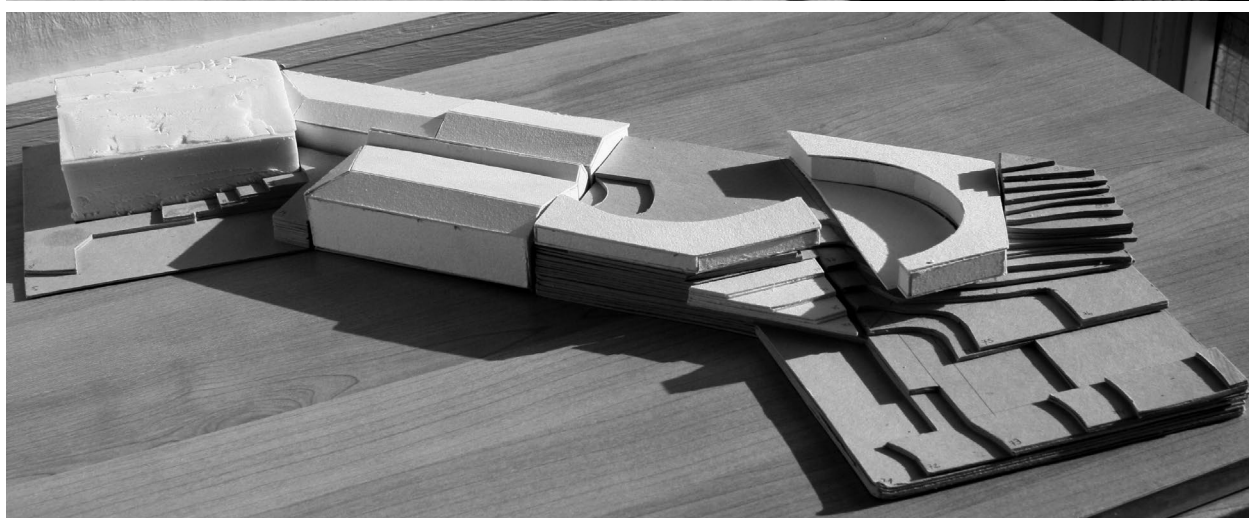
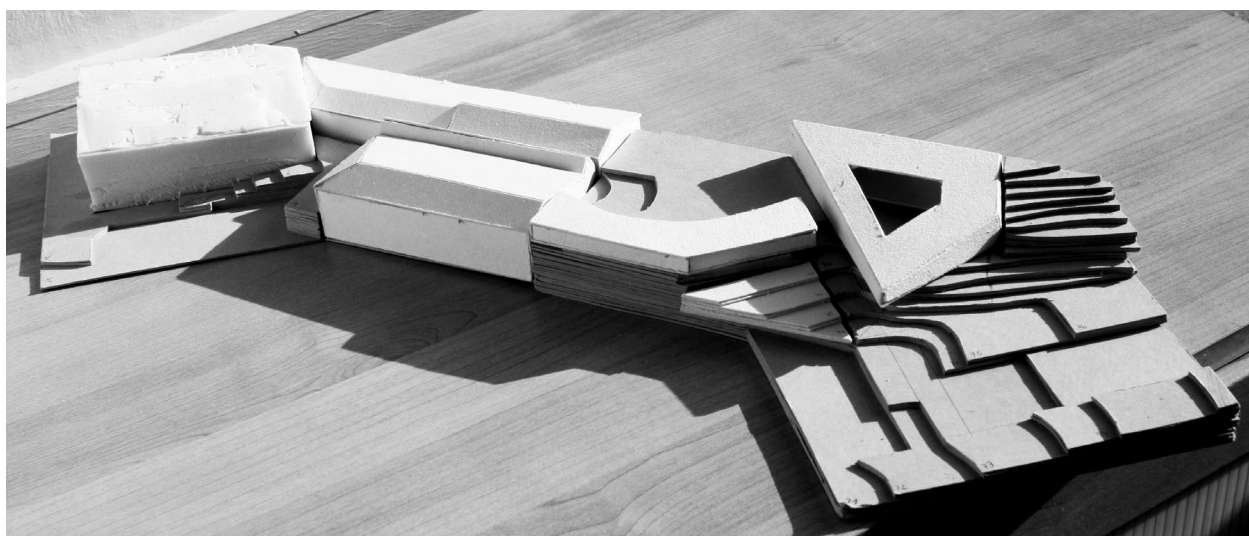
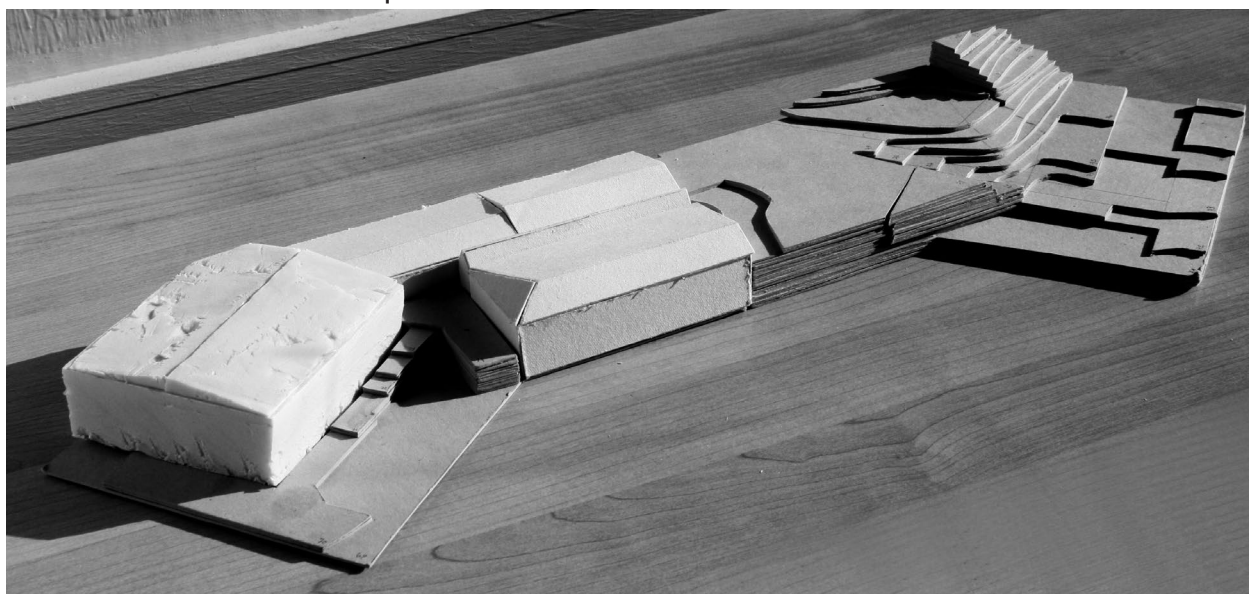
## 17. Processo Trabalho - Fachadas

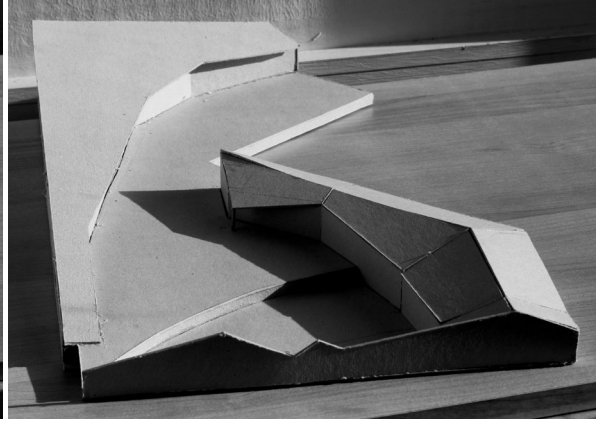


# 18. Processo Trabalho - Edifício D.Ajuda

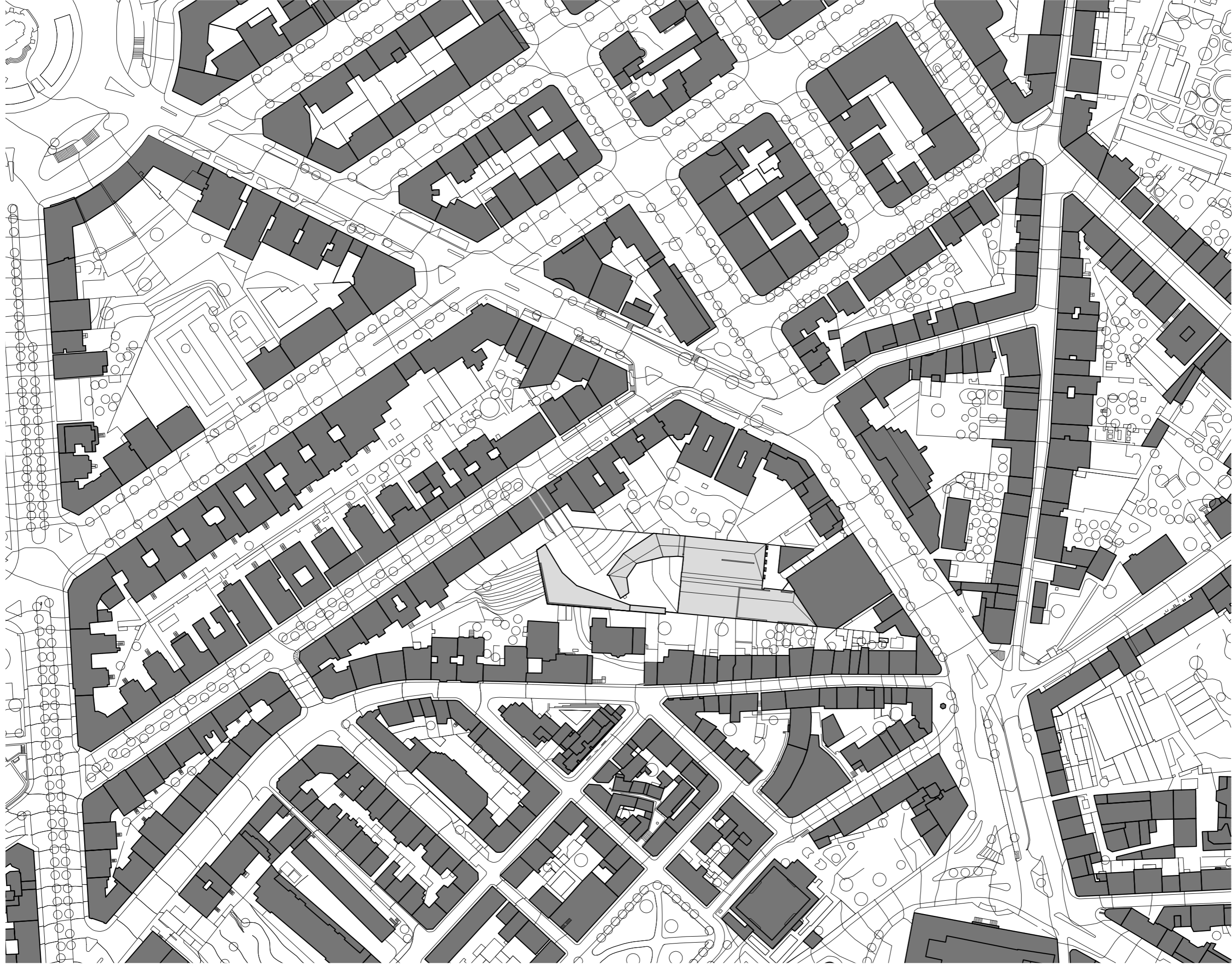


## 19. Maquetes de Estudo






## 20. Peças Gráficas Provisórias da Proposta para o Mercado do Rato



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Moraes Pereira		
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina		
Planta de Localização	1/2000	⬆	1/11





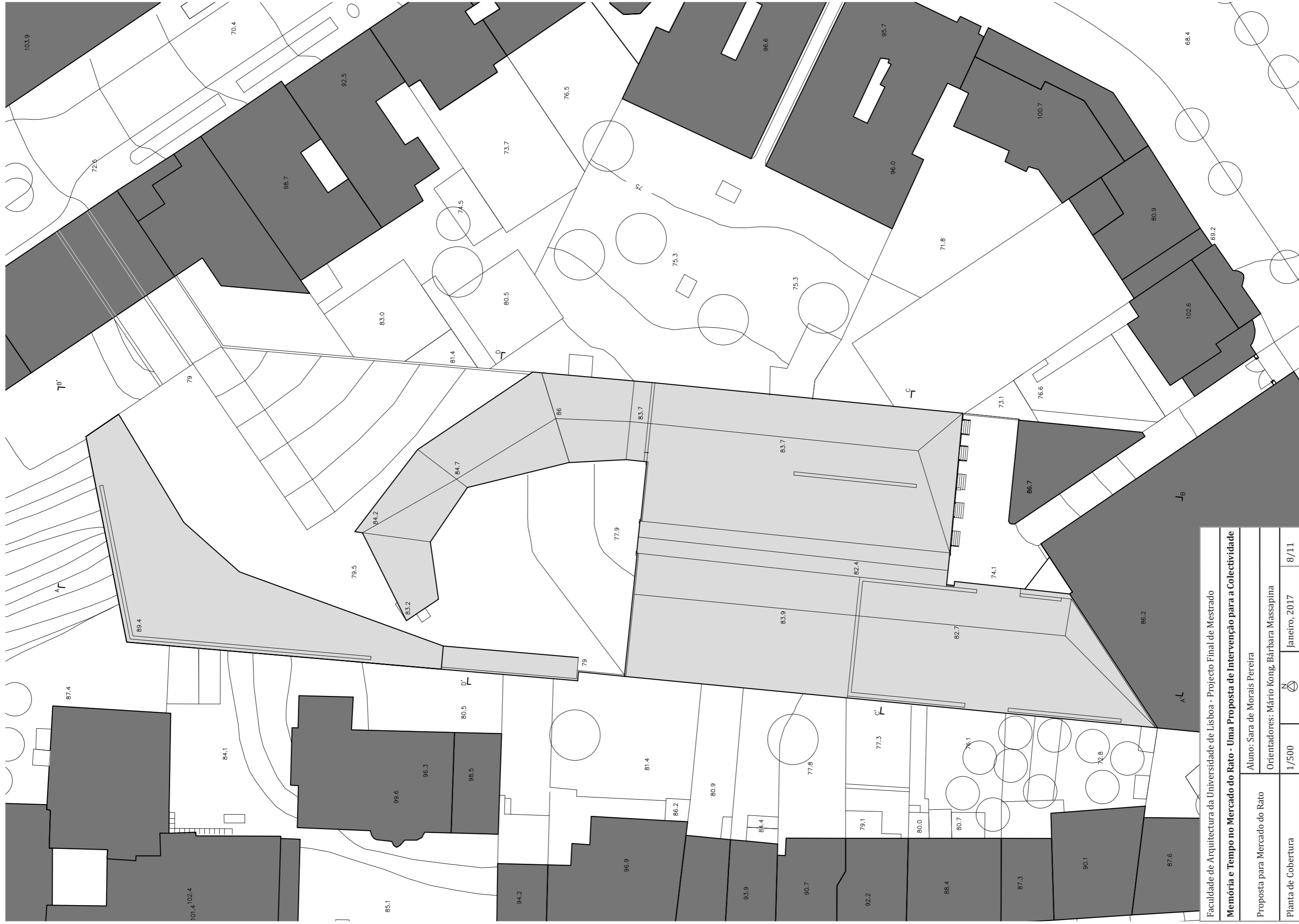
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato		Aluno: Sara de Moraes Pereira	
		Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina	
Planta Nível 75.1	1/500	 Janeiro, 2017	3/11



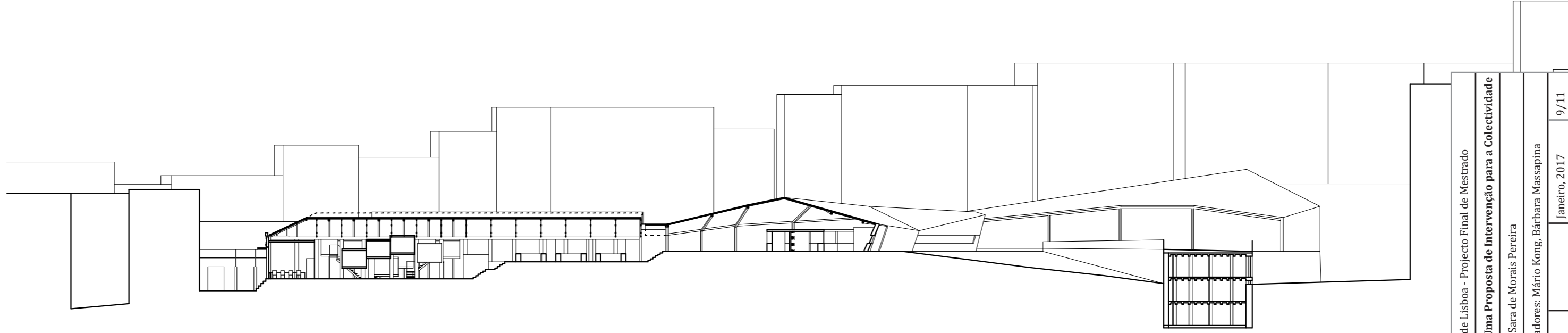
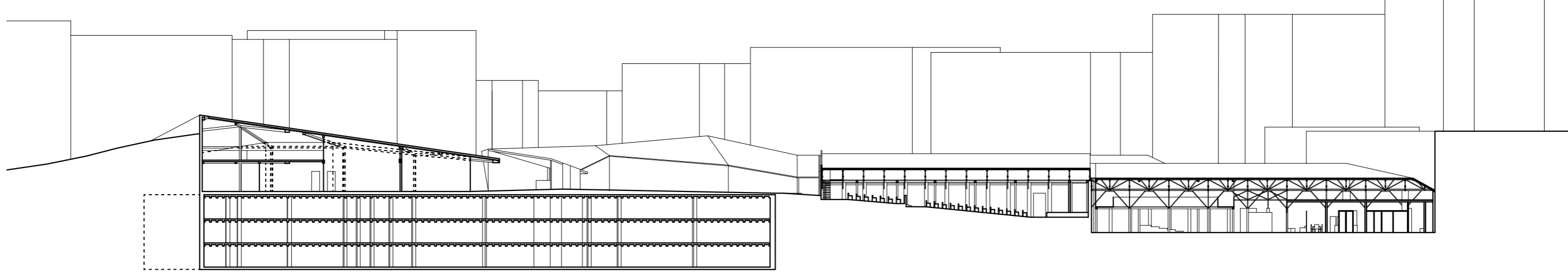




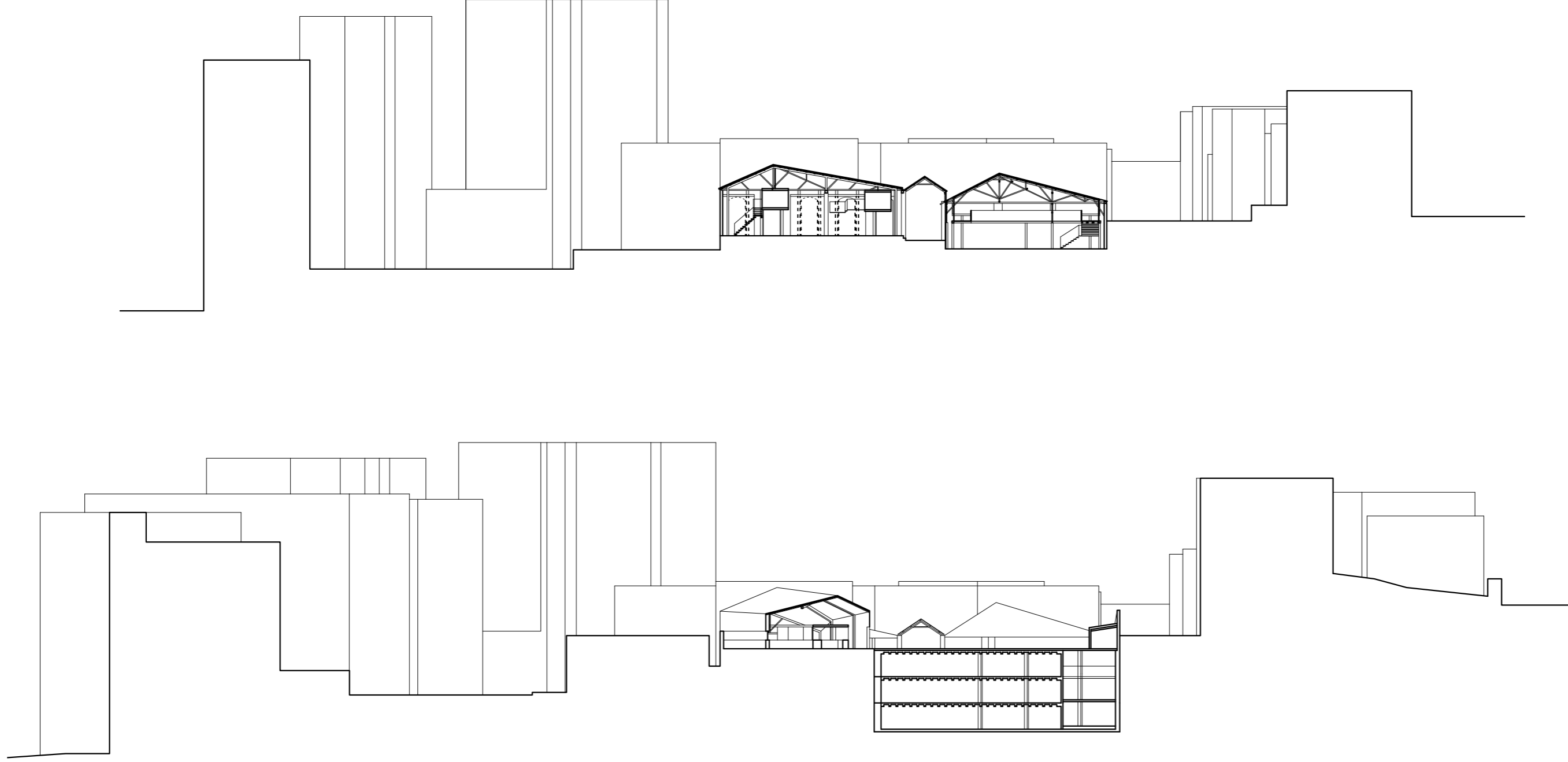




Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato		Aluno: Sara de Moraes Pereira	
Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina		N	
Planta de Cobertura	1/500	Janeiro, 2017	8/11

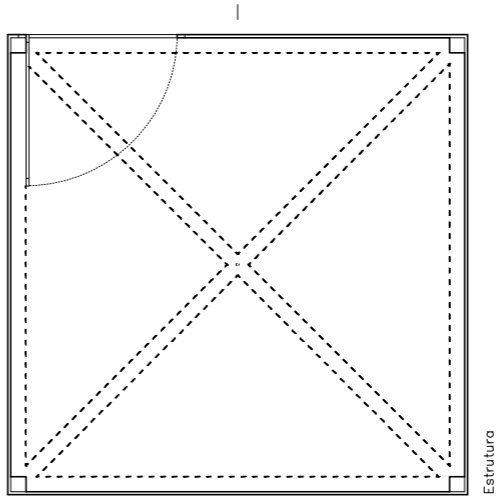
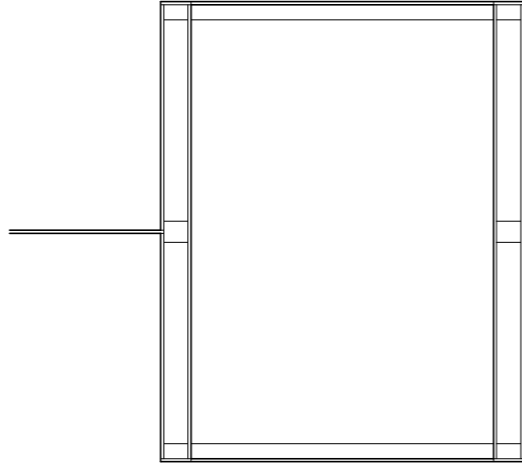
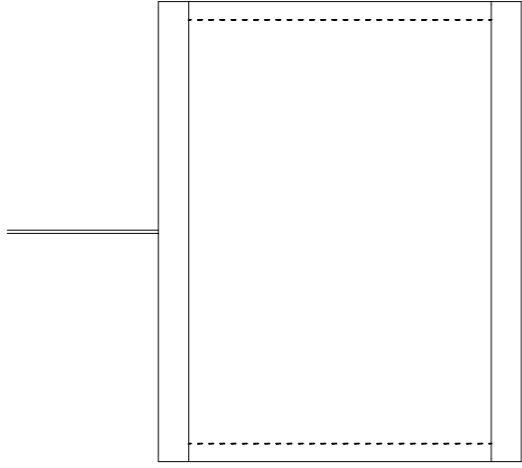
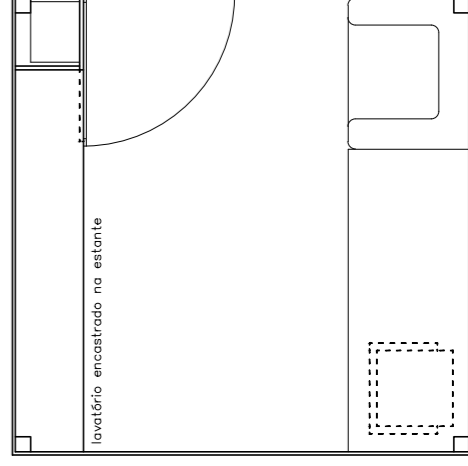
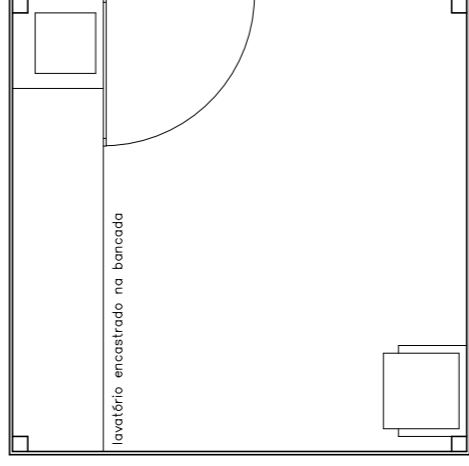
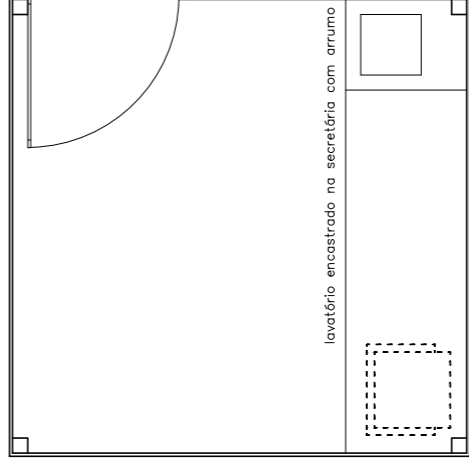
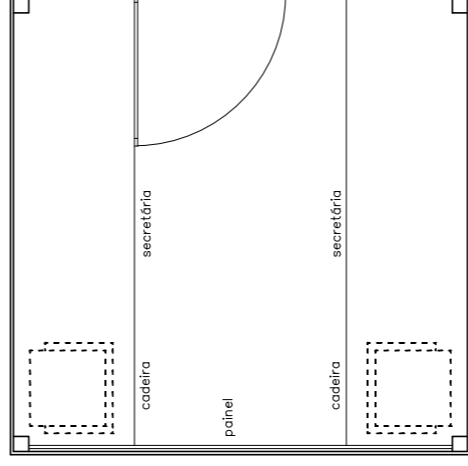
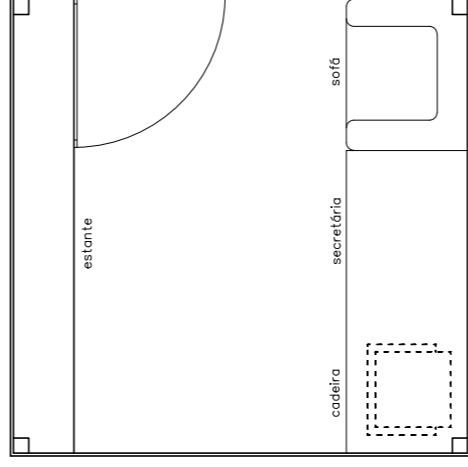
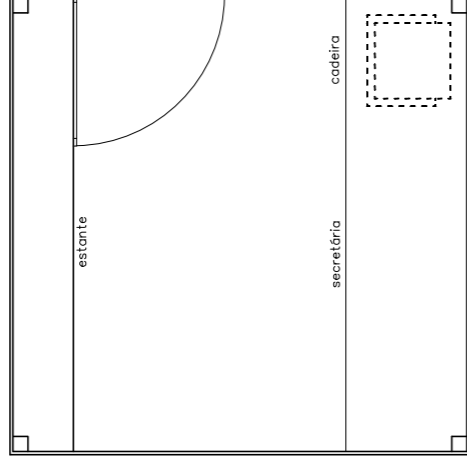
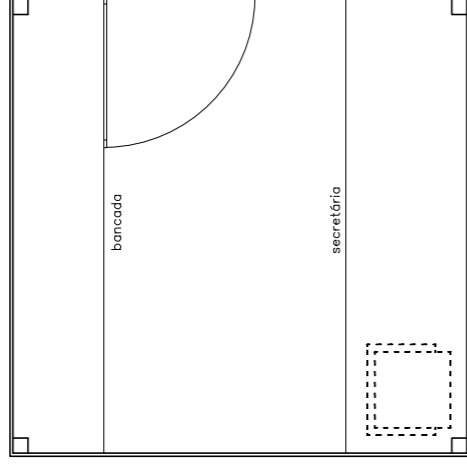
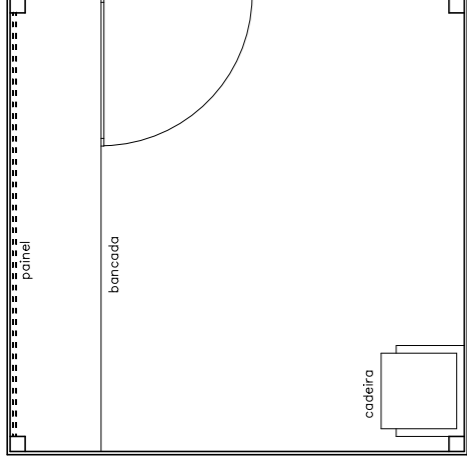
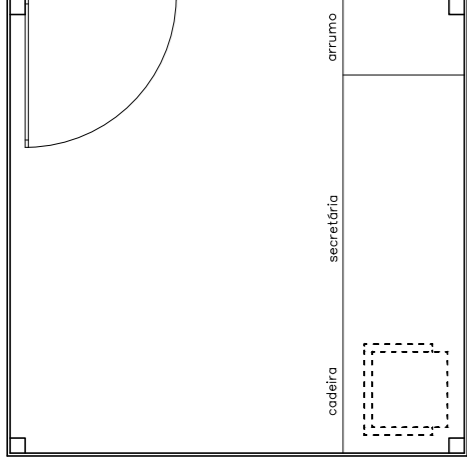


Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Moraes Pereira		9/11
Cortes Longitudinais, AA' e BB'	1/500	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina	Janeiro, 2017



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Moraes Pereira		
Cortes Transversais, CC' e DD'	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina		
	1/500	Janeiro, 2017	10/11

Exemplos de organizações interiores e diferentes peças de mobiliário



Estrutura

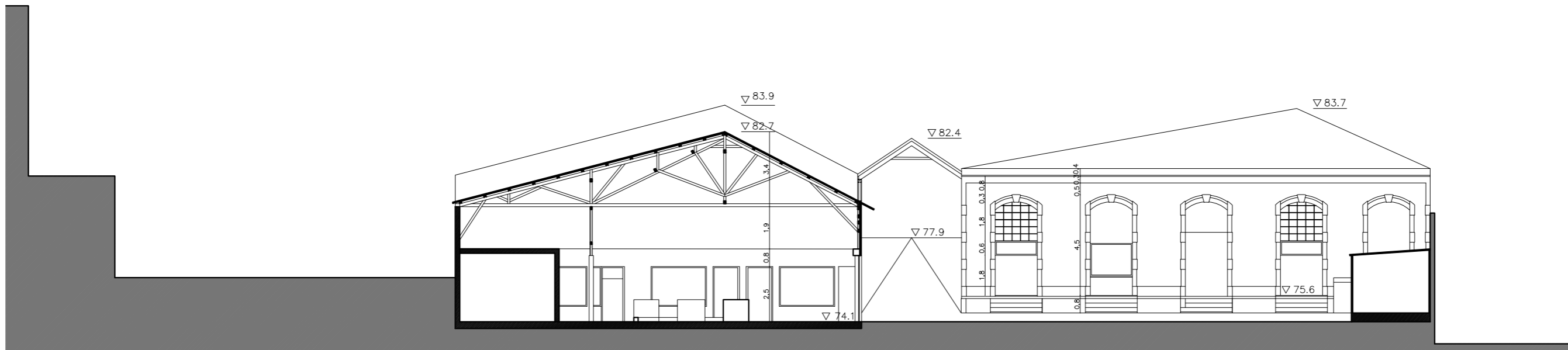
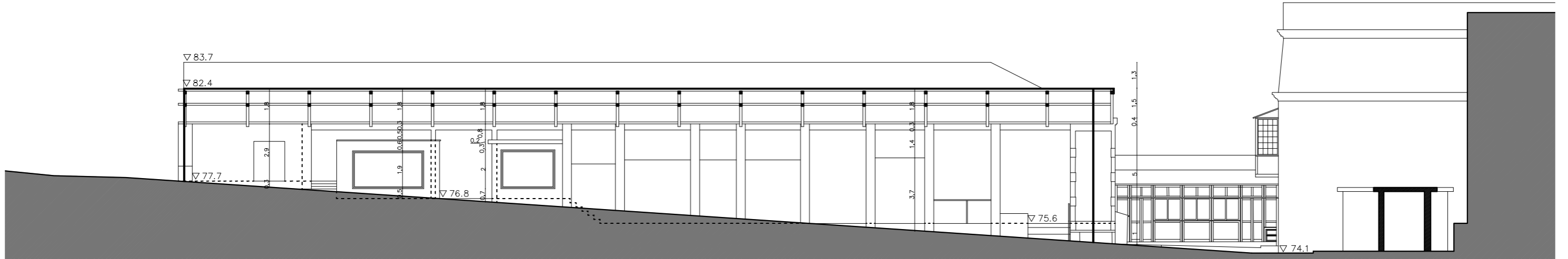
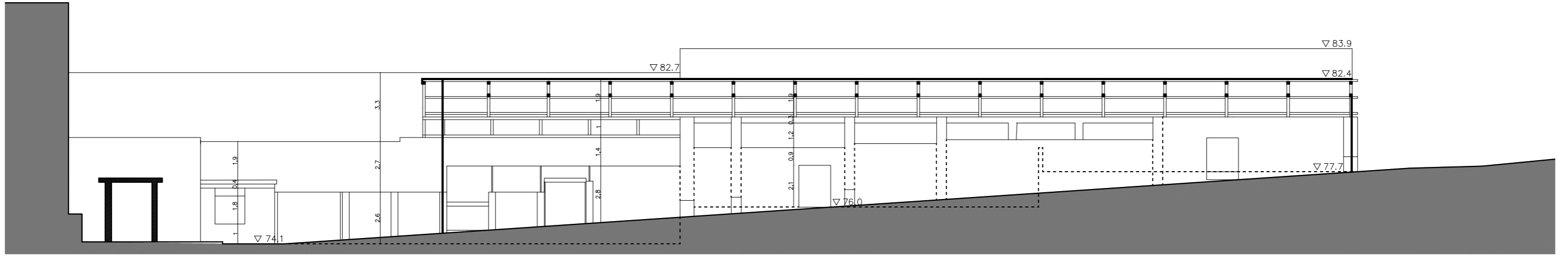
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Moraes Pereira		
Pormenorização Módulos Start-Up	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina		
	1/50	Janeiro, 2017	11/11

## 21. Desenhos Técnicos Finais de Levantamento do Mercado do Rato

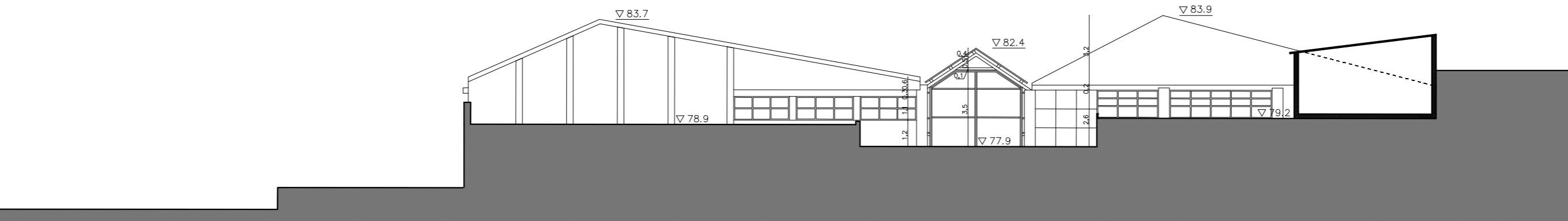
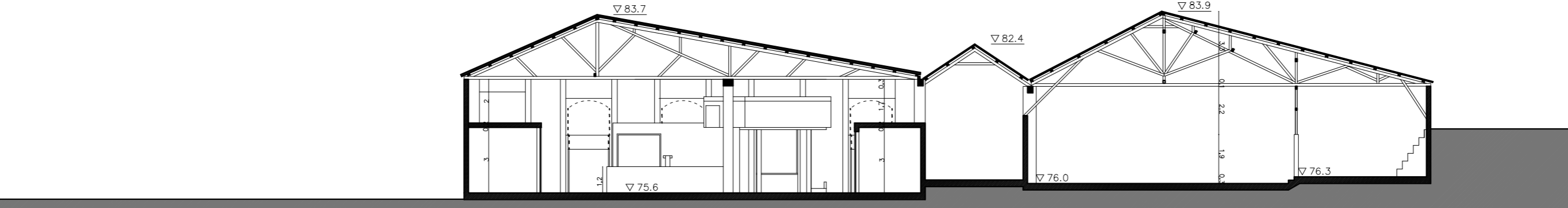
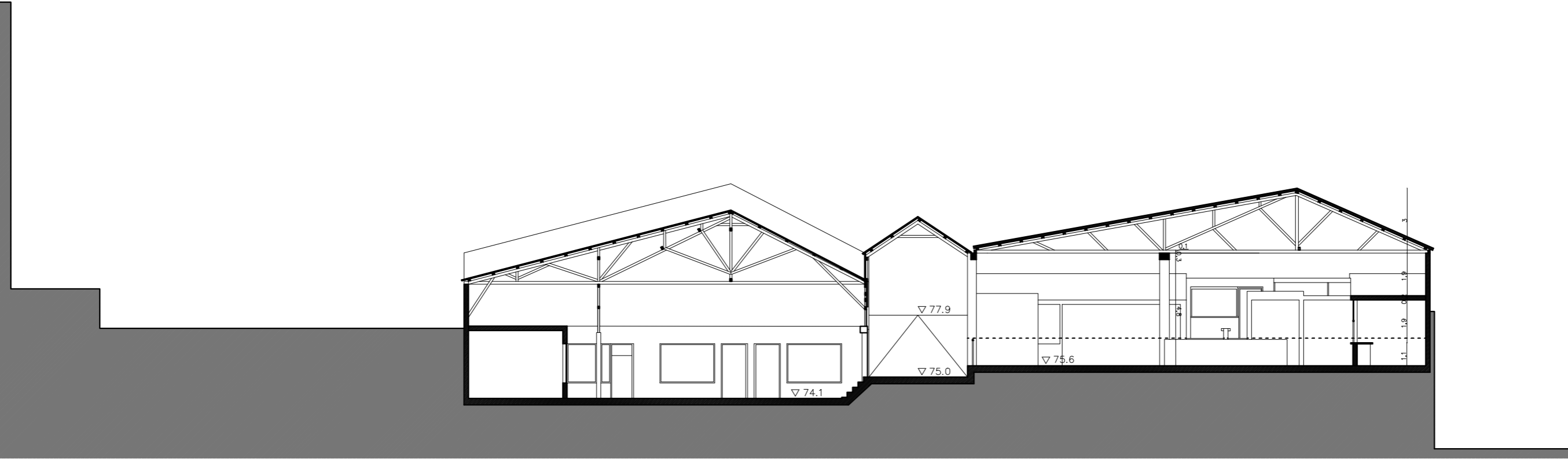








Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Levantamento Mercado do Rato		Aluno: Sara de Moraes Pereira	
Corte AA', BB' e CC'		Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina	
		1/200	Janeiro, 2017
		4/5	



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado			
<b>Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade</b>			
Levantamento Mercado do Rato		Aluno: Sara de Moraes Pereira	
Corte DD', EE' e FF'		Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina	
		1/200	Janeiro, 2017
			5/5

22. Maquete Final Terreno 1/2000

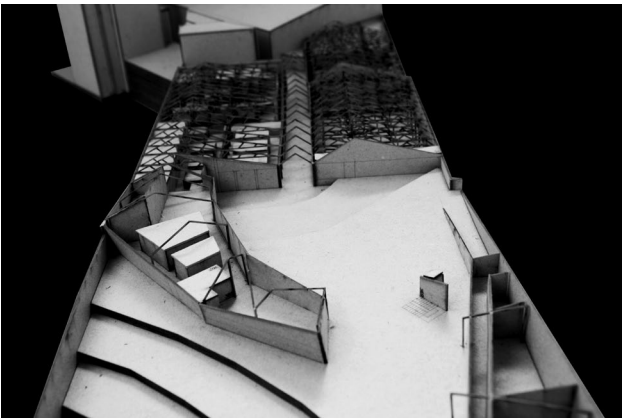
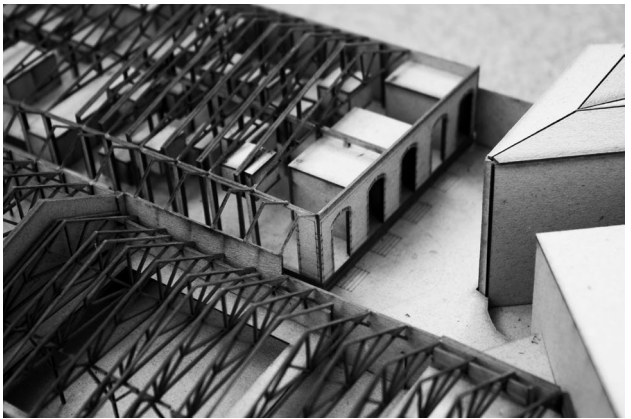




Fonte: elaborado pelo autor

23. Maquete Final - Projecto 1/200





## 24. Paineis Finais - Apresentação Gráfica do Projecto Final de Mestrado

### 1. Planta de Enquadramento na Cidade de Lisboa Escala 1/2000

Cartografia Histórica da Área em Estudo

### 2. Axonometria da Proposta

### 3. Planta Nível 71 | Planta Nível 75.1 Escala 1/200

### 4. Planta Nível 77.3 | Planta Nível 79 Escala 1/200

### 5. Planta Nível 80.5 Escala 1/200 | Planta Cobertura Escala 1/500

### 6. Cortes e Alçado Escala 1/200

Perspectiva Novos Volumes, Praça e Pomar-horta

### 7. Corte Escala 1/50

Perspectivas Entrada, Interiores da Exposição e Start-Up's

### 8. Planta Escala 1/50

Planta Escala 1/20 e Perspectivas - Módulo Tipo Start-Up e

Propostas de Uso

### 9. Corte Escala 1/20 | Pormenorização 1/10



1856/58 Filipe Folque combinada com 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016 1:2000



**MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO**  
 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado  
 Projecto Final de Mestrado | Sara de Morais Pereira | Março 2017 | Orientação: Prof. Dr. Mário Kong, Prof. Dr. Bárbara Massapina Vaz | Escala 1:2000



## Mercado do Rato

1. O Mercado do Rato é definido pela sua forma simples, naves amplas cobertas a duas águas. Uma área exterior em cada entrada e um percurso de ligação em rua murada da Rua Alexandre Herculano à Rua Rodrigo da Fonseca.

2. O interior é demarcado por uma repetição de asnas em madeira, sustentadas em paredes fechadas ao exterior. A asna e o sistema de repetição são os impulsionadores da reabilitação.

3. A asna de madeira é re-interpretada para uma estrutura de pórtico metálico, que dialoga mas se diferencia da pré-existência, assume o seu tempo actual e oferece maior complexidade construtiva. O pórtico sustem os elementos adicionados e define os novos volumes. A memória é impregnada na materialidade e o tempo é expresso pelos diálogos interventivos.

4. Com o desejo de criar uma comunidade inovadora, uma Indústria Criativa foi materializada em módulos de Start-Up's, Incubadoras e Co-working. Âncora para progresso e criatividade, um rejuvenescer do lugar. Adaptáveis a diversas áreas de investigação, dispostos tridimensionalmente na anterior nave de mercado. Também é lugar do novo mercado, num patamar superior. Projectos temporários, alternativos, de produtos naturais, apoio a novos agricultores e novas associações.

5. A antiga nave da peixaria é a nave de entrada, de recepção e promoção das novas ideias das incubadoras, através da área expositiva temporária. Na galeria superior é criada uma exposição permanente do recordar os Mercados de Lisboa.

6. Na antiga nave da higiene urbana surge o auditório que tanto procura responder às necessidades das Start-Up's, como ser um espaço para a comunidade. O auditório é versátil, podendo ser também uma área de estudo, pelos bancos desenvolverem-se em mesas retrácteis.

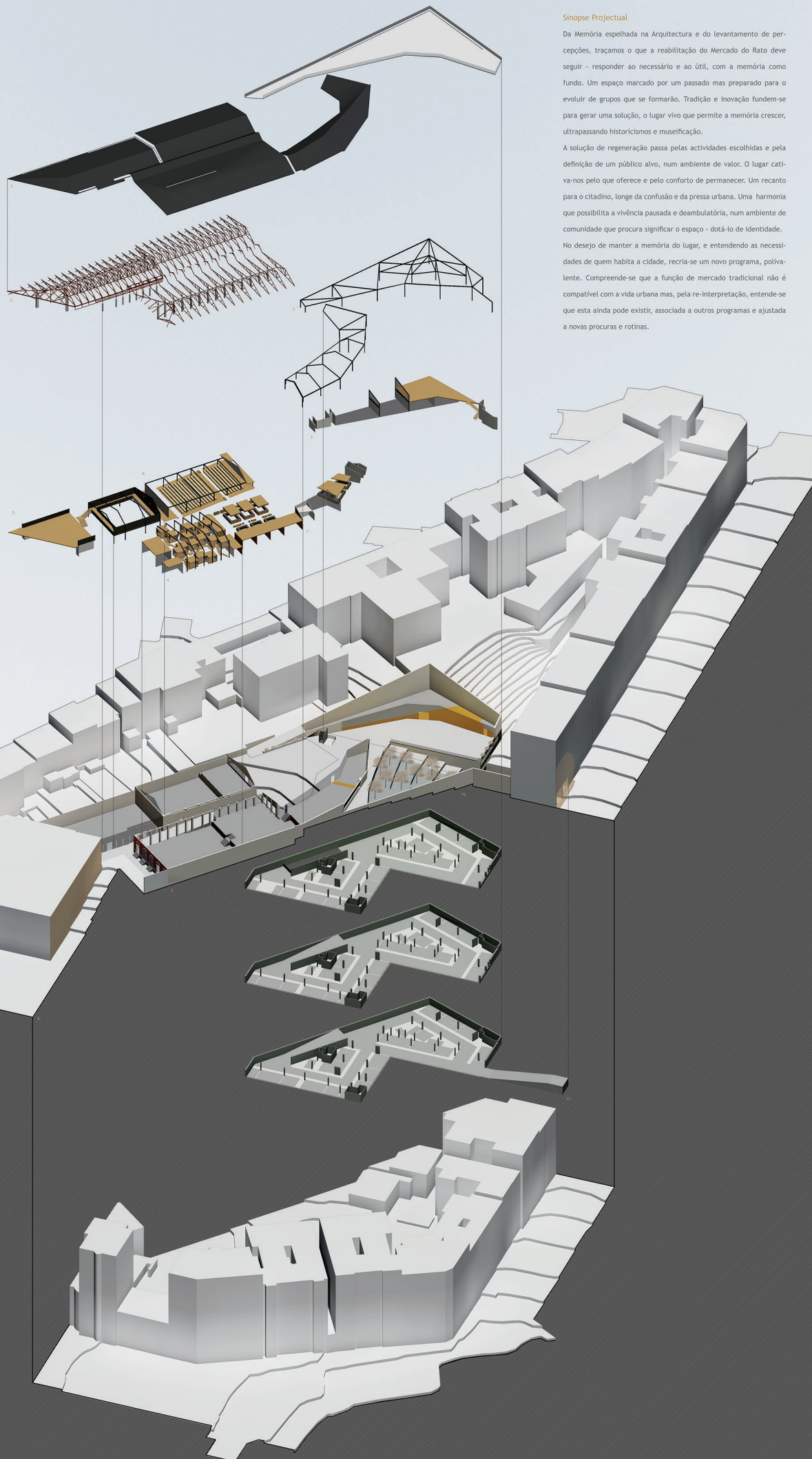
7. Dois novos volumes são criados. O primeiro advém da pré-existência, continuando o mercado com restauração e zonas de estar. O segundo fecha o lote numa cobertura-rampa, sendo o interior cuidado pela Associação "Boa Vizinhaça", com a "Loja D. Ajuda". Possui salas amplas, adaptáveis a apoio de novas associações, às Start-Up's, ou para actividades para a comunidade.

8. Fechado num interior de quarteirão, encontra o anonimato, com a qualidade de localização num tecido consolidado central. Sendo um Pólo Criativo, quer-se que a Arte tenha um papel forte no espaço. Ao manter-se o percurso em rua de acesso, estas são transformadas em corredores ilustrados, para uma nova imagem urbana.

9. O elemento de maior data é a fachada pré-industrial em tijolo de burro, correspondente ao edifício original, a Carpintaria Portuguesa.

10. A praça pública é um dispositivo de estadia e encontro urbano, um retorno ao mercado na Agora Grega. Tem função de edificar e reforçar laços sociais. Caracterizada pelo mercado e pelo auditório que se estendem ao exterior, por esplanadas, bancos e actividades para a população. Existe uma zona de jardim-pomar, cuidada pela comunidade.

11. É aberto um novo túnel ao lado do pré-existente, de acesso a um parque de estacionamento subterrâneo, com 167 lugares desenvolvido em 3 pisos.



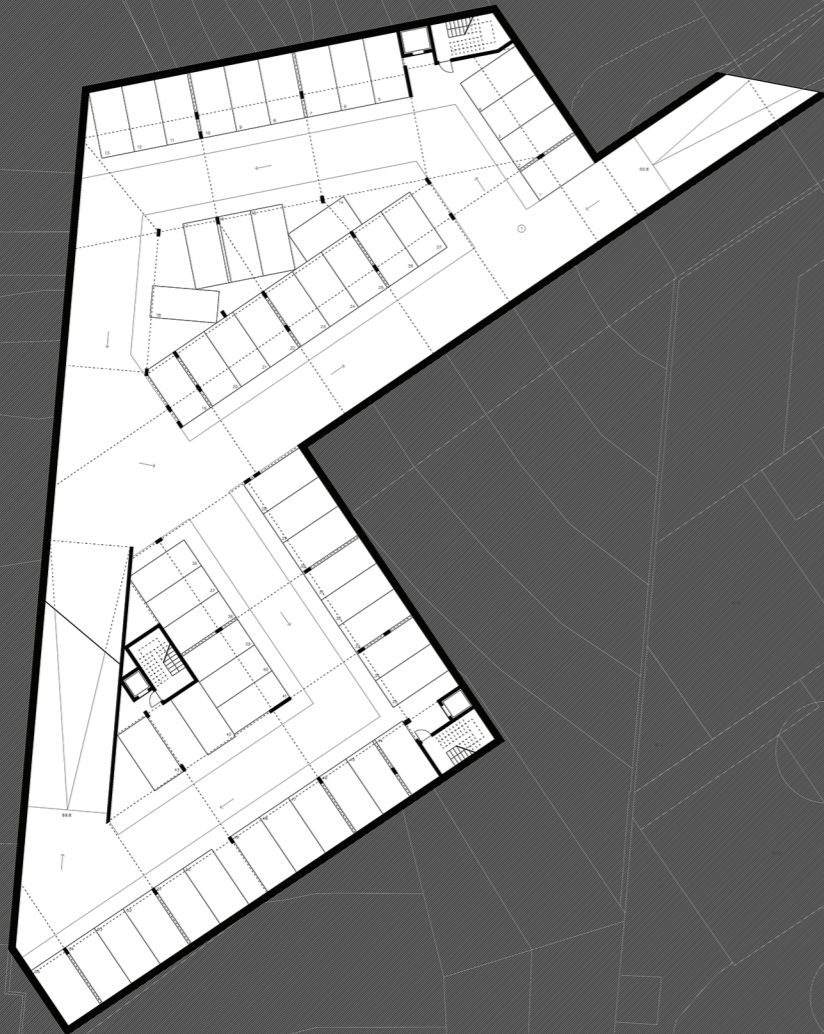
## Síntese Projectual

Da Memória espelhada na Arquitectura e do levantamento de percepções, traçamos o que a reabilitação do Mercado do Rato deve seguir - responder ao necessário e ao útil, com a memória como fundo. Um espaço marcado por um passado mas preparado para o evoluir de grupos que se formarão. Tradição e inovação fundem-se para gerar uma solução, o lugar vivo que permite a memória crescer, ultrapassando historicismos e museificação.

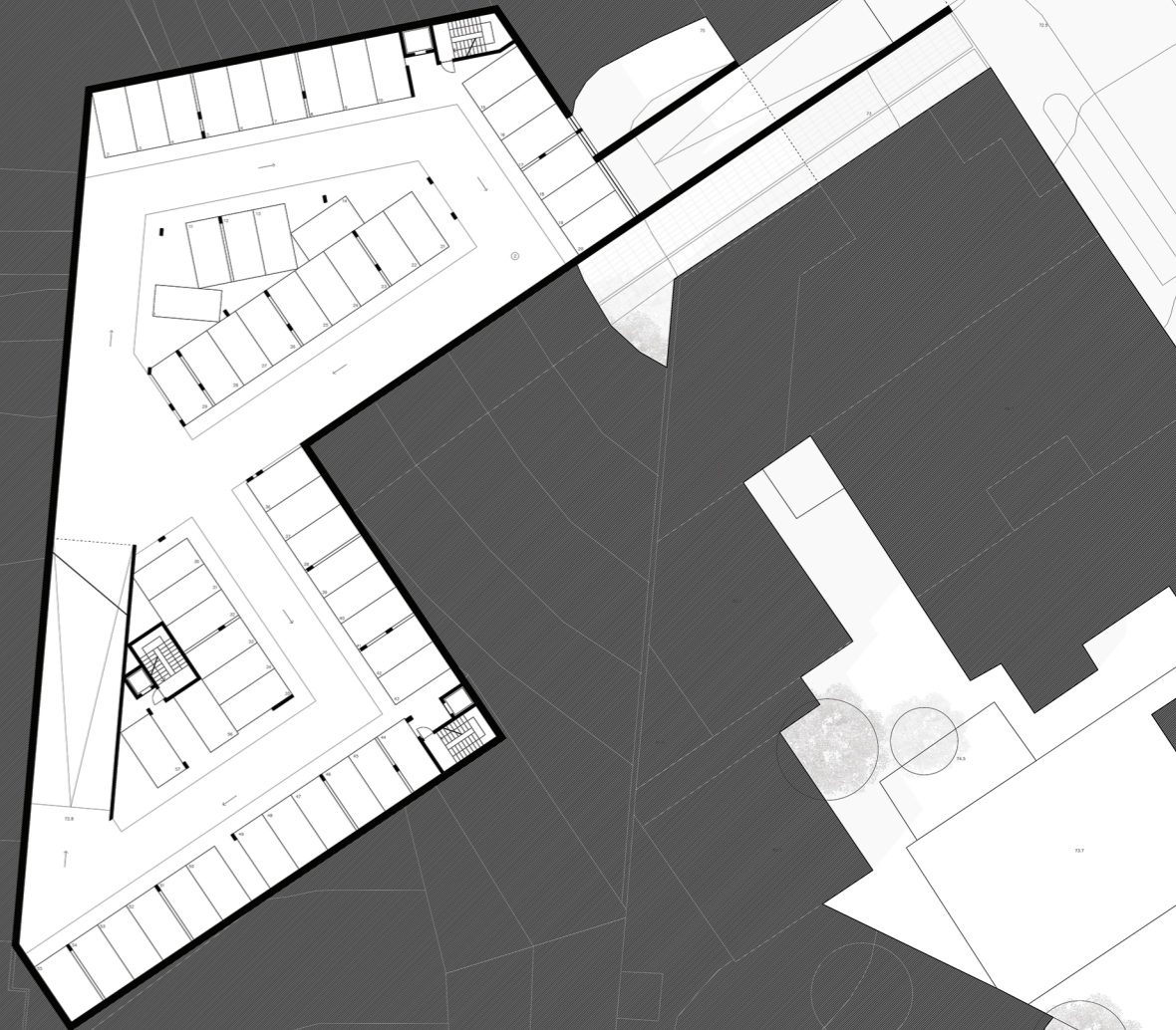
A solução de regeneração passa pelas actividades escolhidas e pela definição de um público alvo, num ambiente de valor. O lugar cativa-nos pelo que oferece e pelo conforto de permanecer. Um recanto para o cidadão, longe da confusão e da pressa urbana. Uma harmonia que possibilita a vivência pausada e deambulatória, num ambiente de comunidade que procura significar o espaço - dotá-lo de identidade.

No desejo de manter a memória do lugar, e entendendo as necessidades de quem habita a cidade, recria-se um novo programa, polivalente. Compreende-se que a função de mercado tradicional não é compatível com a vida urbana mas, pela re-interpretação, entende-se que esta ainda pode existir, associada a outros programas e ajustada a novas procuras e rotinas.

Legenda  
1. Estacionamento -3 - 2090m2



Legenda  
2. Estacionamento -2 - 1950m2  
3. Arrumos - 14m2  
4. Banheiro funcionários - 50m2  
5. I.S. pública - 43m2  
6. I.S. start-up - 33m2  
7. Sala de estar - 34m2  
8. Administração - 34m2  
9. Recepção - 80m2  
10. Exposição temporária - 320m2



Legenda

- 11. Estacionamento -1, 1950m<sup>2</sup>
- 12. Exposição permanente, 120m<sup>2</sup>
- 13. Coworking, 49m<sup>2</sup>
- 14. Coworking, 20m<sup>2</sup>
- 15. Módulo start-up, 9m<sup>2</sup>
- 16. Área de estar, 360m<sup>2</sup>
- 17. Sala de reunião, 22m<sup>2</sup>
- 18. Sala de reunião, 27m<sup>2</sup>



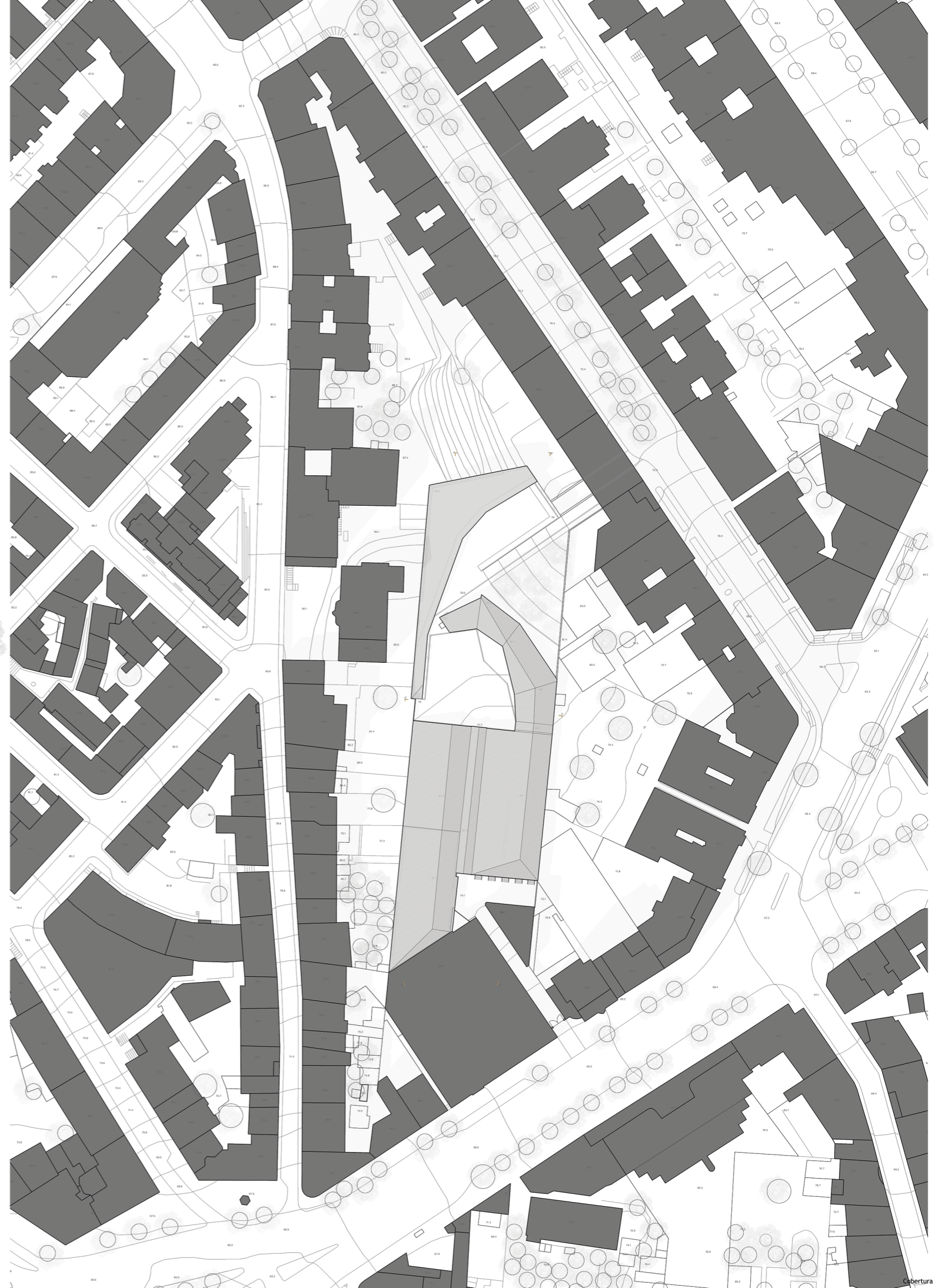
Legenda

- 19. Auditório, 600m<sup>2</sup>
- 20. Loja, 26m<sup>2</sup>
- 21. Loja, 24m<sup>2</sup>
- 22. Loja, 25m<sup>2</sup>
- 23. I.S. pública, 26m<sup>2</sup>
- 24. Mercado, 295m<sup>2</sup>

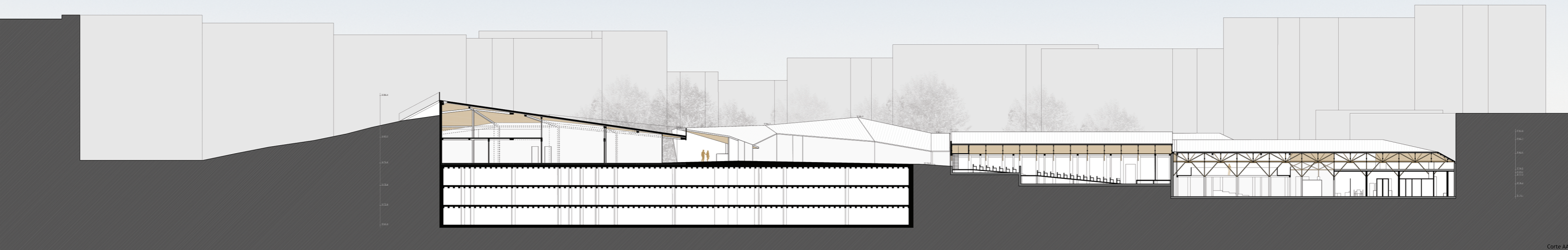


Legenda

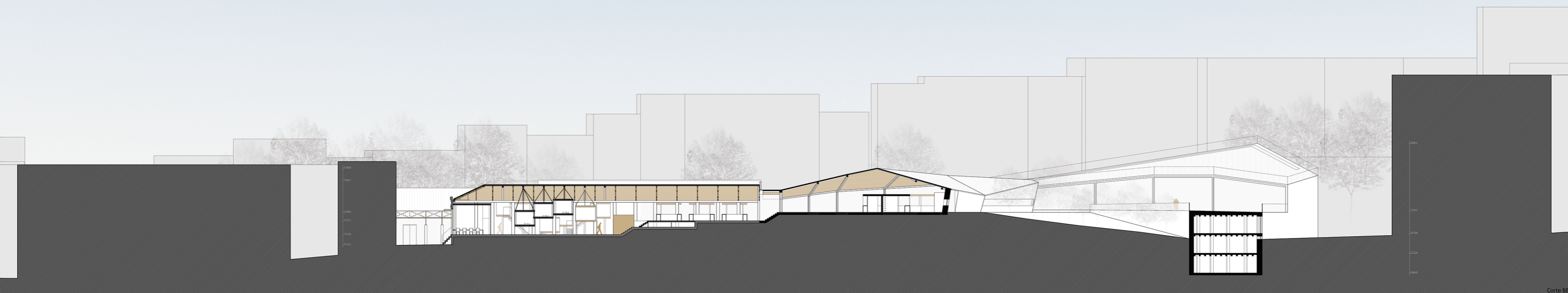
- 25. Restaurante - 64m<sup>2</sup>
- 26. Mercado e restauração - 335m<sup>2</sup>
- 27. Praça extensão de mercado, esplanada e auditório - 700m<sup>2</sup>
- 28. Esplanada - 100m<sup>2</sup>
- 29. Jardim, área de plantação, pomar, horta comunitária - 450m<sup>2</sup>
- 30. Praça de actividades e workshops - 575m<sup>2</sup>
- 31. Recepção e Loja D. Ajuda - 185m<sup>2</sup>
- 32. Mezanine Loja D. Ajuda - 180m<sup>2</sup>
- 33. Sala multútilos - 76m<sup>2</sup>
- 34. Sala multútilos - 72m<sup>2</sup>
- 35. I.S. pública - 28m<sup>2</sup>



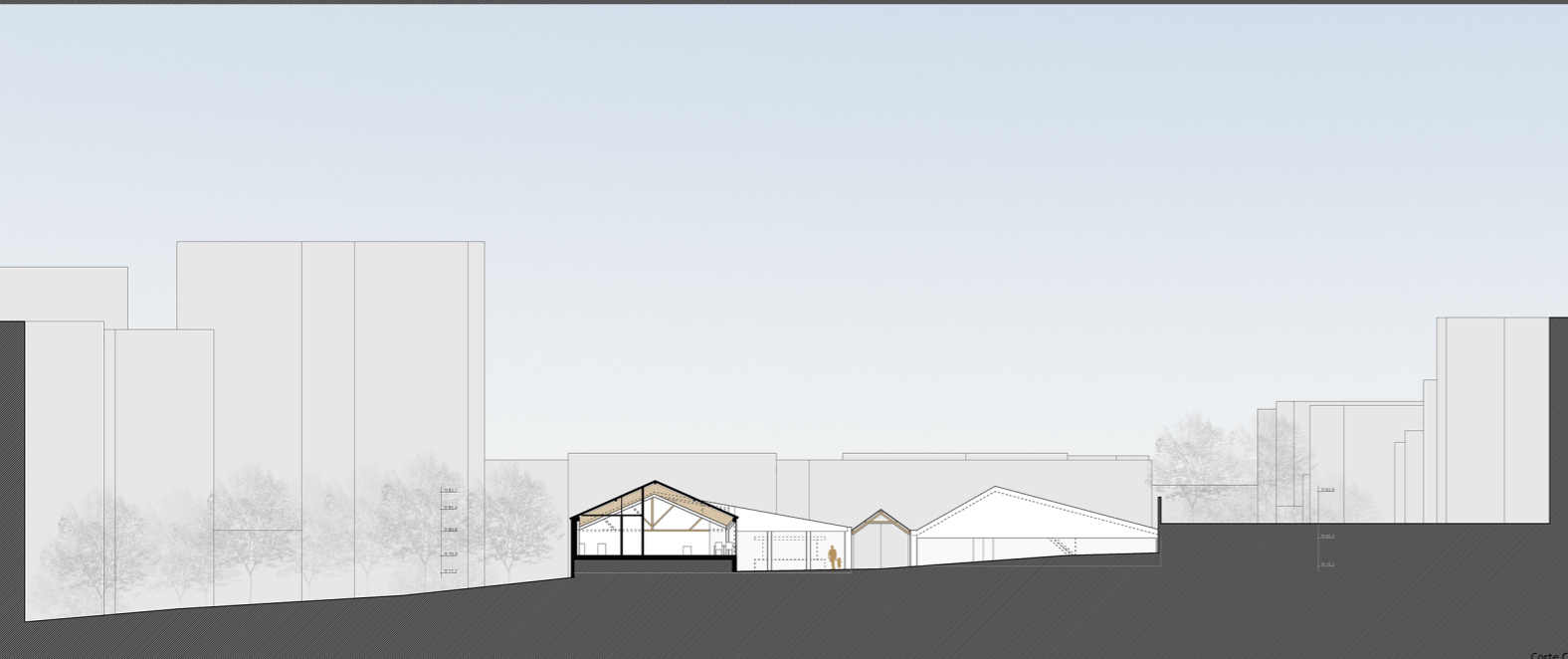
Nível 80,5



Corte AA



Corte BB



Corte CC



Perspectiva dos novos volumes. Praça de actividades e pomar



Entrada - fachada Carpintaria Mecânica Portuguesa



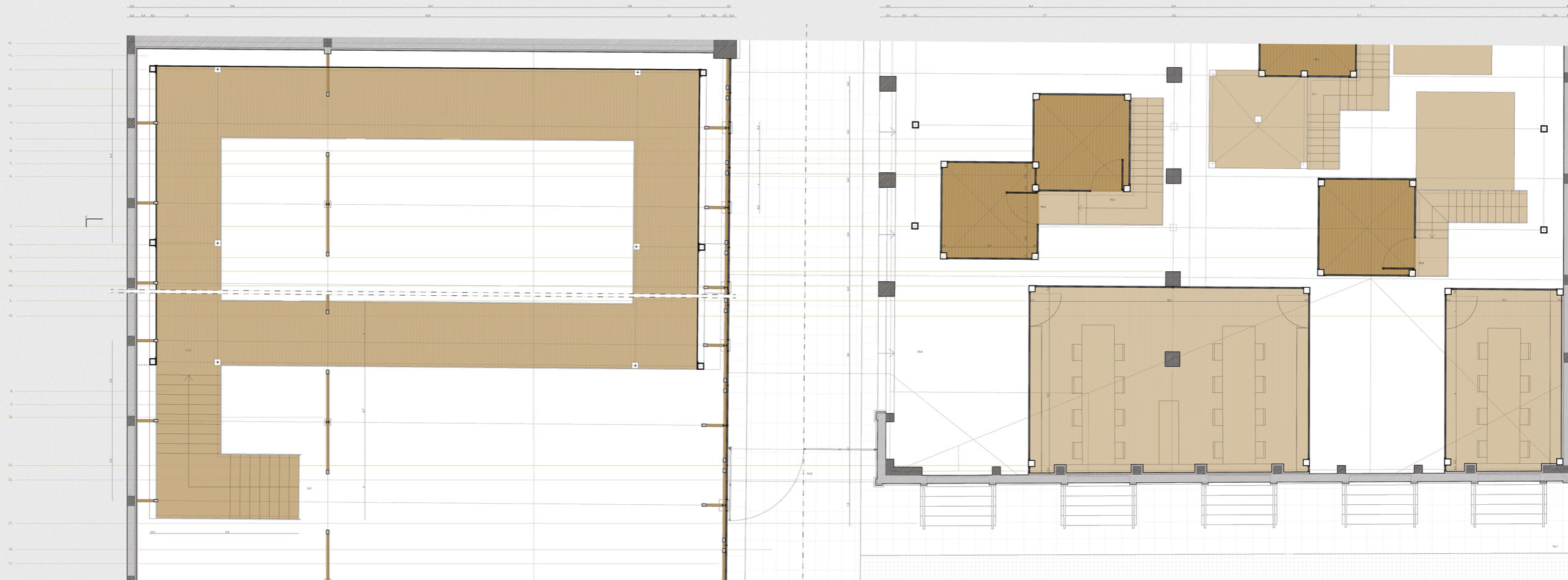
Nave de peixaria - área expositiva



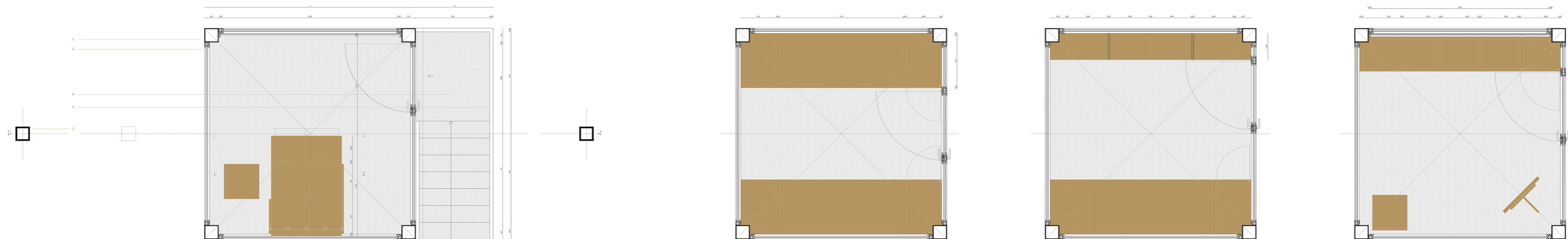
Nave de mercado - módulos de Start-Up's

**Legenda de materiais**

1. Cobertura zinco assente sobre tela pitonada, isolamento térmico XPS, placa de contraplacado, com vão zenital à face em vidro duplo com caixilho de alumínio 2. Estrutura em pórtico metálico, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20cm 3. Estrutura de suporte ao módulo, 2 conjuntos de suspensão com 2 pernas e 1 conjunto de suspensão com 5. Placa de base, parafusos de ancoragem, manilha, cabo traccionado em aço, clips conectores de suspensão, olhal, banda fixativa 4. Estrutura em asnas de madeira pré-existente, pinho bravo reforçado pontualmente por elementos metálicos 5. Parede pré-existente, reboco pintado, parede de tijolo furado, placa em PLADUR 6. Vidro duplo em caixilho de alumínio 7. Estrutura metálica módulo, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20, 20x12, painel superior e inferior em contraplacado laminado, isolamento térmico XPS, caixa técnica, contraplacado laminado 8. Escada suportada por viga de aço, perfil tubular secção quadrada 20x12, degrau em contraplacado laminado assente sobre chapa metálica 9. Vidro temperado com suportes em aço 10. Estrutura em pórtico de betão armado 11. Pavimento contínuo em microcimento 12. Cobertura zinco assente sobre tela pitonada, placa de contraplacado 13. Chapa metálica em aço escovado com remate para vão zenital 14. Cabo de suporte à galeria, placa de base, parafusos de ancoragem, manilha, cabo traccionado em aço, clips conectores de suspensão, olhal, banda fixativa 16. Pavimento em contraplacado laminado assente sobre chapa metálica 17. Estrutura pré-existente em pinho bravo com reforços em betão e elementos metálicos, fachada em vidro duplo com caixilho em alumínio 18. Pavimentos exteriores em pedra calcária 40x40, 60x30 e calçada portuguesa 4x5 19. Parede pré-existente, reboco pintado, parede de tijolo furado, isolamento térmico XPS, placa em PLADUR 20. Estrutura pré-existente em pinho bravo com reforços em betão e elementos metálicos 21. Escada exterior em betão 22. Fachada pré-existente em tijolo de burro reforçada com estrutura em betão armado 23. Fachada pré-existente em tijolo de burro reforçada com estrutura em betão armado, isolamento térmico XPS, placa de PLADUR 24. Estrutura metálica módulo, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20, 20x12, painel superior em contraplacado laminado, isolamento térmico XPS, caixa técnica, contraplacado laminado, pavimento e rodapé em contraplacado laminado



Nível 78.8 Nível 80.0



Módulo tipo - propostas de uso



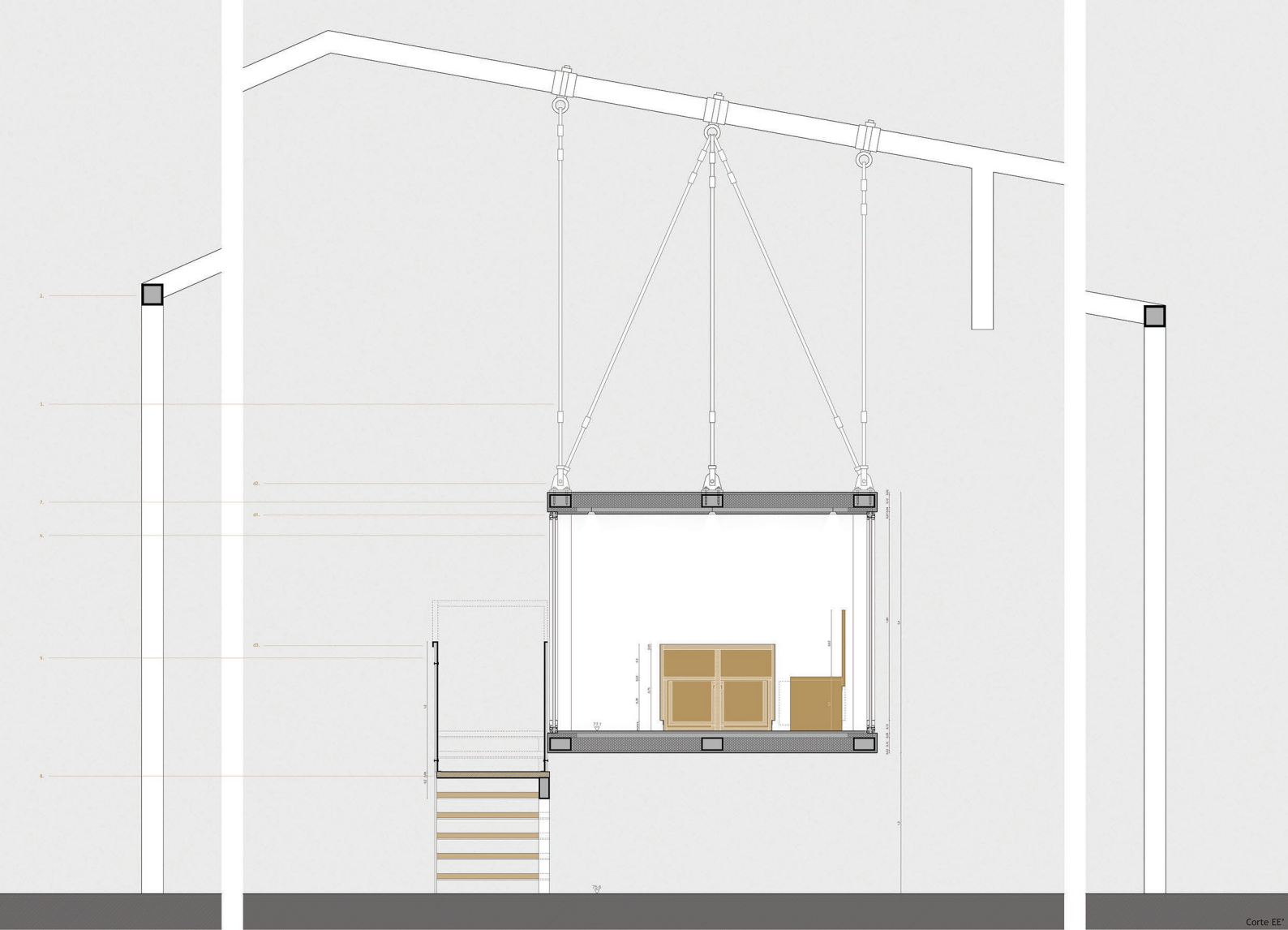
Colectivo duas pessoas



Exposição/Instalação



Trabalho individual



Corte EE'

